



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

Educação Financeira: Uma abordagem à poupança

Fátima Bianca Cardoso Peres



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Fátima Bianca Cardoso Peres

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

Educação Financeira: Uma abordagem à poupança

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Doutora Lina Fonseca

novembro de 2021

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

Paulo Freire

This work is supported by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology, I. P., in the context of the project PTDC/CED-EDG/32422/2017

AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim deste percurso académico de cinco anos, está na altura de agradecer a todas as pessoas que tornaram possível esta concretização de um sonho.

Agradeço à minha orientadora, professora doutora Lina Fonseca, por todo o apoio e ensinamentos ao longo deste ano. Obrigada de coração!

Agradeço também a todos os professores que durante estes cinco anos me acompanharam e contribuíram para a profissional que me tornei.

Aproveito também para agradecer a todas as professoras cooperantes com quem tive o privilégio de me cruzar e trabalhar, à educadora Anabela e à professora Ana Catarina, assim como a todas as crianças e alunos com quem me cruzei.

Obrigada à educadora Juca, à Ira, à Patrícia, à Dona Elisa, à professora Lia e a todos os professores e pessoal não docente de onde realizei o meu estágio em contexto do 1.º Ciclo por todo o carinho e conselhos dados.

O agradecimento mais especial vai para os meus pais que tiveram um papel muito importante na realização deste sonho. Obrigada por todo o apoio que me deram e por terem acreditado sempre em mim e nas minhas capacidades. Obrigada pelas palavras que me ajudaram a superar os momentos mais difíceis desta caminhada e por terem feito parte dela.

Agradeço também a todos os meus familiares por todo o apoio e pela força que me deram.

À minha prima Beatriz e à minha prima Arianne por todos os momentos de descontração e de riso que me deram vontade, força e coragem para continuar.

À minha afilhada Matilde, por todos os abraços, beijinhos e brincadeiras que, mesmo sem ela entender, me deram força para continuar a lutar.

À Cíntia Rocha, a minha última parceira de estágio, uma das melhores amizades que este percurso académico me deu. Obrigada por todo o apoio e força que me deste, por todos os momentos que vivemos juntas e acima de tudo por termos sido o pilar uma da outra quando as coisas não corriam tão bem. Obrigada por tudo, mesmo!

Obrigada a todos que contribuíram para que este percurso fosse tão especial. Ser-vos-ei eternamente grata por todo o apoio.

RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), integrada no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Como cidadãos e consumidores, somos confrontados com a necessidade de tomar decisões financeiras todos os dias, logo é urgente dotar todos os cidadãos de uma boa Educação Financeira (EF). Apesar de esta temática parecer complexa para as crianças, é necessário apresentá-la o mais cedo possível, adequando conceitos e as atividades à sua maturidade. Por esta razão, desenvolveu-se, junto de uma turma do 4.º ano de escolaridade, um estudo que pretendia aferir os conhecimentos e as fragilidades dos alunos acerca de questões financeiras, bem como perceber como os alunos transferiam os seus conhecimentos de EF para o dia a dia e desenvolver conceitos ligados ao tema (poupança, necessário, supérfluo, entre outros). Para orientar este estudo foram definidas três questões: Que conhecimentos manifestam os alunos, em relação à Educação Financeira?; Como é que os alunos resolvem problemas matemáticos que envolvem dinheiro? Quais as suas dificuldades?; Como é que os alunos transferem os seus conhecimentos sobre Educação Financeira para o seu dia a dia? Que dificuldades revelam?

Tendo em conta o problema e as questões de investigação, optou-se por uma metodologia qualitativa, tendo-se seguido o método da investigação-ação. Foram utilizados diferentes métodos de recolha de dados: a observação, os inquéritos, os meios audiovisuais, de vídeo e fotografia, e os documentos dos alunos. A Proposta Didática implementada no âmbito da EF, contou com seis tarefas e os resultados mostram que os alunos, apesar da sua lacuna de conhecimentos referentes à EF, conseguiram adquirir conhecimentos em relação à temática.

Toda esta experiência nos diferentes contextos de PES revelou-se muito positiva, não só para o meu futuro profissional, mas também porque me ajudou a gerir melhor uma turma, bem como a desenvolver capacidades como a criatividade.

Palavras chave: 1.º Ciclo do Ensino Básico; Educação Financeira; Literacia Financeira; Poupança

ABSTRACT

This study was developed during the curricular unit Prática de Ensino Supervisionada (PES), integrated in the Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico Master Degree.

As citizens and consumers, we are faced with the need to make financial decisions every day. So, it is urgent to provide all citizens a good Financial Education (EF). Although this topic seems complex for children, it is necessary to present it as soon as possible, adapting concepts and activities to their development. For this reason, this study was developed with a 4th grade class, which aimed assess students' knowledge and weaknesses about financial issues, as well to understand how students transferred their EF knowledge to day-to-day and develop concepts related to the theme (savings, necessary, superfluous, among others).

To guide this study, three questions were defined: What knowledge do students revealed in relation to Financial Education?; How do students solve math problems involving money? What are their difficulties?; How do students transfer their knowledge of Financial Education to their daily lives? What difficulties do they reveal?

Taking into account the problem and the research questions, a qualitative methodology was chosen, following the action-research method. To collect data different methods were used: observation, audiovisual media, video and photography, tasks and students' documents. The Didactic Proposal implemented in the context of EF, managed to acquire knowledge in relation to the subject.

All this experience in different contexts of PES proved to be very positive, not only for my professional future, but also because it helped me to better manage a class, as well as to develop skills such as creativity.

Keywords: Primary School; Financial Literacy; Financial Education; Savings

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO.....	iii
ABSTRACT	v
ÍNDICE	vii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	xi
ÍNDICE DE TABELAS.....	xiii
LISTA DE ABREVIATURAS	xv
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	3
CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS EDUCATIVOS	5
Caracterização do Contexto Educativo do Pré-Escolar.....	5
Caracterização do meio local	5
Caracterização do Agrupamento/Jardim de Infância	5
Caracterização da sala de atividades	6
Caracterização do grupo	8
Percurso da Intervenção Educativa no Pré-Escolar	14
Áreas lecionadas.....	14
Caracterização do Contexto Educativo do 1.º Ciclo	16
Caracterização do meio local	16
Caracterização do Agrupamento/ Escola	16
Caracterização da sala de aula e horário da turma.....	17
Caracterização da turma	19
Percurso da Intervenção Educativa no 1.º Ciclo do Ensino Básico	21
Áreas de intervenção	22
CAPÍTULO II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO.....	25

Pertinência do Estudo	27
REVISÃO DE LITERATURA.....	31
Literacia Financeira	31
Conceito de Literacia Financeira	31
A importância e o papel da escola na difusão da Literacia Financeira	32
Educação Financeira	33
Conceito de Educação Financeira	34
A importância e o papel da escola na difusão da Educação Financeira	34
Poupança	39
Conceito de poupança. Alterações ao longo dos anos	40
Estudos empíricos	42
METODOLOGIA.....	45
Opções Metodológicas	45
Participantes	47
Recolha de dados.....	48
Observação.....	49
Meios audiovisuais (vídeo e fotografia)	50
Documentos dos alunos.....	50
Inquérito.....	51
Percurso da Intervenção Educativa no 1.º Ciclo.....	51
Procedimento de análise de dados.....	58
Calendarização	60
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	63
Análise dos questionários (T1).....	63
Questão 1	63
Questão 2	63

Questão 3	65
Questões 4,5,6 e 7.....	65
Questão 8	66
Questão 9	67
Questão 10	68
Questão 11	69
Questão 12	70
Questão 13	70
Questão 14	72
Tarefa 2	78
Tarefa 3	89
Tarefa 4	105
Tarefa 5	107
Tarefa 6	110
CONCLUSÕES	121
Respostas às questões orientadoras do estudo	121
Questão 1- Que conhecimentos manifestam os alunos em relação à Educação Financeira?	121
Questão 2- Como é que os alunos resolvem problemas matemáticos que envolvem dinheiro? Quais as suas dificuldades?	123
Questão 3- Como é que os alunos transferem os seus conhecimentos sobre Educação Financeira para o seu dia a dia? Que dificuldades revelam?	124
Limitações do estudo e recomendações para intervenções futuras	126
Considerações finais.....	127
CAPÍTULO III – REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	129
Reflexão final da PES.....	131

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135
ANEXOS.....	139
Anexo 1- Inquérito	141
Anexo 2- “Que artigos comprarias?”	143
Anexo 3- “Um casaco para o cão”	145
Anexo 4- Itens necessários e supérfluos.....	147
Anexo 5- “Os irmãos Poupas”	149
Anexo 6- Problemas.....	153
Anexo 7- Meios de pagamento.....	159
Anexo 8- Planificação da tarefa 2	161
Anexo 9- Planificação da tarefa 3	165
Anexo 10- Planificação da tarefa 4	169
Anexo 11- Planificação da tarefa 5	171
Anexo 12- Planificação da tarefa 6	173

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Planta da sala de aula	18
Figura 2 Temas, subtemas e objetivos nos diferentes níveis de ensino (Educação Financeira)	37
Figura 3 Produtos escolhidos pelo aluno JO	80
Figura 4 Produtos escolhidos pelo aluno DT	80
Figura 5 Produtos escolhidos pelo aluno AF	81
Figura 6 Resposta do aluno RT	87
Figura 7 Resposta dada pelo aluno MV	88
Figura 8 Resposta dada pelo aluno VP	88
Figura 9 Esquema síntese preenchido pelo GM.....	90
Figura 10 Resposta do aluno AP	92
Figura 11 Resposta do aluno DT	92
Figura 12 Resposta do aluno DB.....	92
Figura 13 Resposta do aluno JA.....	93
Figura 14 Resposta do aluno GM	93
Figura 15 Resposta do aluno LG	93
Figura 16 <i>Despesas necessárias e supérfluas (problema 1)</i>	94
Figura 17 Orçamento realizado pelo grupo 1	95
Figura 18 Orçamento realizado pelo grupo 2	97
Figura 19 Despesas supérfluas e necessárias identificadas pelo grupo 3.....	98
Figura 20 Orçamento elaborado pelo grupo 3.....	99
Figura 21 Despesas necessária e supérfluas (grupo 4)	100
Figura 22 Orçamento realizado pelo grupo 4	100
Figura 23 Despesas necessárias identificadas pelo grupo 5	101
Figura 24 Despesas supérfluas identificadas pelo grupo 5	101
Figura 25 Orçamento realizado pelo grupo 5	102
Figura 26 Despesas necessárias e supérfluas identificadas pelo grupo 6.....	103
Figura 27 Orçamento realizado pelo grupo 6	103
Figura 28 Exercício acerca dos meios de pagamento	109
Figura 29 Resposta dos alunos (meios de pagamento)	109
Figura 30 Quantidades recomendadas de cada alimento para crianças e adultos	111

Figura 31 Ementa criada pelo grupo 1	112
Figura 32 Ementa criada pelo grupo 2	113
Figura 33 Ementa criada pelo grupo 3	113
Figura 34 Ementa criada pelo grupo 4	114
Figura 35 Ementa criada pelo grupo 4	115
Figura 36 Ementa criada pelo grupo 5	115
Figura 37 Ementa criada pelo grupo 6	116
Figura 38 Primeira ementa criada pelo aluno RE.....	117
Figura 39 Segunda ementa criada pelo aluno RE.....	117

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Horário da turma	19
Tabela 2 Calendarização das tarefas	51
Tabela 3 Temas, subtemas e objetivos do REF trabalhados	52
Tabela 4 Objetivos da Tarefa 1.....	53
Tabela 5 Objetivos da Tarefa 2.....	54
Tabela 6 Objetivos da Tarefa 3.....	55
Tabela 7 Objetivos da Tarefa 4.....	56
Tabela 8 Objetivo da Tarefa 5	57
Tabela 9 Objetivos da Tarefa 6.....	57
Tabela 10 Relação entre as questões orientadoras e as categorias de análise.....	59
Tabela 11 Categorias de análise em cada uma das tarefas	60
Tabela 12 Calendarização do estudo	61
Tabela 13 Dados da questão 1	63
Tabela 14 Dados da questão 2	64
Tabela 15 Dados da questão 3	65
Tabela 16 Justificações da questão 8	67
Tabela 17 Dados da questão 9	68
Tabela 18 Justificações para a questão 10.....	69
Tabela 19 Classificação dos jogos de consola	72
Tabela 20 Classificação do arroz	72
Tabela 21 Classificação das gomas.....	73
Tabela 22 Classificação dos brinquedos.....	73
Tabela 23 Classificação da carne.....	74
Tabela 24 Dados sobre as 20 camisolas	74
Tabela 25 <i>Classificação do jantar fora</i>	74
Tabela 26 Classificação da ida ao cinema	75
Tabela 27 Classificação dos livros	75
Tabela 28 <i>Classificação da fruta</i>	76
Tabela 29 Dados sobre a bicicleta.....	76
Tabela 30 Classificação da ida de férias	76
Tabela 31 Classificação do telemóvel 5G	77

Tabela 32 Produtos que os alunos comprariam	78
Tabela 33 Itens necessários para umas férias no Algarve	81
Tabela 34 Itens necessários para uma ida à escola	82
Tabela 35 <i>Perguntas e respostas que ajudaram os alunos a entender o conceito de “necessário”</i>	83
Tabela 36 Perguntas e respostas para a consolidação de conceitos	84
Tabela 37 Perguntas e respostas para a consolidação da diferença entre “necessidade” e “desejo”	84
Tabela 38 Razões pelas quais os alunos consideraram os bilhetes de avião supérfluos	86
Tabela 39 <i>Razões pelas quais os alunos consideraram os brinquedos supérfluos</i>	87
Tabela 40 Perguntas e respostas para sintetizar aprendizagens	90
Tabela 41 Exemplos para os vários tipos de despesas	91
Tabela 42 Escolhas do grupo 3	98
Tabela 43 Alternativas para solucionar o problema dadas pela turma	105
Tabela 44 Síntese das ementas criadas pelos alunos	118

LISTA DE ABREVIATURAS

- AAAF-** Atividades de Animação e Apoio à Família
- AEC-** Atividades de Enriquecimento Curricular
- CEB-** Ciclo do Ensino Básico
- CEE-** Comunidade Económica Europeia
- EE-** Educadora(s) Estagiária(s)
- EF-** Educação Financeira
- ELI-** Equipa Local de Intervenção
- EMAI-** Equipa Multidisciplinar de Apoio à Inclusão
- ENEC-** Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania
- INEP-** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
- INFE-** International Network on Financial Education
- LF-** Literacia Financeira
- OCDE-** Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
- OCEPE-** Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
- PES-** Prática de Ensino Supervisionada
- PISA-** Programa de Avaliação Internacional de Estudantes
- REF-** Referencial de Educação Financeira
- T1-** Tarefa 1
- T2-** Tarefa 2
- T3-** Tarefa 3
- T4-** Tarefa 4
- T5-** Tarefa 5
- T6-** Tarefa 6
- UE-** União Europeia

INTRODUÇÃO

O presente relatório insere-se na unidade curricular da PES, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Este documento está dividido em três capítulos. O primeiro intitula-se por Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada; o segundo por Trabalho de Investigação; e o terceiro por Reflexão da Prática de Ensino Supervisionada.

No primeiro são apresentados os dois contextos onde se realizou a PES, descrevendo o meio local, o agrupamento, a sala, as rotinas e o grupo/turma. Ainda neste capítulo é possível encontrar o percurso educativo realizado em cada um dos contextos.

No segundo capítulo é apresentado o trabalho de investigação. Primeiramente é apresentada a pertinência do estudo, bem como o problema e as questões de investigação. Em segundo lugar é apresentada a revisão de literatura, onde são trabalhados os conceitos de Literacia Financeira (LF), Educação Financeira (EF) e poupança, recorrendo a trabalhos de diversos autores para a fundamentação teórica. Segue-se a metodologia, os instrumentos de recolha de dados, os participantes, a intervenção educativa, as categorias de análise e a calendarização do estudo. Depois, temos a apresentação e a análise dos resultados e o capítulo termina com as conclusões do estudo, onde são respondidas as questões de investigação e são referidas as limitações do estudo e as recomendações para futuras investigações.

No terceiro capítulo é apresentada a reflexão final da PES.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS EDUCATIVOS

Neste capítulo é apresentada a caracterização dos contextos onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada (PES): o contexto do Pré-Escolar e o do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB). Será feita, sobre os dois contextos, uma caracterização do meio local, do Agrupamento em que estão inseridos, da sala de atividades, do grupo de alunos e das suas rotinas.

Finalmente é apresentado o Percurso Educativo realizado em cada um dos contextos, indicando as áreas de conteúdo exploradas, bem como a maneira que foram exploradas.

Caracterização do Contexto Educativo do Pré-Escolar

Caracterização do meio local

O contexto educativo onde foi desenvolvida a minha Prática de Ensino Supervisionada (PES), durante o primeiro semestre, situa-se numa das 27 freguesias do concelho de Viana do Castelo, com 9,01 km². Esta freguesia conta com cerca de 1757 habitantes, segundo os Censos realizados em 2011 (INE, 2011). Nesta freguesia a maioria da população tem entre 25 e 64 anos de idade (56,1%) e a minoria tem entre 15 e 24 anos (11,3%).

Quanto às atividades desenvolvidas na freguesia, estas pertencem essencialmente ao setor primário (agricultura e pecuária), mas também ao setor secundário (indústrias) e terciário (comércio tradicional).

No que diz respeito ao património cultural e edificado podemos nomear a Igreja Paroquial, o Centro Social e Paroquial, o solar e a zona das lagoas. A freguesia conta ainda com uma Associação Cultural e Recreativa, uma equipa de futebol e um Rancho Folclórico. Em relação às festas e tradições, é importante referir a Festa das Rosas. Esta festividade tem um carácter religioso, contudo envolve toda a população, até mesmo a escolar e tem como objeto principal os arranjos florais.

Caracterização do Agrupamento/Jardim de Infância

O agrupamento onde o contexto educativo estava inserido situava-se em Viana do Castelo. Possuía oferta formativa desde o Pré-Escolar até ao Ensino Secundário, uma vez que é composto por catorze escolas e nele podemos encontrar dez Jardins de

Infância, doze Escolas Básicas do 1.º CEB, três escolas com o 2.º e 3.º Ciclo e ainda uma escola secundária. O agrupamento conta com inúmeros docentes, assistentes operacionais, psicóloga e técnicos de Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC). Conta também com alunos provenientes de meios socioeconómicos distintos.

No que diz respeito à escola onde foi desenvolvida a PES, esta engloba contextos de Pré-Escolar e de 1.º CEB. É composta por dois pisos. No piso térreo existem duas salas de Pré-Escolar, quatro casas de banho (duas perto das salas e duas perto das salas de prolongamento), um espaço de arrumos, o gabinete de educadores/professores, a cozinha, o refeitório, uma casa de banho para adultos, uma pequena lavandaria e duas salas para o prolongamento, uma delas possui quadro interativo. Já o piso superior está destinado aos alunos do 1.º CEB. É neste piso que se encontra uma pequena sala de motricidade. Quanto ao exterior, esta escola oferece um espaço verde amplo, um campo de jogos, uma horta, um parque infantil e uma casa da árvore que ainda não pode ser utilizada pelas crianças. Também no espaço exterior, encontramos um espaço coberto, para que quando estiver mau tempo as crianças possam brincar de igual modo.

Devido à situação de pandemia que se vive no país, o campo de jogos e a maior parte do espaço verde está destinada aos alunos do 1.º Ciclo e o parque às crianças do Pré-Escolar. É uma das “Escola Amiga da Criança” de Viana do Castelo.

A equipa educativa é constituída por duas educadoras de infância titulares, três professoras titulares do 1.º CEB. A sala onde foi desenvolvida a PES, integra uma educadora titular, uma assistente operacional e uma assistente operacional das Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF). Sabemos que também fazem parte da equipa uma professora de música, porém devido à pandemia não esteve presente.

Caracterização da sala de atividades

A sala do Jardim de Infância, onde realizei a PES, é um espaço muito bem iluminado, com grandes janelas, que permitem a entrada de luz natural. Esta sala conta também com um aquecedor elétrico.

O espaço da sala está organizado em dez áreas de atividade, devidamente identificadas, com lotação máxima e com materiais diversificados. No exterior da sala também existe uma área que era utilizada pelas duas salas.

Era na área da Mesa Grande que o grupo se reunia em diversos momentos do dia, nomeadamente nas rotinas, nas atividades em grande grupo e na reflexão das atividades feitas. Esta área era utilizada pelas crianças para fazerem desenhos e observarem objetos com ajuda de uma lupa.

Na Área da Casinha, as crianças tinham à sua disposição várias peças de mobiliário e eletrodomésticos de brincar.

Na área dos Jogos Calmos, as crianças podiam jogar alguns jogos de mesa (dominó, jogo da glória, puzzle, entre outros jogos).

Na área da Biblioteca, as crianças podiam relaxar um pouco e “ler” um livro. Antes do novo confinamento, em conjunto com a educadora estávamos a criar dentro desta área uma pequena área de escrita, pois as crianças revelaram muito interesse na escrita.

Na área das Expressões, as crianças tinham à sua disposição inúmeros materiais (caixas de ovos, cápsulas de café vazias, fitas, tecidos, botões, copos de iogurte, entre outros), com os quais criavam os seus projetos. Era também nesta área que as crianças realizavam as suas colagens.

Já na área da Pintura, as crianças podiam criar as suas próprias “obras de arte”. Nesta área, no começo, existiam apenas guaches, porém, mais para o final, as crianças tinham também a opção de utilizar as aguarelas.

A área das Construções era a mais procurada pelo grupo e contava com legos, blocos de construção e ainda uma banca de ferramentas.

Na área da “Legocity” tinha-se a oportunidade de se fazer construções utilizando legos mais pequenos do que os que eram utilizados na área das Construções.

Na área da Plasticina podia-se modelar o que se quisesse.

A área do Computador, no início, era apenas utilizada para a visualização de vídeos e para jogar, mas, ao longo do tempo, as crianças foram percebendo que também se podia aprender utilizando o computador e começaram a realizar algumas pesquisas nele.

Por fim, existia uma área que se encontrava no exterior da sala, para a qual as crianças se dirigiam sempre que precisavam de se acalmar ou de estar sozinhas.

Na sala existem também alguns armários que contêm diversos materiais e os estes estão acessíveis às crianças. A sala conta com dois quadros de cortiça de grandes dimensões, onde estão afixados alguns trabalhos das crianças e os quadros das rotinas.

Todos os dias, a escola abria às 8h da manhã e à medida que as crianças iam chegando eram encaminhadas para uma das salas de prolongamento, onde podiam brincar, às construções e ao faz de conta, realizar alguns desenhos ou assistir a desenhos animados.

Perto das 9h as educadoras iam buscar as crianças e estas eram levadas para a casa de banho. Por volta das 9h10min iniciavam-se as rotinas, marcação da presença, eleição do responsável do dia, canção dos bons dias, distribuição de tarefas e um pequeno diálogo. Às 9h40min dava-se início às atividades planeadas, pelas 10h tínhamos o lanche da manhã e às 10h30min as crianças distribuíam-se pelas diferentes áreas da sala. Às 11h30min as crianças começavam a arrumar e de seguida faziam-se uma pequena reflexão das atividades realizadas. Depois, eram levadas em pequenos grupos para a casa de banho e às 11h45min almoçavam. Às 13h brincavam no recreio ou nas salas de prolongamento e regressavam à sala por volta das 13h30min, passando antes pela casa de banho. Até às 14h as crianças realizavam algumas atividades e depois distribuíam-se pelas diferentes áreas até à hora do lanche (15h). Após o lanche, as crianças dirigiam-se para casa, para uma associação onde ocupavam os tempos livres ou então mantinham-se no prolongamento oferecido pela escola.

Caracterização do grupo

Este grupo era constituído por 22 crianças, quatro raparigas e dezoito rapazes. No que diz respeito às idades, existiam quatro crianças com seis anos, dez crianças com cinco anos, quatro crianças com quatro anos e quatro crianças com três anos. Duas das crianças frequentavam a terapia da fala fora do contexto escolar e uma das crianças do grupo, durante este estágio, foi avaliada por uma Equipa Local de Intervenção (ELI), contudo ainda não se sabem os resultados dessa avaliação.

Neste grupo existiam três crianças que frequentavam a sala pelo quarto ano consecutivo, onze pelo terceiro ano consecutivo, quatro pelo segundo e para quatro crianças este foi o seu primeiro ano (todos com três anos).

Quanto ao nível socioeconómico das famílias das crianças era diferenciado, mas segundo os dados a que tivemos acesso, todos os pais/ encarregados de educação estavam empregados, não existindo nenhuma situação bilateral de desemprego.

O grupo foi bastante ativo em todas as atividades, mas também era um pouco irrequieto, demonstrando algumas dificuldades de concentração. Apesar desta dificuldade, o grupo sempre foi muito participativo e interessado.

A caracterização mais detalhada do grupo baseou-se, em grande parte, na informação dada pela educadora titular e na observação do grupo, tendo por referência as áreas de conteúdo definidas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar - OCEPE (Lopes Da Silva et al., 2016).

Começando pela Área da Formação Pessoal e Social, todas as crianças apresentavam um nível de autoestima adequado à sua idade.

As crianças com cinco e seis anos de idade já se identificavam a si próprias e aos outros como iguais e membros de um grupo e já tinham bem integrada a dinâmica da sala. Tinham, também, já presentes valores solidários e reconheciam a sua importância e a maioria já os colocava em prática ajudando os colegas mais novos em diferentes tarefas.

Demonstravam ter desenvolvido capacidades de autorregulação e de prever as consequências das suas ações, bem como avaliar os seus comportamentos. É importante referir que, na maior parte das vezes, as crianças se dirigiam para a Área da Paz por vontade própria. Algumas destas crianças já eram capazes de chamar a atenção de um adulto quando alguém não se comportava de acordo com as regras estabelecidas, contudo, algumas das vezes, também as desrespeitavam.

Todas as crianças desta faixa etária já eram autónomas e, por isso, já eram capazes de assegurar sozinhas as suas necessidades básicas de alimentação, higiene, e atividades na sala ou no exterior, apresentavam apenas alguma dificuldade em apertar os cordões das sapatilhas.

Em momentos de debate de ideias são capazes de esperar pela sua vez de falar, mas existem algumas crianças que, em muitos momentos, estabelecem conversas paralelas que acabam por afetar o grupo. Para além disto, algumas crianças ainda revelam alguma dificuldade em lidar com o insucesso. Neste caso específico, existe uma criança que revela muita dificuldade em aceitar algumas frustrações e em esperar pela

sua vez, partindo para alguns comportamentos mais agressivos, como gritar e atirar cadeiras e objetos para o chão, contudo quando o adulto fala com ela com calma, esta criança acaba por melhorar o seu comportamento.

As crianças com quatro anos estavam bem integradas no grupo e apresentavam um bom nível de desenvolvimento para a idade. Revelavam conhecimento em relação ao espaço, aos materiais existentes e das regras da sala, bem como autonomia nas tarefas e atividades que se propõem a fazer e não se intimidam com o desconhecido, mostrando assim a sua curiosidade.

No geral, estas crianças verbalizavam as suas necessidades, sentimentos e opiniões com facilidade e colaboravam com entusiasmo nas aprendizagens. São também capazes de se autoavaliar em termos de comportamento, de ações e de trabalhos.

As crianças mais novas (três anos) necessitavam ainda de algum apoio por parte do adulto em diversos momentos da sua rotina diária, como a alimentação e higiene, todavia a maior parte já tinha interiorizado as dinâmicas de sala de aula. Uma destas crianças entrou no grupo há muito pouco tempo e, por isso, ainda não respeitava as dinâmicas e regras da sala de aula e também ainda não tinha efetuado o desfralde. Ainda que com algumas dificuldades, todas elas conseguiam expressar os seus gostos e preferências.

No que diz respeito à Área do Conhecimento do Mundo, todas as crianças apreciavam o contacto com a natureza e demonstravam interesse em tudo que nela encontravam. Era frequente as crianças trazerem para a sala os seus “achados” da natureza e os mostrarem aos colegas. As crianças mais velhas já são capazes de levantar algumas hipóteses depois de observarem os “achados” com atenção.

As crianças de quatro, cinco e seis anos faziam já um uso correto das palavras “noite”, “dia”, “tarde”, “ontem”, “hoje” e “amanhã” nos seus discursos, já os mais pequenos (três anos) ainda demonstram algumas dificuldades em perceber e em utilizar algumas delas.

Todo o grupo já conseguia utilizar palavras que identificavam os seus familiares mais próximos, pai, mãe, irmã (o), tia (o), primo (a), entre outros.

Em relação às profissões que lhes são mais próximas conseguiam identificá-las e associar-lhe utensílios.

No que diz respeito às partes do corpo, todas as crianças demonstravam facilidade em identificar as diferentes partes e os órgãos dos sentidos, contudo a sua função já só os mais velhos conseguiam associar.

É notável o interesse de todo o grupo pelos animais e, por esse motivo, todo ele conseguia identificar os diferentes animais. As crianças mais velhas já conseguiam diferenciar os animais tendo em conta as suas características e modos de vida.

Revelavam ainda muita facilidade em reconhecer fenómenos atmosféricos e até alguma curiosidade.

Todo o grupo partilhava um fascínio pela tecnologia. Já reconheciam vários recursos tecnológicos (tablets, computador, telemóvel) e no caso das crianças mais velhas já revelavam algum conhecimento sobre eles.

Para terminar, todo o grupo mostrou curiosidade e interesse em todas as atividades relacionadas com experiências e ficavam muito surpreendidas e atentas.

Em relação à Área da Expressão e Comunicação, no âmbito da **Educação Física**, todas as crianças revelaram um desenvolvimento adequado à sua idade.

As crianças mais velhas já revelavam muito controlo do seu corpo, força, agilidade, equilíbrio e coordenação motora, as mais novas, como era de esperar, ainda estavam a desenvolver algumas destas capacidades.

Algumas das crianças tinham dificuldade em realizar saltos a pé-coxinho, mas com a repetição do exercício iam-se sentindo mais à vontade e desenvolvendo esta aptidão. As crianças mais novas revelavam alguma hesitação em saltar sobre obstáculos (“é muito difícil”), porém com o incentivo e ajuda do adulto superavam o desafio.

Em relação aos jogos, o grupo demonstrava um grande interesse pelos jogos tradicionais e cooperavam com os colegas, envolvendo-se em trabalho de equipa, todavia alguns deles tinham dificuldades em aceitar o ganhar e o perder, na sequência dos mesmos.

No que diz respeito à motricidade fina, as crianças mais velhas já não revelavam muitas dificuldades, porém as crianças mais novas (três e quatro anos) tinham alguma dificuldade na utilização da tesoura.

Em relação à utilização da tesoura, as crianças, depois de um adulto as ensinar a pegar da forma correta nela, já conseguiam utilizá-la ainda que com alguma dificuldade.

As crianças de três anos revelavam também algumas dificuldades na pega do lápis. Ainda que com a ajuda do adulto continuavam a pegar no lápis incorretamente, só com alguma insistência começavam a pegar nele corretamente.

Quanto ao enfiamento de contas num fio, algumas crianças tinham dificuldades, mas não desistiam e acabavam por conseguir acabar a tarefa.

Na **Expressão Dramática/Teatro** todo o grupo demonstrava interesse em ouvir histórias e assistir a teatros.

Quanto ao jogo simbólico, apenas algumas crianças demonstrar interesse. Este jogo simbólico, para além de ser realizado na área da casinha era também realizado na área das construções.

Na área da casinha, o jogo simbólico envolvia raparigas e rapazes e desempenhavam papéis da vida diária, criando as suas próprias histórias e personagens, pai, mãe, filho(a), entre outros. Já na área das construções, o jogo simbólico envolvia apenas meninos, pois eram os únicos de demonstravam interesse, e era em torno das vivências da construção civil.

Apesar de algumas crianças demonstrarem interesse pelo jogo dramático, quando o faziam, faziam-no de forma muito desordenada, espalhando os brinquedos pela sala.

No que diz respeito às **Artes Visuais**, as crianças demonstravam grande interesse pelas colagens, desenho e pintura. Sempre que lhes era apresentada uma nova técnica ficavam muito curiosos e interessados, utilizando-a nas suas próprias criações.

Apesar de o desenho ser algo muito procurado pelas crianças, a maioria desenhava quase sempre o mesmo: bonecas, arco-íris, super-heróis, entre outras coisas.

No caso das crianças mais novas ainda não representavam corretamente as coisas, apresentavam apenas alguns riscos, geralmente da mesma cor, mas conseguiam explicar aquilo que tinham desenhado. Tinham também algumas dificuldades quanto à pega do lápis e do pincel.

Já no subdomínio da **Dança** e também no da **Música**, as crianças revelavam muito interesse.

Em relação à música, as crianças mais velhas já conseguiam cantar algumas canções. As mais pequenas cantam apenas as que conheciam, ainda que com

dificuldades. As crianças mais velhas, também já eram capazes de manifestar a sua opinião sobre as músicas que ouviam.

No que diz respeito à marcação da pulsação das músicas (com o corpo ou com instrumentos), as crianças revelaram algumas dificuldades, contudo com a ajuda do adulto eram superadas. Revelavam, ainda, um enorme fascínio por instrumentos musicais.

Todo o grupo identificava auditivamente sons vocais, corporais, sons do ambiente próximo, sons da natureza e sons de instrumentos.

Relativamente à dança, o grupo demonstrava muito interesse em acompanhar músicas com coreografias inventadas ou não por eles. Algumas crianças apresentavam-se um pouco reservadas no início, mas com o passar do tempo iam ficando mais à vontade e acabavam por desfrutar do momento.

No que respeita à **Linguagem Oral**, as crianças mais velhas apresentavam uma linguagem expressiva e correta, de acordo com o expectável para a faixa etária. As crianças mais velhas que frequentavam a terapia da fala, tinham algumas dificuldades em pronunciar algumas palavras ou alguns fonemas, mas com a ajuda do adulto ultrapassavam-nas. De modo geral, todas as crianças mais velhas apresentavam uma boa construção frásica e algum leque de vocabulário. As crianças mais novas, a maioria, já se conseguia expressar corretamente, ainda que com algumas dificuldades. A criança que entrou a meio para o grupo (três anos) apresentava um leque muito pobre de vocabulário e, por isso, era um pouco complicado perceber o que queria comunicar.

Na **Abordagem ao Código Escrito**, todas as crianças de seis, cinco e algumas de quatro anos, reconheciam e escreviam o seu nome em letra de imprensa.

A maioria do grupo já diferenciava os números das letras.

No domínio da **Matemática**, as crianças mais velhas já conseguiam contar até 22, pois todos os dias trabalhavam esta sequência numérica a contar o número de crianças existentes na sala. A maior parte das crianças mais velhas já conseguiam contar até 30, com ajuda do adulto. As crianças mais novas, já quase todas, sabiam contar até 10.

Poucas crianças conseguiam efetuar operações muito simples por cálculo mental, principalmente adições. Algumas delas também já usavam os termos “mais do que” e “menos do que” para comparar quantidades e termos como “atrás”, “à frente”, “ao lado” para identificar posições relativas de objetos.

Nas suas rotinas diárias, as crianças também já tinham contacto com tabelas de dupla entrada, no quadro das presenças, e com os algarismos, pois tinham de preencher a tabela “Quantos somos”, onde registavam o número de meninas e de meninos presentes e depois o total de crianças.

No geral, todas as crianças eram muito participativas nas atividades, contudo não se conseguiam concentrar por muito tempo, nem ficarem sentadas durante muito tempo, por isso, durante a PES, foram realizadas atividades curtas e atividades práticas.

Percurso da Intervenção Educativa no Pré-Escolar

A PES (1.º semestre) realizou-se num Jardim de Infância, três dias por semana durante treze semanas, sendo que as três primeiras se destinaram à observação do grupo e as dez restantes se destinaram à implementação de atividades. Estas dez semanas eram de regência alternada com o par pedagógico e duas delas foram completas (cinco dias).

Áreas lecionadas

As três semanas de observação foram cruciais para conhecer o grupo, os seus interesses e rotinas, mas também para perceber os diferentes níveis de desenvolvimento das crianças.

Durante estas três semanas, houve também a possibilidade de participar em algumas atividades, organizadas pela Educadora Cooperante, o que ajudou na integração das Educadoras Estagiárias (EE).

Como base para a criação de todas as atividades de implementação estiveram as OCEPE (Lopes Da Silva et al., 2016), bem como foram tidos em conta os interesses das crianças. A partir deste documento, da orientação da educadora cooperante e dos interesses das crianças foram criadas as planificações que foram implementadas posteriormente.

Durante a PES realizada neste contexto foram exploradas todas as áreas do saber.

No que diz respeito ao domínio da matemática foram abordados os subdomínios da geometria (reconhecimento de formas geométricas; realização de padrões), dos números e operações (utilização dos termos “mais do que”, “menos do que”, “o mesmo

que”; correspondência termo a termo) da organização e tratamento de dados (interpretar pictogramas simples).

No domínio da linguagem oral e abordagem à escrita foram lidos inúmeros textos como notícias e contos e foram apresentadas às crianças inúmeras representações. Todos os textos eram interpretados em grande grupo, fazendo com que as crianças participassem ativamente na sua exploração e com que desenvolvessem o seu discurso (subdomínio da comunicação oral).

Em relação à área do conhecimento do mundo, foi abordado o domínio da abordagem às ciências, mais precisamente o subdomínio do conhecimento do mundo físico e natural (demonstração de preocupação com a preservação da natureza; compreensão das práticas que promovem a saúde; identificação das diferentes partes do corpo; identificação dos órgãos dos diferentes sentidos), o subdomínio do mundo social (reconhecimento das diferentes profissões) e ainda o subdomínio da Introdução à metodologia científica (realização de experiências simples).

No que diz respeito ao domínio da Educação Artística, foram trabalhados os subdomínios das artes visuais (exploração das cores; exploração de diferentes técnicas de pintura), o subdomínio do jogo dramático/ teatro (envolvimento em situações de jogo dramático); o subdomínio da dança (realização de pequenas coreografias), o subdomínio da música (manifestação dos seus gostos musicais, identificação de sons do ambiente, sons vocais, e sons corporais; exploração de instrumentos musicais; marcação da pulsação de músicas; execução de ritmos) e do subdomínio da educação física (compreender e esquematizar as regras de um jogo; dominar movimentos que implicam equilíbrios; compreender o objetivo dos percursos; dominar o movimento de pinça; dominar movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios e desenvolver a manipulação fina de objetos através do enfiamento).

Relativamente à área da formação pessoal e social foram trabalhados os domínios da independência e autonomia (encarregar-se das tarefas que se comprometeram a realizar; expor e justificar as suas opiniões, aceitando também a dos outros; expressar as suas emoções e sentimentos), da construção da identidade e autoestima (manifestar os seus gostos e preferências; demonstrar prazer nas suas produções e progressos), da consciência de si como aprendiz (explicitar e partilhar com o/a educador/a e outras crianças o que aprendeu; contribuir para o funcionamento

e aprendizagem do grupo; avaliar, apreciando criticamente, os seus comportamentos, ações e trabalhos, bem como os dos seus colegas, dando e pedindo sugestões para melhorar), e da convivência democrática e cidadania (escutar, questionar e argumentar, perante opiniões e perspetivas diferentes da sua, procurando chegar a resoluções ou conclusões negociadas).

Para terminar, na exploração destes conteúdos foram utilizadas inúmeras estratégias (jogos, vídeos, trabalhos manuais, leitura de histórias, entre outras) para que fosse mais fácil captar a atenção das crianças e assim facilitar o processo de aquisição de conhecimentos. Sempre que possível foram criadas planificações interdisciplinares.

Caracterização do Contexto Educativo do 1.º Ciclo

Caracterização do meio local

A PES relativa ao 1.º CEB, realizada no segundo semestre, decorreu numa das 27 freguesias do concelho de Viana do Castelo. Esta freguesia tem uma área de 11,22 km² e integra 4853 habitantes, sendo que 57% tem idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos (INE, 2011).

As atividades económicas que predominam nesta freguesia são a agricultura e pecuária, o comércio, a indústria têxtil e a hotelaria. Esta freguesia disponibiliza aos seus habitantes várias atividades, através de diversas coletividades. Algumas dessas atividades são o folclore, o karaté e atividades desportivas, como o futebol. Existem também nesta freguesia vários pontos turísticos e de interesse patrimonial, tais como: o forte, as ruínas da cidade velha de Santa Luzia, cruzeiro do senhor dos Esquecidos, a Igreja Paroquial, o Poço Negro e a capela e o sítio de São Mamede.

No que diz respeito ao património cultural e local podemos realçar as festas de Nossa Senhora da Vinha e as festas de São Mamede.

Caracterização do Agrupamento/ Escola

O agrupamento onde a escola se insere é composto por nove escolas, dois jardins de infância, cinco escolas básicas, uma delas com a valência de jardim de infância, uma escola de 2.º e 3.º ciclo, bem como uma escola secundária.

No que diz respeito aos serviços técnico-pedagógicos, o agrupamento disponibiliza um serviço de Psicologia e Orientação, uma equipa de Educação Especial, uma Equipa Multidisciplinar de Apoio à Inclusão (EMAI) e a biblioteca escolar.

A escola onde foi realizada a PES apresenta uma arquitetura antiga. O espaço exterior contém um amplo espaço verde, que serve como campo de jogos e de cimento. No que diz respeito ao espaço interior é composto dois andares. No piso inferior, encontra-se o refeitório, uma sala multiusos que serve como sala de arrumação e para a prática de expressão físico-motora, bem como as salas de aula do 3.º e 4.º ano. No piso superior, encontra-se a biblioteca, a sala dos professores e as salas de aula do 1.º e 2.º ano. Em relação às casas de banho estas encontram-se no exterior.

A equipa educativa da instituição era constituída por quatro professoras titulares e por cinco professoras que auxiliam as diferentes turmas.

Caracterização da sala de aula e horário da turma

A sala onde decorreu a PES situava-se no primeiro andar da instituição. Esta apresentava um espaço um pouco reduzido para a turma. É uma sala com bastante luz natural, uma vez que as janelas ocupam a totalidade de uma das paredes. A sala disponibilizava, à turma, um quadro de giz e um projetor, muito utilizados diariamente. Ao lado do quadro de giz encontrámos um pequeno quadro de cortiça com a representação do metro quadrado. A parede em frente às janelas possuía dois quadros grandes de cortiça onde estavam afixados alguns cartazes que auxiliavam a aprendizagem dos alunos.

Em relação à organização das mesas, os alunos com mais dificuldades estavam próximos uns dos outros para que fosse mais fácil para a professora dar auxílio a cada um deles. Outro critério para a organização das mesas e dos alunos dizia respeito ao comportamento, às relações entre alunos, bem como as capacidades de aprendizagem e de atenção, ou seja, próximo de um aluno com mais dificuldades existia um aluno que o conseguia ajudar.

Relativamente ao horário da turma, as aulas iniciavam às 8 horas e 45 minutos e às segundas e quartas-feiras terminavam às 17 horas. Nos restantes dias da semana, as aulas terminavam às 15 horas e 15 minutos, contudo os alunos poderiam ficar até às 17 horas na escola, nas atividades extracurriculares. O intervalo da manhã era realizado

entre as 10 horas e 15 minutos e as 10 horas e 45 minutos, o intervalo do almoço entre as 12 horas e 15 minutos e as 13 horas e 45 minutos e, por último, o da tarde entre as 15 horas e 15 minutos e as 16 horas.

As aulas de inglês eram lecionadas por uma docente da área que se deslocava até à escola para explorar os conteúdos da disciplina.

A planta da sala de aula pode ser observada na Figura 1 e o horário na tabela 1.

Figura 1

Planta da sala de aula



Tabela 1
Horário da turma

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
8:45- 9:15	Rotinas + Inglês	Matemática	Apoio ao estudo + Inglês	Gosto do vira	Português
9:15- 9:45				Português	
9:45- 10:15					
10:15- 10:45					
10:45- 12:15	Português	Português	Matemática	Matemática	Apoio ao estudo
12:15- 13:45					
13:45- 15:15	Matemática	Estudo do Meio	Português	Estudo do Meio	Educação Física
15:15- 16:00					
16:00- 16:30	Estudo do Meio		Estudo do Meio/ Expressões		
16:30- 17:15					

Caracterização da turma

A turma do 4.º B era composta por 22 alunos, dos quais onze eram do sexo feminino e onze do sexo masculino. Todos os alunos se encontravam na faixa etária correspondente ao ano de escolaridade que frequentavam (nove/ dez anos).

Esta turma destaca-se pelo facto de ser muito ativa, empenhada e participativa em todas as atividades, demonstrando sempre interesse e curiosidade pelos temas abordados. Era frequente os alunos utilizarem os tablets disponíveis em sala de aula para realizar inúmeras pesquisas sobre os temas que estavam a ser abordados e também apresentar os resultados sobre pesquisas que realizavam autonomamente em casa. No entanto, existiam também alunos que possuíam um ritmo de trabalho mais lento, sendo necessário acompanhá-los durante a realização das atividades para que não perdessem o foco e se desconcentrassem. Dois destes alunos eram abrangidos e mobilizados por medidas de suporte à aprendizagem e em alguns momentos eram acompanhados por uma docente especializada. Estas medidas passavam pela

diferenciação pedagógica, apoio psicopedagógico e antecipação e reforço das aprendizagens. Na turma existe também uma aluna que fala o português do Brasil e que por isso tem algumas dificuldades em entender algumas expressões presentes não só em textos, mas também nos diversos enunciados.

Focando agora nos aspetos mais gerais da turma, os alunos eram assíduos, contudo no que diz respeito à pontualidade, a grande maioria apresentava algumas falhas. O comportamento da turma era na sua maioria bom, todavia alguns alunos eram um pouco conversadores e realizavam alguns diálogos paralelos o que prejudicava um pouco os colegas e comprometia o seu próprio ritmo de trabalho. Existiam ainda dois elementos mais complicados na turma, um deles começou a ser seguido pela psicóloga do agrupamento, pois as atitudes e comportamentos em sala de aula e recreio começaram a agravar-se. As dificuldades destes dois alunos eram a capacidade de esperar pela sua vez para falar e respeitar as opiniões dos colegas quando estas são contrárias às suas.

É importante referir que todos os alunos quando eram desafiados a participar nas tarefas permaneciam empenhados e eram muito trabalhadores, aceitando todas as sugestões dos professores. No que diz respeito aos ritmos de trabalho, a turma era heterogénea e os alunos mais rápidos tendiam a envolver-se em diálogos paralelos quando terminavam as tarefas, por isso, a professora tinha sempre algumas tarefas para esses alunos, ou então os alunos traziam os seus livros de casa e colocavam a sua leitura em dia.

A caracterização mais detalhada da turma baseou-se, em grande parte, na informação dada pela professora titular e na observação da turma, bem como nos conteúdos de cada um dos programas (matemática, português, estudo do meio e expressão e educação: físico-motora, musical, dramática e plástica).

Eram nas disciplinas de Português e Matemática onde se verificavam mais dificuldades, ainda que de forma geral, o desempenho da turma fosse bastante positivo. No que diz respeito à matemática, a maioria dos alunos revelava grande autonomia na resolução dos exercícios e ajudava os colegas que tinham mais dificuldades. As dificuldades reveladas por alguns elementos da turma estavam ligadas à compreensão dos enunciados. Depois de se ajudar os alunos a entender os exercícios surgia uma outra dificuldade a dificuldade em transportar a teoria para a resolução dos exercícios, bem

como o facto de não procurarem nos seus registos pistas que os ajudem a resolver os exercícios.

Em relação ao português, os alunos revelavam um interesse muito grande pela leitura, que faziam de modo expressiva. Nos exercícios que eram propostos, as dificuldades dos alunos assemelhavam-se às dificuldades na área da matemática. Alguns alunos revelavam ainda dificuldades no domínio da gramática e da produção escrita, pois muitos não conseguiam organizar muito bem as suas ideias.

Na área do Estudo do Meio, os alunos revelavam um grande interesse pela disciplina, participando sempre ativamente na exploração de conceitos e realizando pesquisas para posteriormente apresentar à turma.

Nas expressões, os alunos empenhavam-se muito nas atividades e ficavam muito entusiasmados.

No que diz respeito aos encarregados de educação, estes eram na sua totalidade os seus pais. Em relação às habilitações literárias dos pais e das mães, treze eram licenciados, dois tinham um mestrado e apenas três se encontravam em situação de desemprego.

Percurso da Intervenção Educativa no 1.º Ciclo do Ensino Básico

A intervenção educativa teve a duração de onze semanas, sendo três de observação da turma e das dinâmicas da sala de aula e oito de intervenção. Estas intervenções seriam intercaladas, para que ambas as professoras estagiárias tivessem as mesmas oportunidades, quer em tempo para organizar a intervenção, quer em tempo para pôr em prática as atividades pensadas.

As três primeiras semanas de observação, foram fundamentais para observar as dinâmicas da sala de aula, bem como as metodologias utilizadas pela professora titular de turma e a forma como interagia com o grupo. Todavia, foi com as intervenções que se adquiriu prática e que se desenvolveram estratégias necessárias para a carreira de docente. Estas duas componentes tiveram como objetivo a adaptação da estagiária ao contexto, o que facilitou o processo de ensino-aprendizagem.

Após todas as observações, iniciaram-se as semanas de implementações. A cada elemento foram atribuídas quatro semanas que foram regidas de forma intercalada, três

dessas semanas tiveram a duração de três dias (segunda-feira, terça-feira e quarta-feira) e uma com a duração de cinco dias (semana intensiva).

O trabalho desenvolvido ao longo de todas estas semanas foi sempre colaborativo, pois apesar das implementações serem individuais, as planificações foram sempre construídas pelo par pedagógico e auxiliadas pela professora cooperante e pelos professores orientadores das várias áreas.

A construção das planificações era feita semanalmente e respeitava os conteúdos que a professora cooperante fornecia. Todas as semanas foram usadas diversas estratégias como: jogos digitais, jogos em pequeno e grande grupo, sopas de letras e crucigramas, vídeos, pesquisas através de tablets, entre outras.

Áreas de intervenção

Como base para a criação de todas as atividades de implementação estiveram os Programas e Metas Curriculares do Ensino Básico do 1.º Ciclo. A partir destes documentos e da orientação da professora titular de turma foram criadas as planificações que depois foram implementadas no contexto educativo.

Pelo facto de a PES neste contexto ter tido início no terceiro período do ano letivo, alguns conteúdos já tinham sido abordados anteriormente, mas ainda assim foram exploradas todas as áreas dos programas curriculares.

No que diz respeito à abordagem na área da Matemática foram abordados os três domínios de conteúdo (Números e Operações, Geometria e Medida e Organização e Tratamento de Dados).

Em relação ao domínio dos Números e Operações foram trabalhados diversos conteúdos, desde a resolução de problemas envolvendo números naturais ou números racionais, com recurso às quatro operações. Relativamente ao domínio da Geometria e Medida foi abordada a área (unidades de área, conversões e medidas agrárias), o volume (volumes em unidades cúbicas, unidades de volume do sistema métrico, conversões, a relação entre o decímetro cúbico e litro), foram também abordadas as retas (paralelas, perpendiculares e concorrentes), as semirretas e os segmentos de reta. bem como os ângulos (retos, agudos, obtusos, rasos, nulos, convexos, côncavos, verticalmente opostos e adjacentes). Já no domínio da Organização e Tratamento de

dados foram feitas apenas algumas revisões em relação às frequências (relativas e absolutas), às percentagens e aos diversos tipos de gráficos.

Para além de todos estes conteúdos foram trabalhados conteúdos relacionados com o tema de relatório, Educação Financeira: Planeamento e Gestão do Orçamento (necessidades e desejos; despesas e rendimentos; planeamento), Sistema e Produtos Financeiros Básicos (meios de pagamento) e poupança (objetivos da poupança).

No que toca à área do Português, foram abordados os domínios da Oralidade, da Leitura e Escrita e da Gramática. No domínio da Oralidade foram explorados diversos conteúdos como a apresentação de pequenas pesquisas e trabalhos de grupo, foram realizados diversos debates de ideias, onde os alunos puderam expor as suas opiniões e respeitar as ideias da restante turma.

Já no domínio da Leitura e Escrita foram abordados diferentes tipos de texto (biográfico, informativo, descritivo e argumentativo). Foram lidos diversos tipos de texto e por isso também foi trabalhada a fluência.

No que respeita ao domínio da Gramática, foram trabalhados diversos conceitos como as palavras simples e complexas (identificação e classificação do radical), as famílias de palavras e as palavras homófonas e homógrafas, as funções sintáticas e foram feitas algumas revisões das classes gramaticais (nomes, advérbios de quantidade e grau, verbos, pronomes, determinantes, adjetivos e preposições).

Em relação à área de Estudo do Meio foi abordado o Bloco 3- À descoberta do Ambiente Natural, mais concretamente os aspetos físicos de Portugal (principais rios e as maiores elevações e a respetiva localização no mapa). Foi também abordado o Bloco 4- À descoberta das Inter-Relações entre Espaços, em específico foram trabalhados os aspetos da costa (praias, arribas, dunas, cabos...), a sua localização, a ação do mar sobre a costa, as marés e a sinalização da costa.

Foi feita também uma abordagem ao Bloco 5- À descoberta dos Materiais e Objetos, foram realizadas algumas experiências com ar. Com estas experiências foram trabalhadas a pressão, a temperatura e o peso do ar. A poluição atmosférica também foi abordada, bem como os conceitos de efeito de estufa, a camada do ozono e de chuvas ácidas.

A área de Educação e Expressão Físico-Motora foi utilizada muitas vezes em conjunto com outras áreas do saber o que motivou imenso os alunos. A intervenção

recaiu sobre o Bloco Ginástica, contudo como a turma não tinham desenvolvido algumas competências do Bloco de Perícias e Manipulações, aliou-se este bloco à ginástica.

Para concluir, na exploração destes conteúdos foram utilizados diversos recursos (jogos, jogos digitais, pesquisas, trabalhos de grupo, entre outros) para que fosse mais fácil para os alunos adquirirem o seu conhecimento. Tentou-se, sempre que possível, criar planificações interdisciplinares.

CAPÍTULO II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

Nesta secção é apresentada a pertinência do estudo, o problema e as questões do estudo.

Pertinência do Estudo

Ao longo do tempo, temas como a EF têm vindo a ganhar uma maior importância, uma vez que vivemos numa sociedade na qual as crianças se tornam consumidoras cada vez mais cedo. Por esta razão, é crucial que as escolas comecem desde cedo a apostar neste tema, para assim conseguirem formar futuros cidadãos informados.

Esta preocupação, em Portugal, é recente. Surgiu quando a crise económica de 2011 atravessou o país, a Europa e o mundo. Durante este período, os cidadãos demonstraram uma clara dificuldade em tomar decisões acertadas relativamente ao seu dinheiro, ou seja, evidenciaram fraca literacia financeira.

Já mesmo antes desta crise, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) tinha demonstrado preocupação em promover a literacia financeira em vários países do mundo e, em 2003-2004, aprovou um programa que tinha como objetivo encontrar alternativas para melhorar a literacia financeira dos cidadãos, já que esta é tão importante nas suas vidas (Saraiva, 2017). Este programa pretendia capacitar os cidadãos para o exercício de uma cidadania plena, pois aumentaria os seus conhecimentos e assim conseguiriam tomar decisões mais informadas e sustentadas.

Devido à importância deste tema, a EF deve estar presente em todos os contextos educativos, uma vez que as crianças têm contacto com o dinheiro cada vez mais cedo e o contexto familiar não parece ser suficiente para os capacitar (Fonseca & Santiago, 2019).

Como este tema é sustentado na Educação para a Cidadania, pode ser abordado nas diferentes áreas do currículo e para facilitar o trabalho dos professores, Portugal segue o Referencial de Educação Financeira (REF) (Dias et al., 2013). Este referencial contém vários objetivos que devem ser trabalhados com as crianças desde a idade pré-escolar. Foram também criados, pelo Ministério da Educação e Ciência, os Cadernos de Educação Financeira (Vicente et al., 2015) que servem para apoiar tanto os professores como os alunos na exploração dos temas do REF.

Apesar dos vários esforços, ainda existem em Portugal crianças com algumas dificuldades em relação à EF. Alguns alunos, na resolução de problemas associados a este tema, não revelam quaisquer dificuldades, contudo, quando partimos para uma situação do nosso dia-a-dia, como uma simples ida às compras ou uma simulação, reparamos que existem algumas lacunas no ensino da EF.

Em setembro do ano passado (2020) presenciei um exemplo do que referi anteriormente. Uma criança da minha família pediu-me que fosse brincar com ela “aos supermercados”.

Numa fase inicial pediu-me que desempenhasse o papel de cliente, enquanto ela desempenhava o papel de operadora de caixa. No “supermercado” existiam inúmeros produtos, mas nenhum deles estava com o preço assinalado. Recolhi todos os produtos que queria e dirigi-me para a caixa. A criança começou a atribuir os preços aos produtos, mas os preços que atribuía revelavam que não tinha qualquer noção do valor real dos produtos (como por exemplo: a uma folha de bacalhau atribuiu o preço de três euros).

Apercebendo-me desta dificuldade da criança, pedi-lhe que invertêssemos os papéis. Os produtos continuaram sem um preço associado, mas informei-a de que apenas poderia gastar 20 euros. A criança aceitou o desafio, mas quando chegou a hora de “pagar” os artigos escolhidos os 20 euros não chegavam, pois tinha feito uma compra superior a 40 euros. Posto isto, lancei-lhe um desafio: “Agora que já sabes o preço de cada produto, podes escolher aqueles que queres levar e gastar apenas o dinheiro que tens.”. A criança começou por escolher os produtos que ela mais gostava (gelados, iogurtes de chocolate, cereais de chocolate, donuts, entre outros) e só depois os itens essenciais (arroz, massa, pão, entre outros). Depois desta escolha e do pagamento dos produtos, a criança ficou muito feliz por ter conseguido superar o desafio, mas logo a seguir perguntei-lhe: “E se só tivesses cinco euros? O que é que levavas?” ao que ela me respondeu: “Levava os gelados e os donuts, porque gosto muito.”. Depois desta resposta, constatei que esta criança ainda não tinha presente os conceitos de *necessário* e de *supérfluo*.

Com uma simples brincadeira, pude constatar que a criança não compreendia o que podia comprar com uma determinada quantia de dinheiro, não fazia ideia do preço dos produtos, nem sabia distinguir os conceitos de *necessário* e de *supérfluo*.

Para além de algumas crianças ainda não conseguirem distinguir o que é necessário do que é um desejo, têm também algumas dificuldades no que diz respeito a poupar. Posto isto, é necessário abordar este tema também nas escolas, já que o endividamento é algo frequente no nosso país. Por esta razão, é importante que este tema comece a ser abordado nas idades mais jovens.

Em 2008, a OCDE, já tinha reconhecido que ainda existiam alguns problemas no que diz respeito à EF e para isso criou a International Network on Financial Education (INFE).

Segundo o Banco de Portugal, a INFE, serve como uma plataforma de recolha de dados sobre literacia financeira (Banco de Portugal, 2014).

Em 2020, Portugal já conseguiu o 7.º lugar num inquérito do INFE, realizado a adultos.

Segundo Santiago (2015), é fundamental abordar a EF nas escolas, pois só deste modo conseguimos preparar os jovens para a sua vida financeira. Quanto mais cedo as crianças tiverem acesso à EF maior conhecimento terão acerca das vantagens e desvantagens das suas escolhas financeiras.

Com este estudo pretendemos identificar conhecimentos e fragilidades que os alunos apresentam relacionadas com o tema. Pretendemos ainda ajudar os alunos a conseguirem transferir os seus conhecimentos de EF para o seu dia a dia e desenvolver os conceitos de poupança, de bem necessário e de bem supérfluo.

Para orientar este estudo podem ser definidas as seguintes questões:

1. Que conhecimentos manifestam os alunos, em relação à Educação Financeira?
2. Como é que os alunos resolvem problemas matemáticos que envolvem dinheiro? Quais as suas dificuldades?
3. Como é que os alunos transferem os seus conhecimentos sobre Educação Financeira para o seu dia a dia? Que dificuldades revelam?
 - a. Como é que os alunos tomam as suas decisões sobre poupança e as justificam?

REVISÃO DE LITERATURA

Nesta secção são apresentados os temas revistos, de acordo com o problema em estudo: LF, EF e a poupança. A secção finaliza com estudos empíricos desenvolvidos no âmbito da EF.

Literacia Financeira

Conceito de Literacia Financeira

O conceito de literacia é vasto. Segundo o dicionário Priberam de Língua Portuguesa, literacia é “a capacidade de ler e escrever, bem como interpretar e perceber aquilo que é lido”.

Para Benavente et al. (1996), literacia é a capacidade de utilizar competências aprendidas anteriormente e não a obtenção das mesmas “o conceito de literacia centra-se no uso de competências e não na sua obtenção” (p.4).

No que diz respeito à LF, vários autores e organizações apresentam inúmeros conceitos. A OCDE (2013) define a LF como sendo o conhecimento e compreensão de conceitos e riscos financeiros, bem como a capacidade de aplicar este conhecimento e compreensão para tomar decisões económicas que melhorem o bem-estar financeiro da sociedade e do próprio.

Segundo Orton, citado no REF:

a literacia financeira consiste nos conhecimentos específicos relacionados com assuntos monetários, económicos ou financeiros, e nas decisões que o indivíduo é capaz de tomar sobre estes assuntos. A literacia financeira está, assim, ligada à capacidade de ler, analisar, gerir e comunicar sobre a condição financeira pessoal e à forma como esta afeta o seu bem-estar material. Inclui também a capacidade de decidir entre escolhas financeiras, discutir assuntos financeiros e monetários sem desconforto, planear o futuro e responder de forma competente às situações do dia-a-dia que envolvem decisões financeiras, incluindo acontecimentos na economia global. (ME, 2013, p.5)

Ao longo dos anos, este conceito tem vindo a ser estudado, pois com o avançar da sociedade e com a globalização torna-se cada vez mais importante capacitar os cidadãos para tomarem decisões financeiras acertadas.

Tal como é referido no Relatório Do Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa (2010) a LF apoia as decisões financeiras, mas também as decisões do

quotidiano, ou seja, este conceito vai muito além do conhecimento de matérias financeiras, envolve também “a forma como esses conhecimentos afectam os comportamentos e atitudes dos cidadãos no momento da tomada de decisões” (p.16).

Contudo, a definição mais utilizada a nível internacional, segundo o Banco de Portugal, é a de Schangen (1997), a qual diz que “a literacia financeira é a capacidade de fazer julgamentos informados e tomar decisões corretas tendo em vista a gestão do dinheiro” (p.16).

A importância e o papel da escola na difusão da Literacia Financeira

Durante a crise financeira que atravessou o mundo, notou-se uma clara falta de LF por parte dos cidadãos, pois não conseguiram tomar decisões financeiras de uma forma acertada, apesar dos esforços feitos pela OCDE em 2003-2004 (Saraiva, 2017). Posto isto, era necessário investir, ainda mais, na LF dos cidadãos.

Era necessário capacitar os mais jovens sobre assuntos relativos a aspetos financeiros. Esta capacitação costuma iniciar-se nas famílias, porém nem todas as famílias o conseguiam e conseguem fazer, por isso foi necessário passar alguma desta responsabilidade para as escolas. Para contrariar isto, a escola passou a ter um papel muito importante para o desenvolvimento da LF dos mais jovens (Fonseca, 2017). A escola tem a missão de preparar as crianças “para serem cidadãos ativos, interessados e com consciência cívica (Ferreira, 2013).

Segundo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), o PISA, Programa de Avaliação Internacional de Estudantes, organizado pela OCDE, “é uma avaliação internacional que mede o nível educacional de jovens de 15 anos por meio de provas de Leitura, Matemática e Ciências”, estes testes são realizados pela OCDE a cada três anos e têm como principal objetivo identificar as maiores dificuldades dos alunos.

Segundo os resultados do PISA, em 2018, 63,1% dos alunos portugueses que responderam a estes testes diziam já utilizar o cartão de crédito para fazer compras, mas apenas 43,3% dizem ter obtido informações ligadas à EF por parte dos professores. Também no mesmo teste, os alunos portugueses revelaram um desempenho inferior em LF, do que em relação à leitura e à matemática.

Educação Financeira

Com o aumento da preocupação em desenvolver a LF nas crianças, surgiu um novo conceito: a EF.

Para além da lacuna que se verifica ao nível da EF, existe também uma no que diz respeito a saber ser um bom consumidor, responsável e informado, que toma as decisões corretas (Ferreira, 2013).

Este é um dos temas presentes no 2.º grupo dos domínios da Educação para a Cidadania (Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, 2017) e tal como todos os domínios podem ser integrados transversalmente no currículo. Segundo a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC), os conteúdos deste segundo grupo (sexualidade, media, instituições e participação democrática, literacia financeira e educação para o consumo, segurança rodoviária e risco) são obrigatórios em “pelo menos dois ciclos do ensino básico” (p.7), realçando ainda mais a ideia de que o tema da LF e da educação para o consumo são muito importantes durante o processo de formação dos alunos.

Nos dias de hoje, todos nós somos bombardeados todos os dias com ações de *marketing*, logo há cada vez mais necessidade de existirem consumidores informados que sabem lidar com estas situações. É também importante os adultos passarem a ideia às crianças de que as publicidades a que ela assiste estão feitas para a tentar convencer a comprar determinado produto, mesmo que ela não necessite dele (bens supérfluos).

Como é referido no Referencial de Educação do Consumidor (Dias et al., 2019), educar para o consumo é preparar o aluno para ser bom consumidor no futuro “que acede à informação, que julga com critério, que não descarta a solidariedade e a responsabilidade social dos seus comportamentos” (p.5). Alguns destes princípios estão presentes no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (ME, 2017), que segundo a ENEC, é um documento que serve como referencial para o desenvolvimento curricular e para o trabalho desenvolvido por cada escola e que vai ao encontro “aos desafios sociais e económicos do mundo atual” (ENEC, 2017, p.1).

Conceito de Educação Financeira

Assim como o conceito de LF, este novo conceito possui inúmeras definições.

No documento da OCDE, *Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness* (2005), a EF é definida como sendo o processo pelo qual os consumidores melhoram o seu conhecimento sobre os vários produtos, conceitos e riscos da vida financeira.

Já Alves (2012) defende que se entende por EF o processo pelo qual os cidadãos vão adquirir conhecimentos que lhes permitirá desenvolver capacidades e uma maior confiança para estar mais atento aos riscos e às oportunidades financeiras. Deste modo, o cidadão consegue tomar decisões conscientes e autonomamente.

A importância e o papel da escola na difusão da Educação Financeira

A EF é um tema que tem vindo a ganhar muita importância. Aquando da crise financeira mundial de 2008, já era dada alguma importância a este tema, pois a OCDE em 2005 já tinha tentado dotar os cidadãos de melhor LF através da EF. Contudo, nesta crise os cidadãos revelaram poucos conhecimentos financeiros, pois não conseguiam tomar as melhores decisões em relação ao seu dinheiro e muitas pessoas ficaram endividadas.

Por tudo isto, a OCDE voltou a investir na EF e num dos seus documentos- *Guidelines on Financial Education at School* (2012) - afirma que a LF e a EF ganharam uma importância maior, pois esta situação revelou as dificuldades que os cidadãos tinham em tomar decisões acertadas no que dizia respeito ao seu dinheiro.

Apesar da escola ter recebido esta responsabilidade, a forma como as famílias lidam com os aspetos financeiros influencia, e muito, a forma como as crianças vão lidar com o seu próprio dinheiro no futuro. É importante que a família adapte os seus comportamentos, pois como sabemos, as crianças nas primeiras idades aprendem por imitação.

Pensa-se que este conceito é um pouco complexo para as crianças, mas é essencial, pois estas tornam-se cada vez mais cedo consumidoras e por consequência começam a ter contacto com o dinheiro mais cedo, sem terem bases para tal (Fonseca, 2017). Os conceitos financeiros devem ir sendo introduzidos mediante a maturidade demonstrada pelas crianças. Algo também muito importante que os pais devem passar

aos seus filhos é que o trabalho é algo muito importante e uma fonte de rendimento, bem como a ideia de que o dinheiro não é infundável.

A OCDE começou a investir na EF dos cidadãos e como tem a noção de que as crianças são os consumidores de amanhã, considerou necessário introduzi-la nos currículos escolares. Apesar desta aposta existem inúmeras barreiras, como por exemplo, a falta de tempo e recursos, bem como a pouca experiência dos docentes para a abordagem do tema.

Para tentar combater estas dificuldades, a OCDE e a INFE, em 2008, desenvolveram algumas diretrizes para ajudar à abordagem da EF nas escolas. Estas diretrizes defendiam que a EF deveria estar presente nos programas escolares como sendo parte de uma estratégia nacional sobre este mesmo assunto, bem como ter uma implementação flexível. Não necessita de uma disciplina isolada, pois é um assunto multidisciplinar, contudo, frequentemente, é apenas ligada à disciplina de matemática. Este documento defende que cada país deve adequar os objetivos a trabalhar de acordo com as circunstâncias nacionais, regionais e locais, “as estruturas de aprendizagem podem variar de acordo com as circunstâncias nacionais, regionais ou locais” (OCDE, 2012, p.6). Estas aprendizagens devem também ser adequadas às diferentes idades e desenvolvimento das crianças “A Educação Financeira nas escolas deve começar o mais cedo possível (idealmente no jardim de infância e nas escolas primárias” (OCDE, 2012, p.7).

A OCDE, em conjunto com a INFE, em 2012, desenvolveu a brochura “Financial Education in Schools”, onde se refere a importância da EF nos primeiros anos de vida, pois na sociedade em que vivemos existem cada vez mais produtos e é necessário dotar os cidadãos de competências que os ajudem a decidir quais os produtos que devem ou não comprar. A EF é vista como um investimento a longo prazo, pois capacita os cidadãos com competências que os ajudarão a tomar decisões conscientes e informadas ao longo das suas vidas (OECD & INFE, 2012).

O facto de os cidadãos estarem mais capacitados para tomar decisões a nível financeiro não proporciona apenas bem-estar individual, mas também pode causar impacto nas suas famílias e na sociedade, por isso é que a educação financeira é tão importante.

Com a introdução da EF nos currículos, as crianças vão adquirindo conhecimento e capacidades que as ajudarão a melhorar os seus comportamentos financeiros.

A integração da EF nos testes PISA será uma boa ferramenta para identificar as maiores dificuldades dos alunos no âmbito deste tema e ajudará a entender quais as mudanças que devem ser feitas, bem como as os objetivos que devem ser tratados.

Seguindo as recomendações da OCDE, Portugal começou a investir na EF dos seus cidadãos.

A OCDE defendeu que era necessário integrar a EF nos currículos escolares, contudo se olharmos para os programas escolares portugueses apenas encontramos uma referência a este tema no programa de matemática.

A matemática está presente em muitas situações do nosso quotidiano e muitas dessas situações são situações financeiras, como por exemplo uma simples ida às compras. Por este motivo, é necessário que a escola ofereça aos seus alunos atividades semirreais, ou seja atividades que os alunos têm grande probabilidade de encontrar no seu dia a dia.

Se olharmos para o programa de matemática em vigor em Portugal (ME, 2013) percebemos que estão presentes alguns temas da EF, no domínio dos Números e Operações (ajudam os alunos a realizar operações com dinheiro), no domínio da Geometria e Medida (é mencionada a grandeza dinheiro e ajuda os alunos a realizar contagens com dinheiro) e, no domínio da Organização e Tratamento de dados (ajuda os alunos a organizar as suas informações financeiras).

Apesar da EF estar presente no programa de matemática não é suficiente para ajudar os alunos a desenvolver conceitos ligados a este tema. Mostrando o seu interesse e realçando a importância da temática o Estado português lança em 2013 o REF (Dias et al., 2013).

O REF é um documento orientador para professores e educadores. Este documento está dividido em seis grandes temas, que por sua vez estão divididos em subtemas e cada um deles tem diferentes objetivos associados. É importante referir que estes objetivos estão destinados a diferentes níveis de ensino, como se pode verificar na Figura 2.

Figura 2

Temas, subtemas e objetivos nos diferentes níveis de ensino (Educação Financeira)

TEMAS	SUBTEMAS	OBJETIVOS	Pré-Escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
Planeamento e Gestão do Orçamento	Necessidades e Desejos	Compreender a diferença entre o necessário e o supérfluo	X	X	X	X	X
	Despesas e Rendimentos	Relacionar despesas e rendimentos	X	X	X	X	X
	Risco e Incerteza	Avallar os riscos e a incerteza no plano financeiro		X	X	X	X
	Planeamento	Evidenciar a relevância do planeamento a médio e a longo prazo				X	X
Sistema e Produtos Financeiros Básicos	Meios de Pagamento	Caracterizar meios de pagamento	X	X	X	X	X
	Contas Bancárias	Compreender o funcionamento da conta de depósito à ordem		X	X	X	X
	Empréstimos	Caracterizar empréstimos		X	X	X	X
	Sistema Financeiro	Indicar características do sistema financeiro		X	X		
		Compreender o funcionamento do sistema financeiro				X	X
	Seguros	Caracterizar seguros		X	X	X	X
Poupança	Objetivos da Poupança	Saber o que é a poupança e quais os seus objetivos	X	X	X	X	X
	Aplicações da Poupança	Compreender formas de aplicação e de remuneração da poupança			X	X	X
Crédito	Necessidades e Capacidades Financeiras	Caracterizar necessidades e capacidades financeiras				X	X
	Custos do Crédito	Identificar diferentes custos do crédito				X	X
	Responsabilidades do Crédito	Entender as responsabilidades decorrentes do recurso ao crédito				X	X
Ética	Ética e Responsabilidade Social nas questões financeiras	Compreender a importância da ética nas questões financeiras		X	X	X	X
Direitos e Deveres	Informação Financeira	Saber que existem direitos e deveres relativamente às questões financeiras		X	X	X	X
	Prevenção de Fraude	Saber proteger-se da fraude financeira				X	X

Para ajudar professores e alunos na abordagem dos temas presentes no REF, em 2015, surgiu o Caderno de Educação Financeira para o 1.º Ciclo (Vicente et al., 2015). Este recurso é o resultado

de um protocolo celebrado no âmbito do Plano Nacional de Formação Financeira entre o Ministério da Educação e Ciência, os supervisores financeiros (Banco de Portugal, Comissão do Mercado de Valores Mobiliários e Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões) e quatro associações do setor financeiro (Associação Portuguesa de Bancos, Associação Portuguesa de Seguradores, Associação Portuguesa de Fundos de

Investimento, Pensões e Patrimónios e Associação de Instituições de Crédito Especializado)(Vicente et al., 2015) .

Este caderno interliga a EF às diferentes áreas do saber, no qual os temas podem ser trabalhados de uma forma lúdica.

Apesar de se pensar que este tema é um pouco complexo para as crianças, os diferentes conceitos financeiros podem ser trabalhados consoante as suas fases de desenvolvimento. Piaget defende que as crianças constroem representações mentais desde cedo, logo a “promoção de valores e a construção de conhecimentos financeiros” irá ter efeitos a longo prazo. (Ferreira, 2013).

Em relação à percepção económica, Denegri, uma psicóloga brasileira, citada por Ferreira (2013), defende que existem três níveis com características muito individuais.

No primeiro nível -Pensamento económico primitivo- as crianças são incapazes de relacionar o dinheiro com o trabalho dos pais e têm a percepção de que é inesgotável.

No segundo nível - Pensamento económico subordinado- as crianças já conseguem relacionar as questões sociais com os aspetos financeiros.

Já no último nível - Pensamento económico inferencial- as crianças já têm assimilado por completo o mundo real e têm a capacidade de raciocínio abstrato, relacionando questões sociais, económicas e políticas. A psicóloga defende que é nesta fase que se deve reforçar a educação financeira.

Como vimos, os conceitos de educação financeira podem ser trabalhados em qualquer idade desde que os conteúdos sejam adequados ao desenvolvimento da criança. Stuart (2009), no seu livro “Ensine Seu Filho a Cuidar do Dinheiro”, dá algumas sugestões de quais os conceitos de educação financeira que podem ser trabalhados nas diferentes idades. Aos três/quatro anos de idade as crianças revelam pouco interesse pelo dinheiro, apenas demonstram interesse pelas moedas e as suas cores. Os educadores devem aproveitar este interesse das crianças e criar atividades de classificação de moedas (cor e tamanho) e deste modo, as crianças vão conhecendo as diferentes moedas.

Ferreira (2013) defende que nestas idades devem ser apresentadas também as notas às crianças e trabalhar a diferença entre “necessidade” e “desejo”, bem como os conceitos de “barato” e “caro”. Já aos cinco anos, as crianças já distinguem as notas das moedas e começam a associá-las à compra de bens. O educador pode criar atividades

“faz de conta”, como por exemplo a criação de uma loja na sala. Quando a criança atinge os seis anos, já começa a entender que as moedas têm valores diferentes, mas não têm a noção do poupar, pois para elas o dinheiro “é algo imediato”. É nesta idade que pode ser introduzida a mesada e o hábito de poupar. Já aos sete anos, a criança já começa a querer ganhar o seu próprio dinheiro e faz pequenas compras. É neste momento que devem ser criados objetivos de poupança e incentivar as crianças a irem ao supermercado com os pais e envolvê-las na procura de itens. Ferreira (2013) defende que a partir desta idade as crianças devem ser envolvidas nas finanças da família e fomentar a ideia de que para se ter dinheiro é necessário trabalhar. Aos oito anos as crianças já começam a demonstrar algum interesse pelo dinheiro e já conseguem poupar o dinheiro da sua mesada para comprar itens que desejam. É a idade ideal para se “discutir sobre os desejos a serem realizados a partir do hábito de poupar.”

Esta investigação que estou a realizar incide sobre crianças com idades compreendidas entre os nove e os dez anos e espera-se que já sejam capazes de relacionar diferentes aspetos e abstrair-se da realidade, contudo ainda estão muito dependentes do mundo para conseguirem essa abstração, por isso cabe ao professor preparar a aula tendo em conta o desenvolvimento da turma (Ferreira, 2013), partindo sempre das vivências da mesma, pois conseguirá um maior empenho e interesse e consequentemente melhores resultados. Em suma, o professor deverá adequar sempre os conteúdos e estratégias à sua turma.

Poupança

A crise financeira mundial de 2008 alertou a sociedade para o facto de ser necessário poupar para conseguirem enfrentar períodos financeiros mais conturbados.

A maioria da população não sabia educar as suas crianças financeiramente, contudo era essencial que isto acontecesse uma vez que, segundo Ferreira (2013) o grau de exigência das responsabilidades dos mais jovens iria ser cada vez maior.

No caso de Portugal, com esta crise, muitas famílias viram as suas poupanças reduzidas e por isso é que é tão necessário falar deste conceito às crianças desde cedo.

Conceito de poupança. Alterações ao longo dos anos

O conceito de poupança é muito importante, e Helena Real, do Gabinete do Património Histórico da Caixa Geral de Depósitos, definiu este termo como sendo algo que é “tudo aquilo que não se gasta, não se destrói, começando nas nossas casas! Tudo isto se repercutirá num futuro próximo.” (Real, 2010), contudo, ao longo dos anos tem vindo a ser posto de parte e é necessário que se lhe volte a dar a importância que lhe era dada antigamente.

Como sabemos, em tempos mais antigos, as famílias, apesar de terem rendimentos mais reduzidos, tinham sempre a responsabilidade de poupar aquilo que podiam. Eram muito mais cuidadosas com os gastos desnecessários, para que quando surgisse um imprevisto o conseguissem ultrapassar. O termo “poupança” deixou de ser uma prioridade para as famílias, ao longo do tempo.

Segundo um artigo do jornal Diário de Notícias, em 2019, as pessoas pouparam três vezes menos do que nos anos 70 e 80. No mesmo artigo faz-se referência às estatísticas da PORDATA, que referem que a poupança representou apenas 7,1% dos rendimentos da população (Diário De Notícias, 2020).

Com a entrada de Portugal na então Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1986, a população viu o seu acesso ao crédito muito mais facilitado, fazendo com que o poder de compra das pessoas aumentasse. Contudo, este aumento não era real, mas mesmo assim as pessoas continuaram a colocar a poupança de parte e a palavra começou até a ganhar uma conotação negativa.

Sabendo da importância da poupança este é um dos temas mais importantes para ser abordado na EF, pois permite à população preparar a sua reforma e faz com que se consiga ultrapassar momentos financeiros mais difíceis (Ferreira, 2013).

Os tempos que vivemos atualmente, de pandemia da COVID-19, são muito parecidos com os tempos que vivemos durante a crise financeira, pois à semelhança dos tempos de crise, hoje em dia, voltamos a assistir a uma instabilidade laboral com perda de empregos, o que volta a realçar a importância da poupança. Segundo uma notícia publicada no Notícias ao Minuto pela Lusa, durante a pandemia, no quarto trimestre de 2020, a taxa de poupança das famílias portuguesas aumentou para 12,8% (verificou-se um aumento de 5,7%, em relação à notícia anteriormente publicada pelo Diário de

Notícias, referida previamente). Portugal, já não registava números tão elevados no que diz respeito à poupança desde 2002. (Lusa, 2021)

Como foi dito anteriormente, a poupança deve voltar a estar no topo das prioridades de todas as famílias e, segundo Ferreira (2013), mesmo antes de se comprarem todas as coisas necessárias e de pagar todas as contas, as pessoas devem colocar uma quantia de parte para evitarem gastá-la em coisas supérfluas durante o resto do mês.

O Banco Santander também refere que a poupança é algo muito importante na vida financeira e, tal como Ferreira (2013), defende que a quantia de dinheiro pensada para a poupança deve ser retirada logo no início do mês, pois “é mais fácil poupar” (Banco Santander, 2020).

Outras das coisas que se tem de mudar em relação ao termo “poupança” é a sua conotação negativa. A poupança deve ser vista como algo positivo que nos ajuda a ultrapassar os momentos de maior dificuldade e a fazer face a momentos inesperados, como por exemplo ficar repentinamente sem emprego. Por estes motivos é que é tão importante falar deste conceito.

A perceção que as crianças vão tendo sobre a poupança vai-se alterando consoante as idades, pois segundo Ferreira (2013) as crianças dos três aos seis anos de idade têm um interesse quase nulo pelo dinheiro, sendo muito difícil promover a poupança nestas idades, contudo, pais e professores podem criar inúmeras atividades que ajudem a criança a perceber que o dinheiro é algo valioso e não o podemos desperdiçar. O simples ato de apanhar moedas que encontramos no chão vai ajudar a criança a perceber esta importância.

É também durante esta idade que a criança deve ser presenteada com um mealheiro e fomentar assim a ideia de poupança, pois nele irá colocar todo o dinheiro que lhe é dado ou que tenha encontrado. Com seis a dez anos de idade as crianças podem começar a receber uma semanada e em conjunto com os pais estipular a quantia que se destinará à poupança. Dos onze aos catorze anos as crianças costumam pedir aumentos ou adiantamentos das semanadas, contudo nesses momentos os pais devem aproveitar esse facto para chamar à atenção da importância da poupança e não dar aos filhos o que é pedido. Como se trata de idades mais avançadas também se pode começar a explorar o conceito de orçamento, uma excelente ferramenta para a poupança.

A partir dos quinze anos, e se a educação financeira tiver sido bem-sucedida, os jovens estão preparados para entrar na vida adulta devidamente preparadas para enfrentarem as questões financeiras que lhes forem apresentadas.

Devido à importância deste conceito, desde o ano de 1969, começou-se a celebrar em Portugal, no dia 31 de outubro o Dia Mundial da Poupança, cujo o objetivo é consciencializar as pessoas para a necessidade de poupar e a ajuda que a poupança nos pode dar em momentos financeiros mais difíceis (Meireles, 2020).

Relativamente ao tema da poupança na EF, pretende-se que os alunos entendam a importância deste conceito e de que para a atingir têm de abdicar do consumo imediato.

Para as crianças ficarem mais interessadas sobre o tema, os professores devem informar os seus alunos de que a poupança poderá estar relacionada com a realização de um sonho.

Apesar de os alunos ficarem a entender que a poupança pode ajudar a concretizar os seus desejos, é importante que fiquem a perceber que a poupança traz flexibilidade financeira, estabilidade e tranquilidade no futuro.

Para se saber poupar é necessário aprender a elaborar e a gerir um orçamento, bem como estar atento aos produtos do mercado, escolhendo de forma responsável o melhor produto, bem como nas questões financeiras, sempre cientes dos seus direitos e deveres enquanto consumidores (Pontes, 2016).

Estudos empíricos

Ao longo dos anos têm sido feitos vários trabalhos sobre a EF, mais concretamente sobre a poupança, em Portugal, pois este tema tem vindo a ganhar uma grande importância.

Em 2016, Pontes desenvolveu um trabalho intitulado *Educação Financeira: uma abordagem da poupança com alunos do 4.º ano de escolaridade*, sobre a forma como abordar este tema numa turma do 4.º ano de escolaridade. A investigadora definiu apenas uma questão orientadora: “se as crianças não têm a oportunidade de aprender a usar o dinheiro, como irão então aprender livremente a optar pela poupança?” (p.19). Utilizou uma metodologia qualitativa, pois procurou perceber os problemas/dificuldades dos alunos, não esquecendo o contexto em que os mesmos se inseriam.

Como os alunos tinham poucos conhecimentos sobre o tema, a investigadora utilizou o método exploratório.

Para recolher a informação, neste estudo, foram utilizados questionários, meios audiovisuais, documentos dos alunos e foram realizadas observações.

Segundo a investigadora, o objetivo deste trabalho era desenvolver “conhecimentos e habilidades financeiras básicas” (p. 44) que dotassem os alunos de um “pensamento crítico, refletido e informado em relação ao dinheiro e à importância da poupança” (p. 44). As dificuldades referidas relacionavam-se com a interpretação dos enunciados.

Como a investigadora optou por realizar dois questionários (um antes de iniciar a exploração dos conceitos e outro após) conseguiu notar uma “evolução significativa nos conhecimentos dos alunos” (p. 117).

Em 2017, Leal desenvolveu um trabalho intitulado *Educação Financeira no 1.º CEB: Importância da poupança e do planeamento, numa turma mista de 3.º e 4.º ano*.

Esta investigação tinha como objetivos “Promover a compreensão da poupança como forma de alcançar os objetivos; desenvolver a capacidade de elaborar um orçamento; educar os alunos na e para a justiça social; familiarizar os alunos com os direitos e deveres dos consumidores; planejar e implementar tarefas que promovam comportamentos corretos relacionados com o dinheiro e a poupança.” (p.26).

Foi adotada uma metodologia qualitativa e o método utilizado foi o estudo de caso. Os dados foram recolhidos utilizando observações, meios audiovisuais e documentos dos alunos.

No que diz respeito às dificuldades destaca-se a dificuldade de atenção de alguns alunos, bem como dificuldades ao nível do cálculo mental.

Já em 2019, Gonçalves desenvolveu, junto de uma turma de 4.º ano, uma investigação intitulada por *Educação Financeira e Matemática: um caminho para a poupança*.

Com o objetivo de perceber se os alunos do 4.º ano estavam preparados para lidar com questões financeiras, realizou uma série de tarefas que lhe permitiu identificar o conhecimento dos alunos em relação ao vocabulário específico da Educação Financeira; Dar a conhecer aos alunos o vocabulário financeiro; capacitar os alunos para

escolherem o produto mais correto, tendo em vista a poupança; ajudar os alunos a contruir orçamentos individuais.

Assim como as investigadoras anteriores, Gonçalves também optou pela metodologia qualitativa, utilizando o método descritivo. Quanto às técnicas de recolha de dados foram realizadas observações, questionários e os documentos dos alunos.

A investigadora refere que no final se notou uma evolução positiva em relação ao conhecimento dos alunos sobre aspetos da EF e aponta como maiores dificuldades a não familiarização da turma com os temas abordados, na resolução e interpretação de problemas e ao nível da comunicação aluno-professor.

METODOLOGIA

Nesta secção são apresentadas as opções metodológicas adotadas para a realização do estudo, as características do grupo participante, bem como as técnicas utilizadas na recolha de dados. Segue-se a intervenção educativa, as categorias de análise e a calendarização do estudo.

Opções Metodológicas

Ainda no decorrer das observações, a turma revelou alguma falta de conhecimentos no que diz respeito à EF. Tendo em conta este aspeto e o problema e objetivos estabelecidos para esta investigação, optou-se por um paradigma transformativo, pois era necessário realizar algumas mudanças nos conhecimentos dos alunos em relação à EF. Cada metodologia tem as suas características, ou seja, segundo Taylor e Bogdan (1987), a metodologia indica-nos o modo como nos devemos focar nos problemas e como encontrar as respostas. Em suma, é a metodologia que nos indica como realizar a investigação.

Neste estudo optou-se pela metodologia qualitativa. Esta metodologia tem diversas características que a definem. Segundo Bogdan e Biklen (1994) “a fonte direta dos dados é o ambiente natural, sendo o investigador o instrumento principal” (p. 47), pois recolhe a informação observando as ações no ambiente em que ocorrem. Estes dois autores defendem ainda que a metodologia qualitativa é descritiva, uma vez que “os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não números” (p.48) e os resultados escritos das investigações contêm, muitas vezes citações de entrevistas feitas durante a investigação, apontamentos do investigador, fotografias, vídeos, entre outros métodos. Já em 1987, Taylor e Bogdan, tinham defendido a ideia de que esta metodologia produzia dados descritivos. Deste modo, “os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa” (Bogdan & Biklen, 1994, p.49). Esta metodologia dá uma maior relevância ao processo do que aos próprios resultados, sendo assim uma metodologia indutiva. Segundo Taylor e Bogdan (1987) e Bogdan e Biklen (1994), os investigadores desenvolvem as suas compreensões através dos dados que recolhem, ou seja, não recolhem dados para provarem teorias existentes. É uma metodologia que parte do individual para o geral. Segundo Bell (1997), os investigadores que utilizam esta

metodologia procuram a compreensão e não a análise estatística, ou seja, os participantes não são reduzidos a variáveis, mas sim considerados como um todo.

Quem utiliza esta metodologia não procura o certo nem o errado, procura a “compreensão detalhada das perspetivas de outras pessoas “(Taylor & Bogdan, 1987, p.21), contudo isto não quer dizer que os investigadores não se preocupam com a precisão dos dados.

Esta metodologia recolhe os seus dados através da pergunta, da observação e do estudo.

Nesta investigação, optou-se pelo método da investigação-ação, pelo seu carácter mais interventivo e transformador.

Existem muitas definições para a investigação-ação. Cohen et al. (2007) defendem que a investigação-ação é uma ferramenta muito útil para se conseguir a mudança e a melhoria a nível local. Os autores, defendem ainda que a investigação-ação consegue preencher a lacuna entre a pesquisa e a prática, procuram superar o fracasso e causar um impacto ou melhorar uma determinada prática.

Na investigação-ação, através de questionários e outros métodos de recolha de dados consegue-se perceber se existem alterações nos conhecimentos sobre determinado tema, ou seja, de questionário para questionário, ou de entrevista para entrevista ou de tarefa para tarefa deverá registar-se uma mudança.

Neste método de investigação, segundo Elliott citado por Bell (1997), as teorias são validadas através da prática e não o contrário.

Bell (1997) defende que a investigação-ação tem uma “natureza essencialmente prática” (p.22) e que se adequa a qualquer situação. Este método tem de ser planeado de forma sistemática e os métodos de recolha de dados devem estar ligados à natureza da informação que se pretende recolher.

A investigação-ação deve conter em si, sempre, uma intenção de mudança e é caracterizada por “um maior dinamismo na forma de encarar a realidade, maior interatividade social, maior proximidade do real (...) da participação e da reflexão crítica” (Coutinho et al., 2009, p.357), pois durante a investigação, os participantes vão analisando “as suas próprias práticas” (Coutinho et al., 2009, p.360) de uma forma sistemática.

O que melhor caracteriza a investigação-ação é o facto de ser um método prático que procura resolver problemas reais.

Coutinho et al. (2009) e Amado (2017) destacam o facto de esta metodologia ser participativa e colaborativa, pois “implica todos os intervenientes no processo” (Coutinho et al., 2009, p.362); é prática e interventiva, pois “não se limita ao campo teórico” (Coutinho et al., 2009, p.362) não só descreve como intervém numa realidade; é cíclica, pois “envolve uma espiral de ciclos” (Coutinho et al., 2009, p.362) (identificação do problema- recolha de dados- reflexão- análise dos resultados- ações orientadas em função dos dados recolhidos- redefinição do problema); é crítica, pois os participantes não pretendem apenas melhorar algo, eles atuam como “agentes de mudança, críticos e autocríticos” (Coutinho et al., 2009, p.362); e é autoavaliativa, uma vez que as mudanças são constantemente avaliadas.

Na investigação-ação, o investigador é visto como o agente de ação e/ou desenvolvimento, pois é ele que planifica e implementa as atividades. Também é ele que recolhe os dados, os analisa e reflete sobre eles, alterando e repetindo este ciclo quantas vezes quiser até que se verifique uma mudança.

Em relação às metas da investigação-ação podem-se destacar as seguintes: melhorar/transformar uma prática e aproximarmo-nos da realidade.

Tendo em conta que o objetivo deste estudo é compreender de que modo é que os alunos do 4.º ano de escolaridade transferem os seus conhecimentos em relação à EF para o seu dia a dia, bem como as suas dificuldades, este método foi o adequado para obter respostas, pois possibilita uma recolha de dados sistemática, aprofundada e reflexiva.

Participantes

O estudo recaiu sobre uma turma do 4.º ano de escolaridade, numa das escolas do concelho de Viana do Castelo. A turma era constituída por vinte e dois alunos, onze do sexo masculino e onze do sexo feminino, com nove e dez anos de idade. Todos os alunos participaram nesta investigação.

A maioria dos alunos da turma gostava de matemática, apesar de alguns demonstrarem grandes dificuldades. Estas dificuldades residiam essencialmente na compreensão dos enunciados, bem como em transpor a teoria para a prática, ou seja,

os alunos pareciam entender grande parte da matéria lecionada, contudo quando chegavam aos exercícios, não conseguiam aplicar os seus conhecimentos. Estas dificuldades faziam com que os alunos dependessem muito do professor durante a resolução das tarefas, pois solicitavam a sua ajuda mesmo antes de tentarem compreender os enunciados.

Recolha de dados

Uma das etapas de uma investigação é a escolha dos métodos de recolha de dados. Vale (2004) defende que esta fase é uma das mais importantes, pois possibilita-nos a obtenção dos resultados que pretendemos, ou seja, selecionar quais os métodos mais adequados ao problema e aos objetivos do estudo. Tal como Almeida e Freire (2000) afirmam, a qualidade informativa dos dados vai depender da qualidade das técnicas de recolha de dados utilizados.

O termo dados diz respeito aos materiais “que os investigadores recolhem no mundo em que se encontram a estudar; são os elementos que formam a base da análise” (Bogdan & Biklen, 1994, p.149). Os autores defendem que os dados são o que os investigadores registam ativamente, como por exemplo transcrições de entrevistas e registos de observações. Estes autores afirmam ainda que os dados são vistos como provas e pistas.

Segundo Moreira (2007), “observar, perguntar e ler” (p.153), são ações fundamentais durante o processo de recolha de dados. Neste estudo estas ações desenvolveram-se através várias técnicas, como a observação participante, utilização de recursos audiovisuais, tarefas resolvidas pelos alunos e inquéritos.

Quando os investigadores utilizam diferentes técnicas de recolha de dados que se relacionam entre si é possível realizar-se uma triangulação de dados que nos permite compreender mais profundamente o assunto em causa.

A triangulação de dados recolhidos é algo crucial, pois cruzando diferentes informações recolhidas por diferentes métodos ajuda a dotar de uma maior validade científica aos dados recolhidos. Contudo, as diferenças de interpretação não devem ser encobertas, pois só deste modo teremos uma visão real do mundo real.

Sabendo da importância de uma triangulação de dados para se assegurar a validade dos dados, neste estudo foram utilizados diferentes métodos de recolha de dados, que serão apresentados de seguida.

Observação

Um dos métodos de recolha de dados utilizado nesta investigação foi a observação. Este método ajuda o investigador a obter informações sobre um determinado assunto, por isso, antes de ser iniciado, o investigador deve saber aquilo que pretende observar. As observações “são a melhor técnica de recolha de dados” (Vale, 2004, p.179), pois permitem comparar aquilo que se diz, com o que se faz. Durante as observações é complicado para o investigador tirar notas de tudo aquilo que observa, por isso é necessário que o investigador se foque nos aspetos que precisa de clarificar.

Quando o investigador realiza as suas observações, o que é observado não é controlado pelo investigador, pois ele dirige-se para o local da ação sem saber aquilo que vai acontecer e espera que as ações não sejam condicionadas pela sua presença.

Nas observações, o investigador pode adotar diferentes posições. Pode adotar uma posição passiva, ou seja, exterior ao que pretende observar ou então pode adotar uma posição interativa, onde passa a ter um papel interventivo na observação.

A posição interativa é conhecida por observação participante. Neste tipo de observação, o investigador faz parte da observação intencionalmente e “influencia os acontecimentos a serem observados” (Vale, 2004, p.180). Utiliza-se quando o investigador pretende compreender os participantes da sua investigação, pois ao envolver-se nos acontecimentos, consegue uma maior aproximação dos participantes. Deste modo, o investigador tem a oportunidade de conversar informalmente com os participantes, conversas essas que lhe fornecem dados complementares em relação ao que observou.

As observações podem também caracterizar-se como sendo estruturadas ou não estruturadas. Nas observações estruturadas, o investigador cria listas com aquilo que pretende observar, já nas observações não estruturadas “o investigador observa o que acontece naturalmente” (Coutinho, 2014, p.138).

Neste estudo deu-se preferência a uma observação não estruturada e participante, pois procurava-se entender a maneira como os alunos abordavam assuntos ligados à EF, não forçando situações e intervindo nas conversas sempre que necessário para que se pudesse perceber os pontos de vista dos alunos.

Meios audiovisuais (vídeo e fotografia)

Outro método de recolha de dados que foi utilizado nesta investigação foi o registo de vídeo e fotográfico.

Hoje em dia, um dos instrumentos mais utilizados para a recolha de dados são as filmagens. Este instrumento traduz-se numa grande vantagem para os investigadores, pois dá-lhes a possibilidade de observar, analisar, parar e rever determinada situação as vezes que pretender para a conseguir compreender. As filmagens também são uma vantagem para o investigador, pois podem captar situações de que o investigador não se tenha apercebido durante as suas observações.

A fotografia também foi um método utilizado nesta investigação, e está “ligada à investigação qualitativa” (Bogdan & Biklen, 1994, p.183), pois permite ao investigador detetar detalhes que ele não se tenha apercebido durante as suas observações.

Importa referir que a utilização dos instrumentos de gravação e fotografia não interferiram no comportamento dos alunos, pois estes já estavam habituados à sua presença.

Documentos dos alunos

Outro instrumento de recolha de dados são os documentos. Segundo Erlandson et al. (1993), referido por Vale (2004), o termo documentos engloba registos escritos e simbólicos. Stake (1995), citado por Vale (2004), afirma que muitas das vezes, os documentos ajudam o investigador a compreender situações que não teve a oportunidade de observar.

Os documentos englobam as notas do observador, tarefas e notas realizadas pelos alunos. As tarefas e as notas realizadas pelos alunos foram um excelente método de recolha de dados neste estudo, pois permitiu à investigadora entender o modo como os alunos estavam a interiorizar os conteúdos que iam sendo abordados, bem como lhe forneceu dados que complementavam as suas observações.

É importante referir que as tarefas, inicialmente previstas, foram sendo ajustadas às necessidades e progressos dos alunos.

Inquérito

Outra das técnicas de recolha de dados utilizadas neste estudo foram os inquéritos.

A primeira tarefa que foi entregue aos alunos consistiu na aplicação de um inquérito por questionário que permitiu à investigadora entender quais os conhecimentos e dificuldades dos alunos em relação a diferentes conceitos da EF.

Os questionários consistem em colocar uma série de questões aos participantes de um estudo, contudo ao contrário das entrevistas, as questões estão impressas.

É um método estruturado que contém questões abertas ou fechadas.

As questões dos questionários devem estar relacionadas com o tema do estudo e o investigador não deve intervir nas respostas dos participantes, pelo contrário, deve pedir-lhes que sejam o mais sinceros possível.

Percurso da Intervenção Educativa no 1.º Ciclo

Este estudo contou com a realização de seis tarefas, algumas realizadas individualmente e outras em pequeno e grande grupo. Estas tarefas tinham o objetivo de desenvolver junto dos alunos alguns conceitos ligados à EF.

As tarefas elaboradas tiveram por base não só o REF (MEC, 2013), mas também o Caderno de Educação Financeira 1 (MEC, 2015).

A calendarização das tarefas é apresentada na tabela seguinte.

Tabela 2

Calendarização das tarefas

Tarefas	Calendarização
Tarefa 1 (T1) - Questionário	28 de abril
Tarefa 2 (T2) – “O necessário e o supérfluo”	12 de maio
Tarefa 3 (T3) – “Importância da poupança- o orçamento” Apresentação	27 de maio, 8 de junho
Tarefa 4 (T4) - “Como reagir ao imprevisto”	9 de junho
Tarefa 5 (T5) - “Meios de pagamento”	9 de junho
Tarefa 6 (T6) - “Um almoço para 4”	9 de junho

Ao longo da intervenção educativa foram trabalhados temas, subtemas e objetivos presentes no REF, nomeadamente os seguintes:

Tabela 3

Temas, subtemas e objetivos do REF trabalhados

Temas REF	Subtemas	Objetivos do REF	Descritores de desempenho do REF	T 2	T 3	T 4	T 5	T 6
Planeamento e Gestão do Orçamento	Necessidade e Desejos	Compreender a diferença entre o necessário e o supérfluo	Estabelecer a diferença entre “necessitar” e “querer”					
			Distinguir e exemplificar despesas necessárias e despesas supérfluas.					
	Despesas e Rendimentos	Relacionar despesas e rendimentos	Compreender a noção de rendimento.					
			Elaborar um orçamento, identificando rendimentos e despesas e apurando o respetivo saldo.					
	Risco e Incerteza	Avaliar os riscos e a incerteza no plano financeiro	Identificar possíveis situações inesperadas que podem afetar o rendimento familiar					
			Compreender a necessidade de constituição de um fundo de emergência no orçamento familiar.					
Sistemas e Produtos Financeiros Básicos	Meios de Pagamento	Caracterizar meios de pagamento	Reconhecer a importância de notas e moedas para adquirir bens.					
Poupança	Objetivos da Poupança	Saber o que é a poupança e quais os seus objetivos	Entender a poupança como forma de alcançar objetivos de longo prazo.					

Tarefa 1

A primeira tarefa apresentada aos alunos foi um pequeno inquérito por questionário (anexo 1). Esta tarefa tinha como objetivo entender quais os

conhecimentos e dificuldades que os alunos tinham em relação à EF. Na tabela 4 podem ser observados os objetivos desta tarefa, bem como a data da sua realização.

Tabela 4

Objetivos da Tarefa 1

Data de realização	28 de abril
Objetivo	Fazer um levantamento dos conhecimentos e dificuldades dos alunos em relação à Educação Financeira.

Tarefa 2

A segunda tarefa pretendia que os alunos entendessem que existem bens necessários e bens supérfluos, bem como a diferença entre os termos “necessidade” e “desejo”.

A tarefa dividia-se em vários momentos. Primeiramente foi entregue aos alunos uma folha com diversos objetos e estes teriam de pintar aqueles que comprariam, justificando sempre as suas escolhas (anexo 2). Depois de todos os alunos terem terminado esta parte da tarefa foi feito um levantamento, no quadro, de todas as opções dos alunos.

Num terceiro momento, a investigadora colocou as seguintes questões aos participantes:

1. Imaginem que vão de férias para o Algarve. Quais dos objetos que vocês escolheram é que vos iam fazer falta?
2. E para irem para a escola, quais são os objetos que vos iam fazer falta?
3. Depois desta nossa conversa, existem bens/objetos que são necessários?
4. Quais são os bens necessários para o nosso dia a dia?
5. E para um dia soalheiro no campo?
6. E para um dia de chuva?

Estas questões tinham como objetivo fazer com que os alunos entendessem que os bens necessários variam tendo em conta a situação em que nos encontramos.

Depois de os alunos terem percebido qual a diferença entre bens necessários e supérfluos, foi entregue a cada um deles um texto de Maria da Conceição Vicente (“Um casaco para o cão”) para consolidar conceitos (anexo 3). Após a leitura do texto foram feitas outras perguntas para que fosse mais fácil para os alunos interiorizarem os conceitos:

1. Conhecem algum sinónimo para a palavra necessário?

2. E para supérfluo?
3. Os nossos desejos são sempre uma necessidade?
4. Então qual é a diferença entre necessidade e desejo?
5. O nosso dinheiro é ilimitado?
6. E os nossos desejos?

Após este questionamento foi desenhada uma balança desequilibrada no quadro e os alunos teriam de colocar em cada um dos pratos as palavras: necessidade e desejo, ficando deste modo a entender que não podemos sobrepor os nossos desejos em relação às nossas necessidades, ou seja, as necessidades pesam mais do que os desejos.

Utilizando mais uma vez o questionamento, os alunos ficaram a entender que o facto de as necessidades pesarem mais que os desejos, não significa que não os possamos ter e de que há um meio que nos pode ajudar a concretizar esses mesmos desejos: a poupança.

Para terminar a tarefa foi entregue a cada aluno uma nova folha com diferentes objetos (anexo 4). Pediu-se-lhes para pintar com uma cor os que são necessários e com outra os supérfluos, justificando sempre as suas escolhas.

Tabela 5

Objetivos da Tarefa 2

Data de realização	12 de maio
Objetivos	• Compreender que existem bens necessários e bens supérfluos; • Enunciar bens necessários para o dia a dia; • Enunciar bens necessários para uma situação em específico; • Perceber que os bens necessários se alteram; • Entender o conceito de bem necessário e bem supérfluo; • Perceber a diferença entre necessidade e desejo; • Compreender que as nossas necessidades devem estar acima dos nossos desejos; • Identificar bens necessários e bens supérfluos.

Tarefa 3

A terceira tarefa tinha como objetivo apresentar o conceito “poupança” aos alunos, demonstrar a sua importância e os meios de a alcançar. Apresentou-se também o conceito de orçamento como forma de contribuir para a poupança, pois a sua elaboração ajuda-nos a gerir os nossos rendimentos e despesas.

À semelhança da tarefa anterior, esta também se dividiu em diversos momentos.

A tarefa iniciou-se com a leitura de um texto inspirado no de Maria da Conceição Vicente (“De mãos a abanar”) (anexo 5), que introduzia diversos conceitos, tais como o de semanada, orçamento, receitas, despesas e poupança. Após a leitura do texto foram feitas as seguintes questões à turma:

1. O que é que aconteceu aos irmãos Poupas?
2. Em que é que o Miguel gastou o dinheiro?
3. Eram necessidades ou coisas supérfluas?
4. Depois de conversarem com os pais o que é que os pais lhes ensinaram a fazer?
5. O que é um orçamento?
6. O que são receitas? E despesas?
7. O que se deve fazer ao dinheiro que nos sobra depois de pagar todas as despesas?
8. Por que é que devemos poupar?

Depois de todas estas questões, os alunos puderam sintetizar estas aprendizagens num esquema síntese.

Para terminar a tarefa, a turma foi dividida em seis grupos e a cada grupo foi atribuído um problema diferente (anexo 6), para que pudessem entender que as despesas e rendimentos das famílias não são todos iguais, realçando assim a necessidade de elaborar um orçamento familiar.

Na Tabela 6 podem ser observados os objetivos para esta tarefa, bem como a sua data de realização e apresentação.

Tabela 6

Objetivos da Tarefa 3

Data de realização	27 de maio
Data de apresentação	8 de junho
Objetivos	• Entender o conceito de poupança, bem como a sua importância; • Conhecer o conceito de rendimento e de despesa; • Entender quais as despesas necessárias e as despesas supérfluas; • Reconhecer que nem todas as famílias têm as mesmas despesas e os mesmos rendimentos; • Entender a importância dos orçamentos no exercício da poupança.

Tarefa 4

Com a quarta tarefa pretendia-se compreender a forma como os alunos reagiam ao imprevisto.

Para iniciar a tarefa os alunos foram avisados de que o projetor existente na sala tinha avariado e que por isso não seria possível apresentar o powerpoint previsto. Posto isto, os alunos teriam de escrever no seu caderno diário, pelo menos, três alternativas para contornar o problema existente.

Depois de todos os alunos terem pensado em diferentes alternativas, estas foram escritas no quadro e depois classificadas como: mais fáceis, mais sustentáveis e mais económicas.

Na tabela seguinte encontram-se os objetivos desta tarefa, assim como a sua data de realização.

Tabela 7

Objetivos da Tarefa 4

Data de realização	9 de junho
Objetivo	• Perceber como os alunos reagem ao imprevisto.

Tarefa 5

Inicialmente, esta tarefa não estava prevista, mas ao longo de uma das observações o tema dos meios de pagamento surgiu. Enquanto alguns dos alunos conheciam apenas os meios de pagamento mais tradicionais, outros conheciam alguns meios de pagamento mais atuais.

Esta tarefa consistiu em apresentar aos alunos a história da moeda (anexo 7) e depois disso realizou-se um pequeno debate sobre os diferentes meios de pagamento, apontado as suas vantagens e desvantagens.

Para terminar a tarefa, os alunos tiveram a oportunidade de indicar o meio de pagamento mais adequado para diversas situações.

Na tabela 8 encontra-se o objetivo e a data de realização desta tarefa.

Tabela 8*Objetivo da Tarefa 5*

Data de realização	9 de junho
Objetivo	• Conhecer os diferentes meios de pagamentos.

Tarefa 6

A sexta tarefa tinha como objetivo mostrar aos alunos que com uma quantia reduzida de dinheiro se podem comprar muitas coisas.

Inicialmente, foi perguntado aos alunos o que é que eles comprariam com 5€ e se achavam que dava para comprar muitas coisas. Depois disto, em pequenos grupos, tiveram de criar uma ementa para o almoço (prato principal e sobremesa) para uma família de quatro pessoas (dois adultos e duas crianças) com apenas 5€. A meio da tarefa, os alunos foram informados de que iriam existir dois custos adicionais: do gás e da água. Esta última situação serviu para perceber se os alunos tinham guardado algum do dinheiro para despesas inesperadas.

É importante referir que para a realização desta tarefa, foram disponibilizados vários folhetos de supermercado e os alunos tiveram também acesso a tablets para consultarem os preços de alguns produtos que não estavam presentes em nenhum dos folhetos.

Com esta tarefa os alunos ficaram a conhecer as quantidades adequadas de cada tipo de produto para crianças e para adultos.

Tabela 9*Objetivos da Tarefa 6*

Data de realização	9 de junho
Data de entrega	16 de junho
Objetivos	• Perceber que uma quantia reduzida de dinheiro dá para comprar muita coisa essencial; • Contactar com diferentes promoções e tipos de produto; • Criar uma ementa para 4 pessoas.

Procedimento de análise de dados

A análise dos dados é um processo em movimento e “não um acontecimento isolado no tempo” (Vale, 2004, p.181). Analisar dados é procurar um significado e a maior dificuldade do investigador é o facto dos métodos de análise não serem explicitados.

Para Wolcott (1994), referido por Vale (2004), existem três grandes etapas na análise de dados: a descrição, a análise e a interpretação.

A descrição consiste em estar o mais perto possível dos dados, ou seja, tratar os dados como factos.

Na fase de análise de dados, o investigador organiza e relata os dados que construiu anteriormente, na fase de descrição.

Já na fase de interpretação, o investigador tenta compreender todos os dados recolhidos, ou seja, dá-lhes um significado.

Para analisar os dados recolhidos neste estudo foram definidas algumas categorias tendo em conta a problemática e a bibliografia consultada.

- Conhecimentos prévios relativos a aspetos financeiros;
- Aplicação de conhecimentos financeiros no dia a dia;
- Reconhecimento da importância da poupança;
- Construção de um orçamento individual;
- Utilização vocabulário financeiro.

Na tabela seguinte, podemos observar a relação existente entre estas categorias de análise e as questões orientadoras deste estudo.

É importante ressaltar que a última categoria (Utilização do vocabulário financeiro) não está presente no quadro, pois está inerente a todas as questões orientadoras.

Também em todas as tarefas foram analisadas as dificuldades reveladas pelos alunos.

Tabela 10*Relação entre as questões orientadoras e as categorias de análise*

Questões orientadoras	Categorias de Análise
1. Que conhecimentos manifestam os alunos, em relação à Educação Financeira? a. Entendem o vocabulário inerente às questões financeiras (necessidades, desejos, despesas, rendimentos, orçamento, necessário e supérfluo)?	Conhecimentos prévios relativos a aspetos financeiros.
2. Como é que os alunos resolvem problemas matemáticos que envolvem dinheiro? Quais as suas dificuldades?	Aplicação de conhecimentos financeiros.
3. Como é que os alunos transferem os seus conhecimentos sobre Educação Financeira para o seu dia a dia? Que dificuldades revelam? a. Como é que os alunos tomam as suas decisões sobre poupança e as justificam?	Aplicação de conhecimentos financeiros no dia a dia. Reconhecimento da importância da poupança.
	Construção de um orçamento individual.

Na tabela 11 são relacionadas as categorias de análise com cada uma das tarefas.

Tabela 11*Categorias de análise em cada uma das tarefas*

Tarefa	Categorias de análise
Tarefa 1	Conhecimentos prévios relativos a aspetos financeiros (conceito de: mesada, semanada, poupança, necessário e supérfluo); Dificuldades reveladas pelos alunos.
Tarefa 2	Utilização do vocabulário financeiro, demonstrando entender qual o significado dos termos que utiliza (conceito de: necessário, supérfluo, desejo e poupança); Dificuldades reveladas pelos alunos.
Tarefa 3	Utilização do vocabulário financeiro, demonstrando entender qual o significado dos termos que utiliza (conceito de: orçamento, receitas, despesas (necessárias, supérfluas e inesperadas) e poupança); Construção de um orçamento individual; Aplicação de conhecimentos financeiros no dia a dia; Dificuldades reveladas pelos alunos.
Tarefa 4	Aplicação de conhecimentos financeiros no dia a dia; Dificuldades reveladas pelos alunos.
Tarefa 5	Utilização do vocabulário financeiro, demonstrando entender qual o significado dos termos que utiliza (conceito de: moeda, nota, caderneta, cartão de crédito, cheques e MB Way); Aplicação de conhecimentos financeiros no dia a dia; Dificuldades reveladas pelos alunos.
Tarefa 6	Reconhecimento da importância da poupança; Aplicação de conhecimentos financeiros no dia a dia; Dificuldades reveladas pelos alunos.

Calendarização

Este estudo foi realizado entre fevereiro de 2021 e novembro de 2021.

Inicialmente foi definido o tema, o problema e as questões de investigação do estudo. Seguidamente foram realizadas algumas pesquisas para a revisão de literatura. De seguida procedeu-se à observação dos participantes, à entrega dos pedidos de autorização aos encarregados de educação, à preparação e implementação da intervenção educativa, à recolha de dados e à escrita da caracterização do contexto. Por fim, procedeu-se à análise dos dados e à escrita do relatório.

Através da Tabela 12 é possível observar a calendarização do estudo.

Tabela 12*Calendarização do estudo*

Etapas do Estudo	Datas	fev. 21	mar. 21	abr. 21	mai. 21	jun. 21	jul. 21	ago. 21	set. 21	out. 21	nov. 21
Definição do problema e questões de investigação											
Pesquisa bibliográfica e Revisão de Literatura											
Pedidos de autorização aos encarregados de educação											
Seleção de tarefas											
Recolha de dados											
Análise dos dados											
Escrita do relatório											

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta secção serão apresentados e analisados os resultados obtidos através da análise dos questionários e tarefas resolvidas pelos alunos.

Análise dos questionários (T1)

Questão 1

Para a primeira questão “Tens mealheiro?”, foram registadas as respostas que se encontram na Tabela 13.

Tabela 13

Dados da questão 1

Respostas	N.º de alunos	Percentagem (%)
Sim	19	86,36
Não	3	13,64

Inicialmente alguns alunos tiveram alguma dificuldade em entender qual o significado do termo “mealheiro”, contudo quando foi substituído pela palavra “peteiro” todos conseguiram entender qual o sentido da pergunta.

Como é possível observar na Tabela 13, grande parte dos inquiridos respondeu positivamente a esta questão. Um dos alunos afirma ter uma conta bancária no lugar do tradicional mealheiro.

Os três alunos que responderam negativamente à questão, quando questionados, justificaram a sua resposta dizendo que não costumavam receber dinheiro e que por isso não necessitavam de um mealheiro.

Questão 2

Para a questão “Podes gastar o teu dinheiro sempre que queres?” foram registadas as respostas presentes na Tabela 14.

Um dos alunos que respondeu afirmativamente à questão não justificou a sua resposta. Os restantes três responderam da seguinte forma: “eu junto aquele dinheiro sozinho e então os meus pais deixam-me”, “eu não sou uma pessoa que compra muito e os meus pais deixam” e “posso ter o que quero”.

Quanto aos alunos responderam negativamente, apenas um não justificou a sua resposta. Sete alunos admitiram pedir autorização aos seus pais para gastarem o seu dinheiro e seis dizem poupar o seu dinheiro. Os outros quatro alunos justificaram a sua resposta da seguinte forma: “o meu pai ensinou-me que o dinheiro é uma coisa muito difícil de ganhar”, “não podes gastar o dinheiro quando queres”, “tenho de trabalhar para ganhar” e “os meus pais põem no banco para quando for grande”.

Tabela 14
Dados da questão 2

Resposta	N.º de alunos	Percentagem (%)
Sim	4	18,18
Não	18	81,82

Com a análise dos dados relativos a esta questão é possível verificar que grande parte da turma, aproximadamente 82%, não utiliza o seu dinheiro sempre que quer. Contudo apenas 33,33% dos alunos admite poupar o seu dinheiro ou para o futuro ou para comprar algo que realmente deseje.

Também com base nos dados anteriores, podemos confirmar uma das ideias defendida pela OCDE (2020). Algumas famílias não estão preparadas ou não falam sobre assuntos financeiros junto das crianças, o que no futuro pode afetar a sua capacidade de tomar decisões financeiras acertadas. Posto isto, e tal como Fonseca (2017) defendeu, foi necessário passar alguma desta responsabilidade para as escolas, para assim se conseguirem formar “cidadãos ativos, interessados e com consciência cívica” (Ferreira, 2013).

O aluno que afirma colocar o seu dinheiro no banco diz fazê-lo porque os seus pais lho dizem, ou seja, não é a vontade dele. Neste caso, o aluno demonstra não entender qual a vantagem de colocar o seu dinheiro num banco, apenas o faz porque os seus pais lhe dizem e sabe que daquela forma não pode gastar o seu dinheiro, pois não tem o acesso facilitado.

Já o aluno que refere que trabalha para ter o dinheiro dele, admite realizar algumas tarefas em conjunto com o pai e demonstra entender a importância do trabalho para a obtenção dos rendimentos. Vê o dinheiro como algo difícil de ganhar e que por isso não deve ser desperdiçado. Também este foi um ponto trabalhado ao longo da

revisão de literatura e defendido por Ferreira (2013), ou seja, é importante que as crianças percebam o mais cedo possível que para se ter dinheiro é preciso trabalhar e que é algo muito valioso.

Também através dos resultados podemos verificar que um dos alunos afirma poder ter tudo aquilo que quer e gastar o seu dinheiro quando quer. O mesmo aluno, havia referido na questão anterior que não tinha um mealheiro, pois não recebia dinheiro de ninguém. Quando questionado à cerca do dinheiro que utilizava, respondeu dizendo que o dinheiro dele era o dinheiro dos pais.

Questão 3

Nesta questão os alunos puderam dar alguns exemplos do que costumavam comprar com o seu dinheiro. As respostas a esta questão encontram-se na Tabela 15.

Um dos alunos não respondeu a esta questão, dois admitiram não gastar o seu dinheiro e um dos alunos diz não receber dinheiro.

Tabela 15

Dados da questão 3

Respostas	N.º de alunos	Percentagem (%)
Guloseimas	3	13,64
Jogos	9	40,91
Comida	3	13,64
Material escolar	4	18,18
Roupa e sapatos	6	27,27
Brinquedos (Legos, bolas, cartas, entre outros)	7	31,82
Emprestam aos pais	3	13,64
Livros	1	4,55
Maquilhagem	1	4,55

Com os dados obtidos nesta questão, podemos verificar que grande parte dos alunos afirma gastar o seu dinheiro em bens supérfluos, pois admitem gastá-lo em guloseimas, roupa e sapatos, jogos, brinquedos e maquilhagem.

Questões 4,5,6 e 7

Nestas questões os alunos puderam dizer se recebiam semanada ou mesada e ainda quem lhes a dava.

Dos 22 alunos da turma, apenas quatro disseram receber semanada e que lhes era dada pelo pai, pelos avós, pelos pais e por outro familiar.

Em relação à mesada, sete dos 22 alunos responderam positivamente a esta questão e revelaram ainda que esta lhes era dada pelos pais e avós, somente pelo pai, pelos avós, apenas pela avó, pela mãe e pelos pais.

Os resultados permitem chegar à conclusão de que a maioria dos alunos não recebe uma quantia fixa de dinheiro por um determinado período de tempo. Apesar de o total dos alunos que recebem semanada com os alunos que recebem mesada ser 11 (metade da turma), o facto de um dos alunos ter admitido receber semanada e mesada afetou este resultado. Deste modo, apenas 10 alunos dizem receber uma quantia fixa de dinheiro por um determinado período de tempo.

Um dos alunos que afirmou não receber semanada nem mesada, depois de preencher o questionário, explicou que apesar de não receber dinheiro regularmente, por cada tarefa que realizasse em casa recebia uma quantia monetária.

Apenas um dos alunos afirmou receber semanada e mesada, sendo que a semanada era dada pelo seu avô e a mesada pelos seus pais e avós.

Tal como foi defendido por Ferreira (2013), entre os seis e os dez anos é a idade indicada para que as crianças comecem a receber uma semanada ou mesada, pois ajuda-as a saber como lidar com o dinheiro e a entender que este não é algo inesgotável, mas sim algo que deve ser gasto com cautela.

Com os dados apresentados, chega-se à conclusão que nem metade da turma tem acesso a uma semanada /mesada.

Questão 8

À pergunta “Sempre que vês alguma coisa que gostas e tens dinheiro para a comprar, compras?”, 17 alunos da turma responderam negativamente.

Os cinco alunos que responderam afirmativamente a esta questão justificaram as suas respostas da seguinte forma: “gosto muito das coisas”, “as coisas são bonitas”, “gosto de comprar coisas que acho que são fides”, “quero muito” e “quando peço a minha mãe ela dá-me”.

Já os alunos que responderam negativamente à questão justificaram as suas respostas da forma que pode ser observada na Tabela 16. É também importante referir que um dos alunos não justificou a sua resposta.

Com estas respostas conseguimos perceber que os alunos que afirmam comprar tudo aquilo que gostam quando têm dinheiro, não demonstram interesse em poupar para algo que seja realmente importante, preferem gastar o seu dinheiro em coisas que acham interessantes naquele preciso momento.

Tabela 16
Justificações da questão 8

Resposta	Justificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Não	Não recebo dinheiro	1	5,88
	Os pais não autorizam	3	17,65
	Nunca comprou nada	2	11,65
	O dinheiro é valioso e temos de o saber gastar	4	23,53
	Os pais oferecem	1	5,88
	Guarda para uma coisa que goste muito	3	17,65
	Guarda para comprar algo necessário	1	5,88
	Quer poupar	1	5,88

Em relação aos alunos que dizem não comprar tudo aquilo que veem e gostam, apenas seis admitem poupar esse dinheiro. O conceito de poupança é cada vez menos falado e a maioria das pessoas põe-no de lado (Diário de Notícias, 2020). Ora se as crianças aprendem por imitação, se as suas famílias não se interessam, ou não falam no conceito de poupança, é natural que hoje em dia existam cada vez menos crianças a entender quais as vantagens deste conceito, o que é negativo, pois a poupança pode-nos ser muito útil em tempos financeiramente mais conturbados.

Questão 9

Para a questão “O que é poupar? Explica por palavras tuas e se precisares dá exemplos”, reuniram-se as respostas presentes na Tabela 17. É importante ressaltar que um dos alunos admitiu não saber o que é poupar.

Tabela 17
Dados da questão 9

Respostas	N.º de alunos	Porcentagem (%)
Juntar dinheiro para comprar coisas que gostamos	4	18,18
Economizar/juntar dinheiro	9	40,91
Comprar com consciência	3	16,64
Comprar apenas o necessário	4	18,18
Não comprar coisas caras e comprar coisas baratas	1	4,55

Com os dados recolhidos nesta questão entende-se que apenas um aluno não entende o conceito de poupança. Os restantes já têm alguma noção do que este conceito significa, mas apenas nove entendem que poupar significa economizar dinheiro. Quatro alunos veem o conceito de poupança como um meio para atingir os seus desejos, o que é importante por revelar que poupam com um objetivo, e oito responderam a esta questão dando exemplos de comportamentos adotar para se atingir a poupança.

Questão 10

Para a questão “É importante poupar? Por que dizes isso?” a maioria da turma respondeu afirmativamente (19 alunos). Dois dos alunos disseram que é importante poupar “às vezes” e apenas um aluno não respondeu à questão, pois na questão anterior admitiu não saber o significado do termo “poupança”.

Os alunos que disseram que era necessário poupar “às vezes” justificaram a sua resposta dizendo que se poupassem não podiam comprar o que queriam e que às vezes podia-se gastar dinheiro.

A maior parte dos alunos reconheceu a importância da poupança e justificaram as suas respostas da forma que será apresentada na Tabela 18.

Os alunos apresentaram inúmeras justificações, contudo, cerca de 41%, acha que a poupança é importante para se ter dinheiro. No final do questionário, estes alunos foram questionados sobre o porquê de terem dado esta justificação e todos eles referiram que era importante poupar pois o futuro era imprevisível e a poupança poderia ajudá-los muito. Já 22,7% dos alunos referiu a importância da poupança para se

comprarem produtos de primeira necessidade. Apenas um aluno referiu a poupança como meio de obter algo que se deseja (no caso, ir de férias).

Tabela 18

Justificações para a questão 10

Respostas	N.º de alunos	Percentagem (%)
Para ter dinheiro	9	40,91
Para poder comprar coisas importantes	5	22,73
Para pagar o que compramos	2	9,09
É algo bom	1	4,55
É uma boa ação	1	4,55
Para ir de férias	1	4,55

Questão 11

Para a questão “Sabes utilizar o teu dinheiro da forma correta, ou precisas de mais informação para o fazer? Justifica a tua resposta.”, 15 dos alunos responderam afirmativamente a esta questão e três negativamente. Dos restantes alunos, um não tinha a certeza se sabia utilizar o seu dinheiro, dois afirmaram que só às vezes sabiam utilizar o seu dinheiro. Apenas um aluno não respondeu à questão.

Cinco dos alunos que afirmaram saber utilizar o seu dinheiro justificaram a sua resposta dizendo que apenas compraram aquilo que era necessário. As justificações dos restantes alunos que responderam afirmativamente foram as seguintes: se não soubesse tinha pouco dinheiro; sei o que quero e não quero comprar; compro tudo o que me apetece; não o gasto todo; tenho consciência, mas às vezes entusiasmo-me e, por fim compro algumas coisas, mas poupo.

O aluno que respondeu “acho que sim” justificou a sua resposta dizendo que precisava de confirmar se o que ele faz estava correto.

Em relação aos alunos que responderam negativamente a esta questão, um deles demonstra não ter controlo sobre os seus desejos, pois sempre que tem dinheiro suficiente para um jogo ou uma consola, afirma gastá-lo sem pensar duas vezes. Todo o dinheiro que consegue juntar/poupar utiliza em jogos mesmo sabendo que isso não está correto, pois sabe que existem coisas mais importantes para serem compradas.

O outro aluno que admitiu não saber utilizar o seu dinheiro da forma correta diz que nunca consegue comprar aquilo que quer, porque não consegue juntar o montante

necessário. Isto demonstra que o aluno não poupa o seu dinheiro para aquilo que realmente deseja, pois, o próprio admite que compra tudo aquilo que vê e gosta. Para além de não poupar, este aluno mostra a capacidade de comprar por impulso.

O aluno que admitiu saber utilizar o seu dinheiro, corretamente às vezes, justificou a sua resposta dizendo que por vezes comprava coisas que depois não utilizava.

Tendo em conta os dados anteriores, ficamos a entender que a maioria dos alunos pensa saber utilizar o seu dinheiro da forma correta. Contudo, um dos alunos que o afirma, na sua justificação demonstra algo completamente diferente, pois afirma comprar tudo o que lhe apetece.

Alguns dos alunos que disseram saber utilizar o seu dinheiro não escondem comprar algumas coisas, contudo afirmam saber controlar-se e escolher aquilo que devem ou não comprar.

Dos alunos que dizem saber utilizar o seu dinheiro, apenas um faz referência à poupança.

Questão 12

Com os dados recolhidos em relação à pergunta “Imagina que tens 100€! Em que é que os gastavas?”, chegou-se à conclusão que a grande parte dos alunos gastava esse dinheiro em bens necessários (roupas e sapatos, comida, material escolar, livros), contudo, apenas três alunos admitiram poupar esse dinheiro para o seu futuro.

Alguns alunos admitiram dar esse dinheiro a quem precisasse e usá-lo para comprar um presente para os pais.

Nesta questão, os alunos podiam dar vários exemplos de itens que comprariam, e 50% disseram gastar esse dinheiro em bens supérfluos (bolas, cadeiras gamer, guloseimas, jogos, hoverbord, skate, decorações para a casa, tablets, plantas e arcos para brincar).

Questão 13

Na questão “Imagina que tens a oportunidade de participar num concurso. O prémio final são 30€. Gostavas de participar? Porquê?”, 16 alunos responderam

afirmativamente e cinco negativamente. Apenas um aluno diz não saber se participaria ou não.

Cinco dos alunos que mostraram interesse em participar no concurso justificaram a sua resposta dizendo que iria ser algo divertido. Nove viram este concurso como a oportunidade de juntar mais dinheiro para comprar algo que gostam, para o seu futuro e para comprar mais comida. Os restantes alunos justificam as suas respostas dizendo que 30€ já era algum dinheiro e que gostavam de ganhar dinheiro.

É importante referir que ainda no decorrer das semanas de observações, os alunos tiveram a oportunidade de participar num concurso de poesia em que o prémio final era de 50€ e um dos alunos demonstrou ficar um pouco desmotivado depois de saber qual era o prémio. Quando perguntei ao aluno porque é que tinha mudado de ideias e já não queria participar no concurso, o aluno explicou que tinha estado a ler as regras do concurso e que numa delas era referido que era necessário escrever um poema com 5 páginas A4 e que achava que 50€ era pouco dinheiro para o trabalho que iria ter. Voltei a questionar o aluno dizendo-lhe: “Achas que 50€ é pouco dinheiro?” ao que ele me respondeu afirmativamente e complementou a sua resposta com a seguinte expressão: “50€ é o dinheiro que a minha mãe me dá todos os meses, não me vou esforçar tanto por tão pouco dinheiro.”. Depois desta resposta do aluno, analisei as regras do concurso com o aluno e percebemos que não era necessário criar um poema com 5 folhas A4 completas, mas sim um poema que não excedesse as 5 folhas A4, e nesse momento, o aluno voltou a demonstrar grande interesse pelo concurso. Apercebendo-me que o aluno, anteriormente, tinha perdido o interesse pelo concurso por causa da quantia que poderia ganhar, expliquei-lhe que 50€ é uma boa quantia de dinheiro, dei-lhe alguns exemplos de bens necessários do que poderia comprar, bem como da ideia de poupar para comprar algo mais dispendioso. O aluno ficou surpreendido com a quantidade de coisas que poderia comprar com aquela “pequena quantia” de dinheiro. Nesta questão, o aluno já justificou a sua resposta da seguinte forma: “Sim se fosse de: matemática, escrita ou leitura. Porque ganhava dinheiro e assim já tinham mais”, ou seja, só aceitava participar no concurso se este fosse em alguma das suas áreas preferidas. Depois de ter lido a sua resposta, questionei o aluno do porquê de já aceitar num concurso em que o prémio era de apenas de 30€. O aluno me

respondeu que se tinha lembrado da conversa que havíamos tido anteriormente e que pequenas quantias podem-se tornar numa grande quantia se pouparmos dinheiro.

Um aluno da turma diz não participar no concurso pelo facto de 30€ ser uma “quantia pequena” para o trabalho que poderia vir a ter com o concurso. Quando questionei o aluno acerca da sua justificação, respondeu-me que 30€ não davam para comprar quase nada. Os restantes alunos justificaram a sua resposta dizendo que não gostavam de concursos; se perdesse ia ficar triste e houve um aluno que defendeu a ideia de que os concursos iam viciar as crianças e fazer com que elas só pensassem no dinheiro.

Questão 14

Nesta questão, os alunos tinham de classificar diferentes bens como sendo necessários ou supérfluos.

O primeiro item a classificar eram jogos de consola e verificaram-se as respostas presentes na Tabela 19.

Tabela 19

Classificação dos jogos de consola

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	5	22,73
Supérfluo	17	77,27

Apesar da grande maioria da turma considerar os jogos de consola um bem supérfluo, cinco alunos acham que são necessários pelo facto de terem de se divertir. Com estas respostas, os alunos demonstram não entender realmente o significado do termo “bem necessário”.

Em relação ao segundo item, o arroz, recolheram-se as seguintes respostas, presentes na Tabela 20:

Tabela 20

Classificação do arroz

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	20	90,91
Supérfluo	2	9,09

Os alunos que consideraram o arroz um item supérfluo, as justificações foram iguais: “já tenho em casa”. Com esta justificação, os alunos demonstram não entender o verdadeiro significado de necessário e de supérfluo.

O terceiro item a analisar são as gomas. As respostas obtidas serão apresentadas na Tabela 21.

Tabela 21

Classificação das gomas

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	6	27,27
Supérfluo	16	72,73

A maioria dos alunos classificaram este item como supérfluo. Seis dos alunos da turma, classificaram-no como sendo necessário, alegando ser algo que gostam muito (cinco alunos) e que lhes alegra o dia (um aluno). Estes alunos com esta justificação demonstram não entender a diferença entre os termos “necessário” e “desejo”.

O quinto item eram brinquedos. Na Tabela 22 podem ser observadas as respostas dadas pelos alunos.

Tabela 22

Classificação dos brinquedos

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	9	40,91
Supérfluo	13	59,09

Apesar de a maioria da turma ter considerado este item supérfluo, nove dos alunos ainda consideraram este item necessário, alegando que gostavam de brinquedos (um aluno) e que achavam importante divertir-se (oito alunos). Mais uma vez, os alunos não conseguem distinguir os conceitos de “necessário” e de “desejo”.

O item seguinte era a carne. A grande maioria da turma considerou este item necessário, contudo dois alunos consideraram-no supérfluo, alegando que já o tinham em casa e que por isso não necessitavam de a comprar. Estes alunos entendiam que

precisavam deste alimento para sobreviver, mas como já o tinham em casa acharam que este seria considerado supérfluo e não necessário.

Tabela 23

Classificação da carne

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	20	90,91
Supérfluo	2	9,09

Na Tabela 24 serão apresentados os dados relativos ao próximo item, 20 camisolas.

Tabela 24

Dados sobre as 20 camisolas

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	10	45,45
Supérfluo	12	54,55

Este item foi um dos que causou mais divisão na turma. Apesar de a maioria achar que era um item supérfluo, pela sua quantidade (justificaram a sua escolha com a seguinte expressão: “precisamos de roupa, mas não precisamos de tantas camisolas”), 45% da turma achou que seria necessário, pois alegaram que necessitavam de roupa para poderem sair de casa, sem ligarem à quantidade.

De seguida os alunos tiveram de classificar um jantar fora de casa como sendo necessário ou supérfluo. Na Tabela 25 podem verificar-se as respostas obtidas.

Tabela 25

Classificação do jantar fora

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	4	18,18
Supérfluo	18	81,82

A grande maioria da turma considerou esta situação como sendo supérflua, justificando que poderiam jantar em casa.

No que diz respeito aos alunos que consideraram a situação necessária, justificaram a sua escolha como sendo algo que as ajudava a divertir e relaxar (três alunos) e como sendo uma oportunidade de conhecer novos pratos (um aluno).

A situação a que os alunos foram expostos de seguida foi a de uma ida ao cinema. Os dados recolhidos podem ser observados na Tabela 26.

Tabela 26
Classificação da ida ao cinema

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	4	18,18
Supérfluo	18	81,82

Os alunos que consideraram esta situação necessária, justificaram a sua escolha dizendo que era necessário divertirem-se (três alunos) e que era útil para se passar o tempo (um aluno).

Já os alunos que consideraram esta situação supérflua, explicaram que poderiam ver os filmes que quisessem em casa, não precisavam de ir ao cinema.

De seguida, os alunos tiveram de classificar os “livros” como sendo necessários ou supérfluos. A maioria da turma categorizou-o como sendo necessário, pois para além de precisarem deles para a escola, podem aprender muito com eles. Os poucos alunos que classificaram este item como sendo supérfluo, justificaram a sua resposta dizendo que já tinham muitos livros em casa.

Na Tabela seguinte podem ser observados os dados recolhidos nesta questão.

Tabela 27
Classificação dos livros

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	18	81,82
Supérfluo	4	18,18

O próximo item categorizado pelos alunos foi “fruta”. Tal como pode ser observado no próximo quadro, apenas um aluno considerou este item supérfluo,

alegando, mais uma vez, já o ter em casa e por isso não precisar dele. As respostas dadas pelos alunos podem ser observadas na seguinte tabela:

Tabela 28

Classificação da fruta

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	21	95,45
Supérfluo	1	4,55

Depois da fruta, os alunos categorizaram o item “bicicleta”. Os dados recolhidos encontram-se na Tabela seguinte.

Tabela 29

Dados sobre a bicicleta

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	8	36,36
Supérfluo	14	63,64

Os alunos que consideraram este item como necessário justificaram a sua escolha dizendo que pode ser usada para se deslocar, deixando o carro, mas também pelo facto de poderem utilizá-la para se divertirem.

Já os alunos que consideraram este item como sendo supérfluo, alegaram já o ter em casa.

A situação a que os alunos foram expostos de seguida foi a de considerar uma ida de férias como sendo supérflua ou necessária. Os dados recolhidos encontram-se no seguinte quadro:

Tabela 30

Classificação da ida de férias

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	12	54,55
Supérfluo	10	45,45

A maioria da turma considerou esta situação como sendo necessária, alegando que necessitavam de descontrair (10 alunos) e que era uma oportunidade de conhecer novas comidas, pessoas e lugares.

O último item que os alunos tinham de era um telemóvel 5G.

Tabela 31

Classificação do telemóvel 5G

Classificação	N.º de alunos	Percentagem (%)
Necessário	9	40,91
Supérfluo	13	59,09

A maioria da turma considerou este item como sendo supérfluo argumentando que um telemóvel é sim necessário, pois ajuda-nos a comunicar com as outras pessoas e ajudar-nos a pedir ajuda em momentos urgentes, contudo não é necessário que esse telemóvel seja o de última geração. Consideravam ainda que muitas vezes as pessoas utilizavam os telemóveis 5G para jogar e fazer coisas menos importantes.

Já os alunos que consideraram este item necessário, quando questionados do porquê responderam dizendo que não sabiam que 5G queria dizer que era um telemóvel de última geração. Depois de saberem o que 5G queria dizer, os alunos consideraram que o telemóvel era sim necessário, contudo não necessitava que fosse um de última geração.

De seguida serão analisados estes dados de acordo com as categorias de análise previstas para esta tarefa.

Muito poucos alunos sabiam qual o significado dos termos “semanada” e “mesada”. A maioria dos alunos entendia o conceito de “poupança”, no entanto, poucos entendiam os conceitos de “necessário” e de “supérfluo” e justificavam corretamente as suas escolhas.

Relativamente às dificuldades, pode dizer-se que alguns alunos manifestaram dificuldades em entender o conceito de “mealheiro”, palavra que teve de ser substituída pela de “peteiro”.

Ainda no que diz respeito às dificuldades reveladas pelos alunos, grande parte demonstrou muitas dificuldades em entender os conceitos de “semanada” e “mesada”. Foi necessário explicar à turma que estes conceitos diziam respeito ao recebimento de

uma quantia fixa de dinheiro num determinado intervalo de tempo, no caso, uma semana ou um mês.

Outra das dificuldades reveladas foi entender a diferença entre os conceitos de “necessidade” e de “desejo”. Muitos alunos não conseguiam entender que os seus desejos muitas vezes não eram necessidades e que o facto de quererem muito uma coisa não a tornava necessária.

Alguns alunos revelaram ainda algumas dificuldades em entender o significado de “supérfluo”, pois categorizavam itens necessários como supérfluos justificando a sua resposta dizendo que já os tinham em casa.

Tarefa 2

Para preparar a discussão dos conceitos de necessário, supérfluo e desejo, esta tarefa dividiu-se em diversos momentos (anexo 8). Num primeiro momento foram entregues aos alunos umas folhas com diversos produtos (anexo 2) e foi-lhes pedido que apenas pintassem aqueles que comprariam.

Os produtos disponíveis eram uma *playstation 5*, uma t-shirt, um guarda-sol e chinelos, um iPhone, material escolar, uma mochila, um bilhete de cinema, uma camisola de manga comprida, comida, livros e guloseimas.

Na tabela seguinte é possível observar o número de alunos que compraria cada um dos diferentes produtos.

Tabela 32

Produtos que os alunos comprariam

Produto	N.º de alunos que o escolheram
Playstation 5	9
T-shirt	10
Guarda-sol e chinelos	1
iPhone	17
Material escolar	14
Mochila	14
Bilhete de cinema	8
Camisola de manga comprida	2
Comida	17
Livros	12
Guloseimas	7

No que diz respeito à *playstation 5*, seis alunos justificaram o porquê da sua compra dizendo que gostavam de jogar, e os outros três referiram que gostavam muito de a ter, porque se querem divertir e para terem acesso aos conteúdos exclusivos da consola.

Em relação à t-shirt, as justificações são variadas. Alguns alunos referem que precisam e gostam de roupa, que gostam de andar confortáveis e que gostavam muito de ter uma t-shirt do seu desenho animado favorito.

Já em relação ao guarda-sol e aos chinelos, só um dos alunos é que demonstrou interesse em comprá-los, pois dizia querer relaxar na praia.

O iPhone foi um dos produtos mais seleccionados (17 alunos), mas apenas oito alunos disseram querer usá-lo para comunicar com os amigos e em casos de emergência. Um dos alunos alegou utilizar o telemóvel para se orientar (com a bússola) e outro afirmou querer comprar este produto para oferecer à sua mãe. Dos restantes seis alunos, quatro querem o produto apenas para se divertirem com as suas aplicações e dois por este ser um dos seus maiores desejos.

Em relação ao material escolar nove alunos justificaram a sua resposta dizendo que precisam dele para a escola e cinco dizendo que gostavam dele e precisavam para desenhar ou para criar bandas desenhadas.

No que diz respeito à mochila, também os alunos que disseram comprá-la pelo facto de a que têm estar estragada (cinco alunos) e pelo facto de precisarem dela para a escola (sete alunos). Os restantes dois alunos dizem comprar a mochila para guardar as suas coisas melhor e porque só têm uma e para o 5.º ano precisam de uma para a disciplina de Educação Física.

Quanto ao bilhete de cinema, a maioria dos que escolheu esta opção (sete alunos) demonstrou interesse em ir ao cinema e um deles vê este produto como algo que serve para descontraír.

Em relação à camisola de manga comprida, apenas dois alunos demonstraram interesse em comprá-la alegando necessitar de roupa.

No que diz respeito à comida, 17 alunos seleccionaram-na alegando que têm de se alimentar (12 alunos), que gostam de comer (três alunos) e porque vão ter fome (dois alunos).

Quanto aos livros, oito dos alunos justificaram as suas respostas dizendo que gostavam muito de ler e dois dizendo que precisavam de descontraír. Os dois alunos restantes justificaram a sua escolha dizendo que precisam dos livros para estudar e que gostavam de oferecer a alguém.

Por fim, as guloseimas foram escolhidas por sete alunos, três deles disseram gostar de as comer de vez em quando e quatro disseram adorá-las!

Nas Figuras 3, 4 e 5 é possível observar-se algumas das respostas dos alunos.

Figura 3

Produtos escolhidos pelo aluno JO



Figura 4

Produtos escolhidos pelo aluno DT

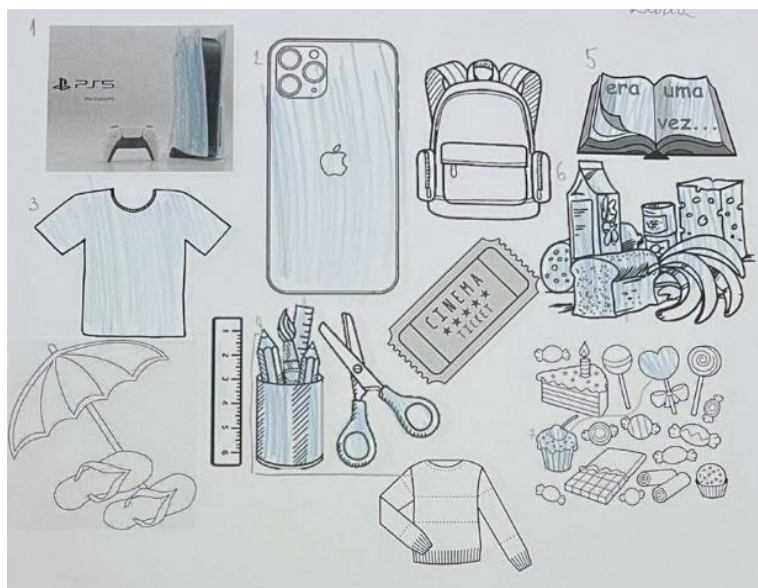


Figura 5

Produtos escolhidos pelo aluno AF



Num segundo momento da tarefa, os itens que os alunos comprariam foram registados no quadro e, em grande grupo, foi possível seleccionar os itens que nos seriam necessários para diferentes situações.

A primeira situação apresentada aos alunos foi: *umas férias no Algarve*. Todos os alunos se envolveram ativamente na discussão para a seleção dos itens e no final foram seleccionados os itens presentes na Tabela 33.

Tabela 33

Itens necessários para umas férias no Algarve

Itens	Justificação
iPhone 12	Podemos precisar de contactar alguém e também podemos usar para tirar fotografias dos melhores momentos.
Livro	Podemos querer ler na praia.
Mochila	Para levarmos tudo o que precisamos para um dia de praia.
T-shirt, guarda-sol e chinelos	Para nos protegermos do sol.
Comida	Temos de nos alimentar.

É importante referir que alguns dos alunos puseram a opção de levar o material escolar para o Algarve, contudo a maioria da turma não concordou, assistindo-se ao seguinte diálogo:

RT- Temos de ter material para fazermos os trabalhos de casa de férias!
 VP- Mas não tens de os fazer na semana em que estamos de férias no Algarve.
 IS- Ninguém vai fazer os TPC na praia.
 LR-Podemos levar sim material escolar, mas para desenharmos. Para passar o tempo!
 JF-Sim, podemos levar, mas não é necessário.

Com este pequeno diálogo podemos perceber que alguns dos alunos, apesar de ainda não se ter abordado o conceito de “necessário”, já demonstram ter algumas bases sobre o conceito.

A segunda situação apresentada aos alunos foi: *uma ida à escola*. Os itens selecionados pelos alunos encontram-se na tabela seguinte:

Tabela 34
Itens necessários para uma ida à escola

Itens	Justificação
Livros	Precisamos deles para conseguir acompanhar a matéria.
Mochila	Para levar todo o material.
T-shirt e camisola	Precisamos de estar vestidos.
Material escolar	Temos de fazer as tarefas.
Comida	O lanche porque precisamos de nos alimentar (o almoço é feito pela escola).

Para que os alunos não estivessem condicionados apenas pelos objetos presentes na folha, deveriam enunciar itens que eram necessários para o nosso dia a dia, para um dia soalheiro no campo e para um dia de chuva.

Os itens necessários escolhidos pelos alunos *para o nosso dia a dia* foram a roupa, material escolar e comida.

Para um dia soalheiro no campo, os alunos consideraram necessário ter uma manta, uma cesta com um piquenique e ainda protetor solar, justificando com o facto de poder estar sol. Para esta situação, os alunos ainda puseram a hipótese de levar um guarda sol, mas depois de uma troca de ideias, chegaram à conclusão de que no campo iriam existir árvores para criar sombras.

Já *para um dia de chuva*, os alunos acharam necessário ter um casaco, uma camisola de manga comprida e um guarda-chuva.

Com este momento da tarefa, os alunos compreenderam que para cada situação existem objetos que são necessários, e que podem não ser iguais em todas as situações.

Num terceiro momento desta tarefa, os alunos puderam ler um texto “Um casaco para o cão” (anexo 3) para abordar alguns conceitos financeiros, mais concretamente o conceito de “necessário” de “supérfluo” e de “desejo”.

Inicialmente, os alunos tiveram alguma dificuldade em pronunciar a palavra “supérfluo”, mas com alguma calma, todos eles conseguiram.

Revelaram ainda algumas dificuldades em perceber que nem sempre aquilo que eles achavam que precisavam ou que queriam é considerado necessário. Para ajudar os alunos foram feitas algumas questões, que se podem observar na Tabela 35, bem como as suas respostas.

Tabela 35

Perguntas e respostas que ajudaram os alunos a entender o conceito de “necessário”

Perguntas	Respostas
Precisam de comida para viver?	Sim
E de brinquedos?	Não
Então, o que é que é necessário?	A comida, porque precisamos dela para viver. “Nós podemos querer muito um brinquedo, como um desejo, mas a comida é mais importante” (LR)

Depois destas questões, e para ajudar ainda mais os alunos a entenderem as diferenças entre os conceitos de “necessidade” e de “supérfluo”, tiveram de pensar, em grande grupo, três sinónimos para cada um destes conceitos.

Para “necessidade”, a turma escolheu os seguintes sinónimos: necessário, útil e preciso. Para “supérfluo” escolheram as palavras desnecessário, inútil e desperdício.

Para os alunos entenderem a diferença entre “necessidade” e “desejo”, este último conceito foi definido pela turma como sendo: “algo que queremos ter”.

Na Tabela 2 são apresentadas as perguntas feitas aos alunos para perceber se tinham compreendido todos os conceitos que haviam sido abordados.

Tabela 36*Perguntas e respostas para a consolidação de conceitos*

Perguntas	Respostas
Os nossos desejos são sempre uma necessidade?	“Não, como a professora disse há bocado, eu posso querer muito um brinquedo, mas não preciso dele para viver.” (JA)
O nosso dinheiro é ilimitado?	“Não, ele acaba.” (RA)
E os nossos desejos são limitados?	“Não, nós podemos desejar tudo o que queremos, mas não podemos comprar tudo, se não ficamos sem dinheiro para o que precisamos.” (AC)

Ainda para consolidar a diferença entre os conceitos de “necessidade” e de “desejo” foi desenhada uma balança desequilibrada no quadro e foram feitas as perguntas presentes na Tabela 3.

Tabela 37*Perguntas e respostas para a consolidação da diferença entre “necessidade” e “desejo”*

Perguntas	Respostas
Que palavra é que vocês acham que “pesa” mais?	“Necessidades” (JO)
Qual é a mais importante?	
E a que pesa menos? A menos importante?	“Desejo” (MV)
Isto quer dizer que não podemos ter desejos?	“Não” (LG)
Então como podemos realizar os nossos desejos?	“Ir guardando dinheiro até termos dinheiro suficiente” (IS) “Temos de poupar” (RT)

Para concluir a tarefa foi entregue outra folha com diferentes objetos aos alunos, contudo, desta vez tinham de classificar os objetos como “necessários” e “supérfluos”. Na folha estavam os seguintes objetos: fogão, *playstation*, guarda-sol e chinelos, iPhone 12, bilhete de avião, pintar as unhas, comida, ir ao cabeleireiro todos os dias, brinquedos e lápis de cor (anexo 3).

Em relação ao fogão, 19 alunos classificaram-no como necessário, pois precisavam dele para cozinhar os alimentos. Já os três alunos que consideraram este item supérfluo, justificaram as suas respostas dizendo que não cozinhavam logo era desnecessário. Com esta justificação, estes três alunos demonstraram que ainda não entendem completamente o que o conceito “supérfluo” significa, pois apesar de ainda não cozinharemos não conseguimos entender que sem o fogão os alimentos não podem ser cozinhados e por consequência só conseguimos alimentar-se com alimentos crus.

No que diz respeito à *playstation*, todos os alunos a consideraram supérflua e justificaram as suas respostas dizendo que poderiam brincar com coisas mais baratas (sete alunos), que não precisavam dela e não a iriam usar (14 alunos) e um dos alunos disse ainda que não iria ganhar dinheiro com ela. Depois de ter lido a justificação dada pelo último aluno, questionei-o se só achava que este item era supérfluo apenas por não se conseguir ganhar dinheiro com ele. O aluno respondeu negativamente dizendo que não precisamos da *playstation* para viver, mas o facto de não conseguirmos ganhar dinheiro com ela faz com que não precisemos ainda mais dela. Com esta justificação, o aluno demonstra compreender parcialmente o conceito de “supérfluo”.

Em relação ao guarda-sol e aos chinelos, apenas três alunos consideraram estes itens necessários justificando a sua resposta dizendo que precisavam deles para os dias de praia. Os restantes 19 alunos consideraram estes itens supérfluos e a sua maioria justificou a sua resposta dizendo que não precisam deles (14 alunos). Três dos alunos consideraram estes itens supérfluos pelo facto de ficarem guardados a maior parte do ano. Os restantes dois alunos alegaram poder arranjar sombra sem necessitar do guarda-sol e que não costumam ir à praia.

No que diz respeito ao *iPhone* apenas seis alunos o consideraram necessário. Cinco deles justificaram a sua escolha dizendo que é algo necessário para contactar alguém em casos de emergência e manter o contacto com os seus amigos. Já o outro aluno justificou a sua escolha alegando que era um equipamento útil para se realizarem pesquisas. Em relação aos alunos que consideraram este item supérfluo justificaram a sua escolha dizendo que não precisavam do equipamento, que não precisavam dele para sobreviver e que não tinham idade suficiente para o ter.

A maioria dos alunos (12), classificou o telemóvel como sendo um bem necessário, mas também um bem supérfluo. Alguns alunos justificaram as suas respostas dizendo que este item era necessário porque poderia haver uma emergência, mas também era supérfluo porque não precisavam de estar sempre a jogar. Outra justificação dada foi o facto de o telemóvel apenas os ajudar em certas situações e de não necessitarem muito dele. Três alunos disseram que este item era apenas necessário para contactar alguém em caso de emergência e que fora isso era algo supérfluo e existem coisas mais importantes. Foi dito ainda, que se o telemóvel em questão fosse um dos mais baratos era necessário porque podiam comunicar com as pessoas, mas se

fosse um dos mais caros já se tornava algo supérfluo. Outros três alunos só acham este item necessário se for utilizado apenas para fazer chamadas. Um dos alunos admitiu que o telemóvel dava para brincar, mas também tinha de o usar para telefonar a pessoas. Com esta justificação o aluno demonstra ter noção que ao utilizar o telemóvel apenas para brincar faz com que o objeto se torne supérfluo, mas também demonstrava ter a noção que era um bem necessário para contactar com outras pessoas.

Em relação aos bilhetes de avião, todos os alunos os consideraram supérfluos. A maioria dos alunos (12) alegou não precisar de viajar, as restantes justificações encontram-se na Tabela 38.

Tabela 38

Razões pelas quais os alunos consideraram os bilhetes de avião supérfluos

Justificação	N.º de alunos
Podemos usar a nossa imaginação para viajar	2
Há coisas mais importantes	1
Não gosto de viajar	1
O nosso país é lindo, não precisamos de viajar e podemos conhecê-lo de carro.	2
Gasta-se muito dinheiro	1

Um dos alunos, classificou o bilhete de avião como sendo um bem necessário, mas também um bem supérfluo e a sua justificação foi a seguinte: é necessário porque pode ser de uma viagem de trabalho e supérfluo se for uma viagem de férias.

Em relação a pintar as unhas 21 alunos consideraram esta situação supérflua e a maioria (13 alunos) justificaram a sua escolha dizendo que não necessitavam. Os restantes alunos justificaram dizendo que era apenas uma diversão, que não era preciso termos as unhas sempre pintadas, que era algo que não gostavam e que não era uma coisa que precisavam para sobreviver. O único aluno que considerou esta situação necessária justificou a sua escolha alegando que por vezes poderíamos ter festas e era preciso termos as unhas pintadas.

No que diz respeito à comida todos os alunos consideraram este item necessário e justificaram a sua escolha alegando precisarem de comida para sobreviver.

Em relação à ida ao cabeleireiro todos os dias, todos os alunos consideraram esta situação supérflua dizendo que não precisamos de ir ao cabeleireiro todos os dias (10

alunos) e que podem lavar e secar o cabelo e casa (10 alunos). Os outros dois alunos veem esta situação como um desperdício de dinheiro.

Quanto aos brinquedos, apenas um aluno considerou estes itens necessários dizendo que era importante as crianças se divertirem. No que diz respeito aos alunos que consideraram este item supérfluo, as suas justificações encontram-se na Tabela 39.

Tabela 39

Razões pelas quais os alunos consideraram os brinquedos supérfluos

Justificações	N.º de alunos
Não preciso	6
Posso criar o meu próprio brinquedo	1
Posso brincar na rua sem brinquedos	1
Não vale a pena gastar dinheiro	4
Tenho outras coisas para brincar	7
Não gosto	1
Há coisas mais importantes	1

No que diz respeito aos lápis de cor, 14 dos alunos consideraram este item necessário justificando a sua resposta dizendo que precisavam deles para a escola e para desenhar. Os outros sete alunos consideraram o item supérfluo, pois alegaram não precisar deles. Um dos alunos, considerou o item como sendo necessário e supérfluo, pois não precisamos sempre deles.

Nas Figuras 6, 7 e 8, podem ser observadas algumas das respostas dos alunos.

Figura 6

Resposta do aluno RT

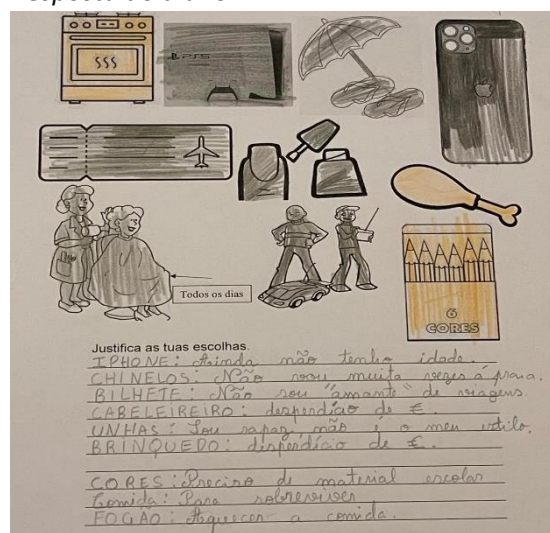


Figura 7

Resposta dada pelo aluno MV

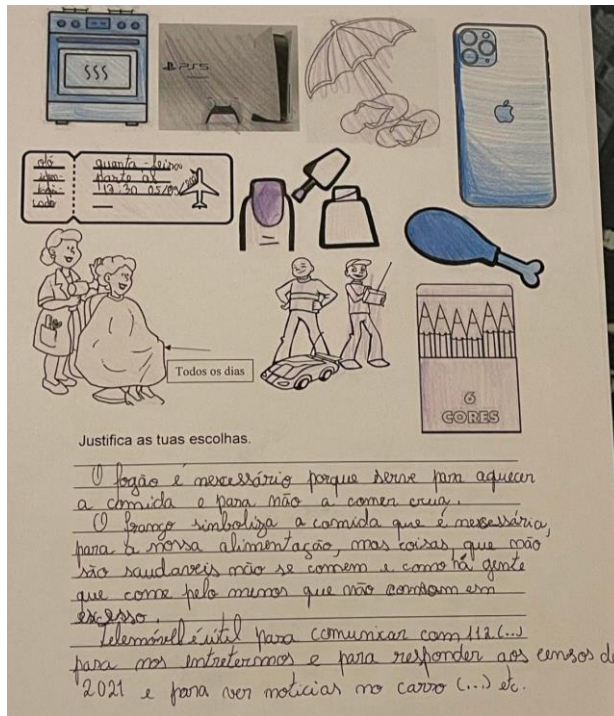
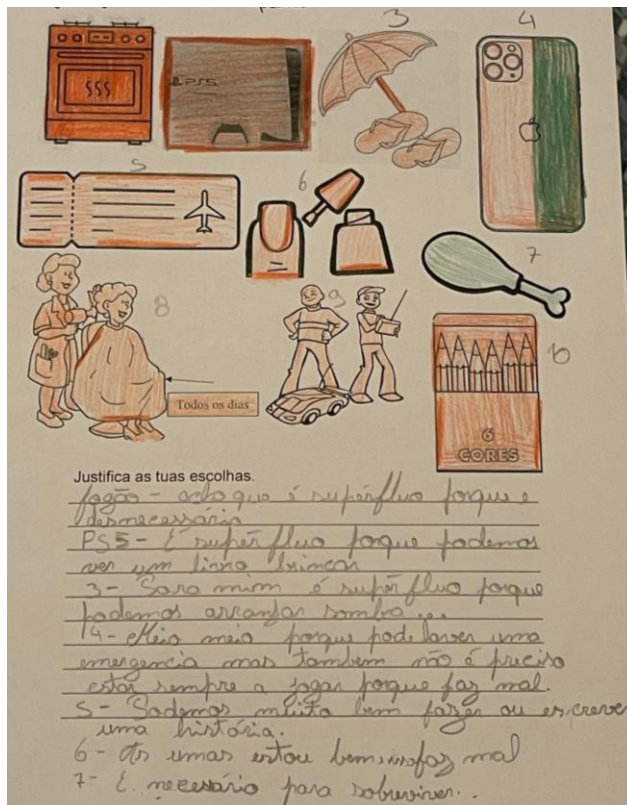


Figura 8

Resposta dada pelo aluno VP



Relativamente às dificuldades, pode dizer-se que alguns alunos ainda não conseguiam entender a diferença entre “desejo” e “necessidade” e em entender que pelo facto de terem em casa determinado produto (comida) este não deixa de ser “necessário” e passa a ser “supérfluo”, desde que não seja comprado em excesso.

No que diz respeito à utilização do vocabulário financeiro (conceito de “necessário”, “supérfluo”, “desejo” e “poupança”), foi possível verificar que com a abordagem destes conceitos foi notória uma mudança no conhecimento dos alunos.

Comparando os dados recolhidos na primeira folha entregue aos alunos e na segunda, também foi possível entender que os alunos compreenderam que nem sempre os seus desejos são necessidades e que a maior parte deles são até supérfluos.

Ainda com esta tarefa, os alunos identificaram a poupança como meio de concretização dos seus desejos.

Tal como foi defendido por Ferreira (2013) os conceitos de “necessidade” e “desejo” devem começar a ser trabalhados nos primeiros anos das crianças e aos oito anos é a idade ideal para as crianças entenderem que os seus desejos podem ser realizados, se se poupar. Tendo em conta as dificuldades que os alunos tiveram em entender a diferença entre os conceitos de “necessário” e de “desejo” é muito provável que estes conceitos nunca lhes tenham sido apresentados.

Para além dos alunos terem ficado a entender a distinção entre estes dois conceitos, ainda conseguiram entender que a poupança é algo positivo, pois lhes pode ajudar a concretizar os seus desejos e ainda lhes proporciona estabilidade financeira.

Tarefa 3

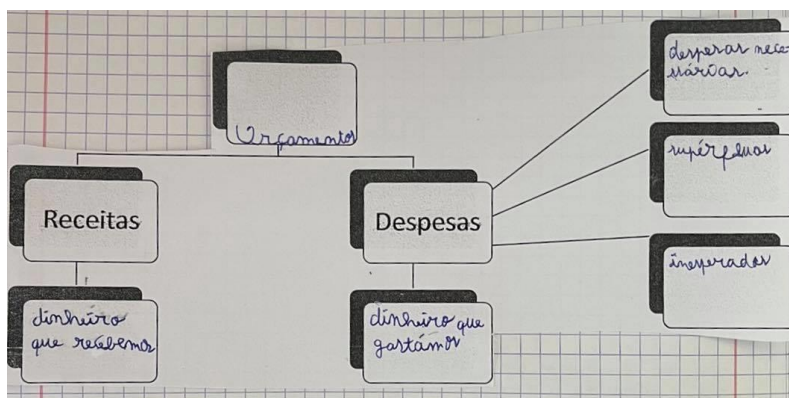
Para iniciar esta tarefa (anexo 9), os alunos receberam um texto inspirado no de Maria da Conceição Vicente- “De mãos a abanar” (anexo 5). Após a leitura do texto todos os alunos demonstraram entender a diferença entre “bens necessários” e “bens supérfluos”, contudo alguns revelaram dificuldades em perceber o conceito de “receita”, bem como em distingui-lo do conceito de “despesas”.

Para ajudar os alunos a entender um pouco melhor o texto que haviam lido foram feitas as perguntas que se encontram na Tabela 4.

Tabela 40*Perguntas e respostas para sintetizar aprendizagens*

Perguntas	Respostas
O que é que aconteceu aos irmãos Poupas?	Gastaram a semana toda e queriam que os pais lhes dessem mais dinheiro.
Em que é que o Miguel gastou o seu dinheiro?	Gastou em gomas e brinquedos.
Eram necessidades ou coisas supérfluas?	Eram supérfluas.
Depois de conversarem com os pais, o que é que os pais lhes ensinaram a fazer?	Os pais ensinaram-lhes a fazer um orçamento.
O que é um orçamento?	É uma coisa que nos ajuda a gerir as nossas receitas e as nossas despesas, para conseguirmos ter dinheiro.
O que são receitas?	É o dinheiro que recebemos.
E despesas?	É o dinheiro que gastamos.
As nossas despesas devem ser superiores ou inferiores em relação às nossas receitas?	As despesas devem ser inferiores às nossas receitas, porque se não ficamos sem dinheiro.
O que se deve fazer com o dinheiro que nos sobra depois de pagar todas as despesas?	Devemos poupá-lo.
Para que devemos poupar?	Devemos poupar porque podemos precisar dele mais tarde. Devemos poupar para conseguirmos comprar coisas que desejamos.

Para ajudar os alunos a entender estes novos conceitos foi construído um esquema síntese com os conceitos de “orçamento”, “receitas” e “despesas”. Com este esquema foram trabalhados os conceitos de despesas necessárias, supérfluas e inesperadas. Na Figura 9 é possível observar o esquema elaborado por um dos alunos da turma.

Figura 9*Esquema síntese preenchido pelo GM*

Para que os alunos entendessem as diferenças entre os vários tipos de despesas, pedi-lhes que dessem dois exemplos para cada um e as respostas que se recolheram foram as que se encontram na tabela abaixo.

Tabela 41

Exemplos para os vários tipos de despesas

Despesas necessárias	Água, eletricidade, alimentação, roupa, renda da casa e internet.
Despesas supérfluas	Sapatos em excesso, brinquedos, doces, cabeleireiro (diariamente), roupa para animais, acessórios de moda, desemprego, telemóvel para jogar e <i>playstation 5</i> .
Despesas inesperadas	Doenças, acidentes, obras e assaltos.

Tendo em conta as respostas anteriores consegue-se perceber que todos os alunos compreenderam com facilidade quais são as despesas necessárias.

No que diz respeito às despesas supérfluas, os alunos também demonstraram uma grande facilidade em compreender este conceito, pois associaram ao conceito de supérfluo.

Em relação às despesas inesperadas os alunos já demonstraram mais dificuldades em perceber o conceito. Para tornar a sua exploração mais simples, optou-se por perguntar aos alunos o significado de “inesperado”, ao que todos responderam ser algo que não se está à espera. Posto isto, os alunos já conseguiram ligar este conceito às despesas, contudo ainda tinham algumas dificuldades em enumerar exemplos. Como despesas inesperadas, os alunos identificaram situações que podem levar a que existam

este tipo de despesas. Nas Figuras 10, 11, 12, 13, 14 e 15 podem ser observadas algumas das respostas dos alunos.

Figura 10

Resposta do aluno AP

despesas necessárias → a comida e a roupa são necessárias porque precisamos de comida alimentar e vestir

- despesas inesperadas → o acidente e uma doença são inesperadas porque ninguém está a espera.

despesas supérfluas → os brinquedos e os doces são supérfluos porque não precisamos

Figura 11

Resposta do aluno DT

despesas necessárias comida, roupa - coisas para viver, ficar bem

despesas inesperadas doenças - a tuberculose pode aparecer, a doença pode ser grave

despesas supérfluas brinquedos, jogos - não são necessários

Figura 12

Resposta do aluno DB

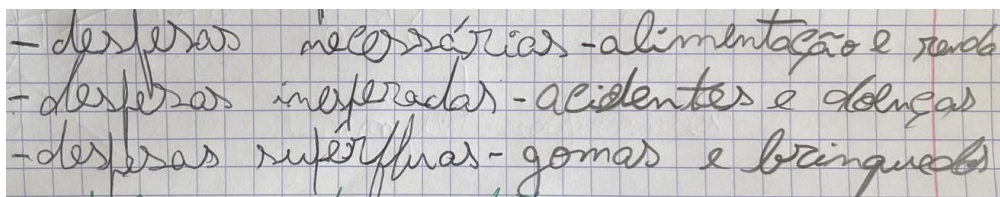
- despesas necessárias alimentação, roupa

- despesas inesperadas doenças, acidentes

- despesas supérfluas na televisão, todos os dias

Figura 13

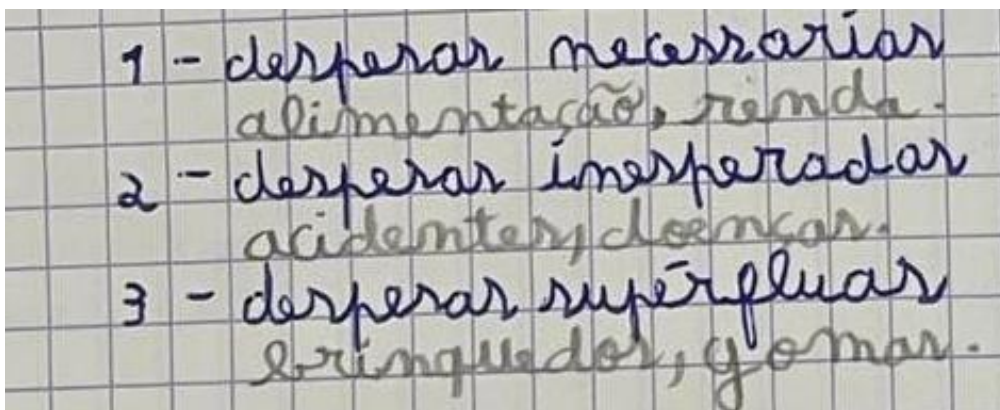
Resposta do aluno JA



- despesas necessárias - alimentação e renda
- despesas inesperadas - acidentes e doenças
- despesas supérfluas - jogos e brinquedos

Figura 14

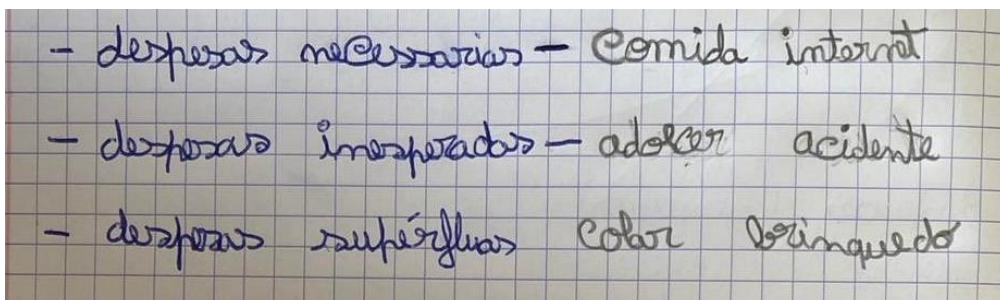
Resposta do aluno GM



1 - despesas necessárias
alimentação, renda.
2 - despesas inesperadas
acidentes, doenças.
3 - despesas supérfluas
brinquedos, jogos.

Figura 15

Resposta do aluno LG



- despesas necessárias - Comida internet
- despesas inesperadas - acidente
- despesas supérfluas - jogos brinquedos

Para terminar a tarefa, a turma dividiu-se em seis grupos e a cada um deles foi entregue um problema diferente (anexo 4), com o intuito de compreenderem que as despesas não são iguais para toda a gente, bem como a importância dos orçamentos familiares.

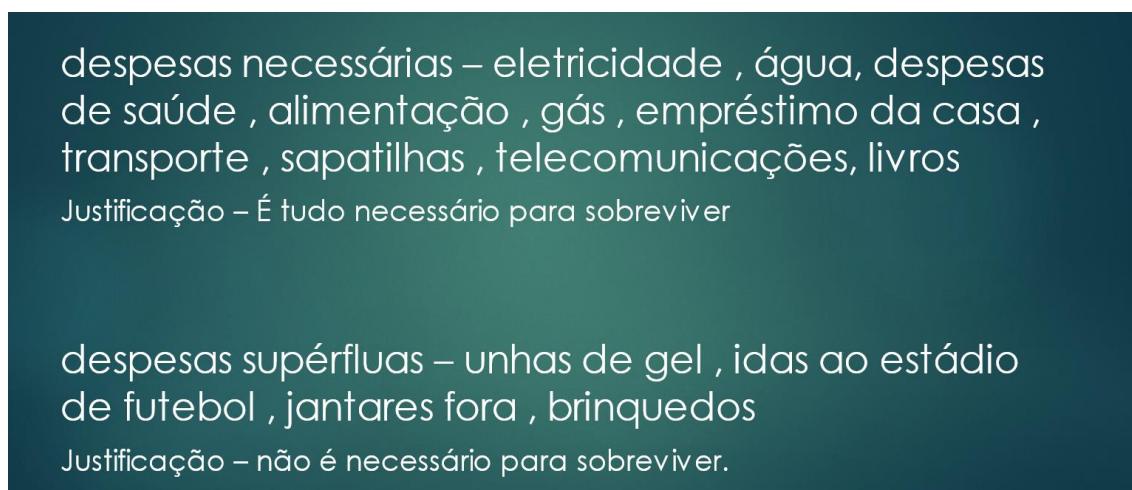
No que diz respeito ao grupo a que foi entregue o primeiro problema (anexo 6-problema 1), primeiramente, começou por analisar os rendimentos da família chegando à conclusão de que estes eram de 1200€. De seguida, focou-se nas despesas da família

e concluiu que no mês anterior a família tinha gasto 1090€. Depois disto, o grupo categorizou as despesas da família como sendo necessárias e supérfluas. Em relação às despesas necessárias foram escolhidas as seguintes: eletricidade, água, despesas de saúde, alimentação, gás, empréstimo da casa, transportes, sapatilhas, telecomunicações e livros. Como justificação para esta escolha, os alunos defenderam que todas elas eram essenciais para a vida.

No que diz respeito às despesas supérfluas, os alunos identificaram as seguintes: unhas de gel, idas ao estádio de futebol, jantares fora e brinquedos. A justificação para estas escolhas foi: “não é necessário para sobreviver”. Na Figura 16 pode-se observar a resposta do grupo.

Figura 16

Despesas necessárias e supérfluas (problema 1)



Para que a família conseguisse reduzir as suas despesas, o grupo chegou à conclusão que não deveriam gastar dinheiro em coisas supérfluas “já que a mãe está desempregada e o pai recebe o salário mínimo” (JA). O dinheiro que restava à família depois de pagas todas as despesas necessárias, segundo o grupo, deveria ser guardado para que se aparecesse uma despesa inesperada a família conseguisse pagá-la. Já relativamente ao orçamento, o grupo demonstrou não entender corretamente este conceito, pois colocaram no mesmo as despesas necessárias e supérfluas. Apercebendo-me da dificuldade dos alunos iniciei o diálogo seguinte:

Inv- O que é um orçamento?

JA- São as despesas necessárias e as despesas supérfluas.

Inv- As despesas supérfluas devem estar no orçamento?

DB-Não!

Inv- O que é que o resto da turma acha?

RT-Não, porque as despesas dividem-se em supérfluas, inesperadas e necessárias.

Inv -Sim, mas quais é que devem estar presentes nos orçamentos?

RT- As necessárias.

Inv -Vamos voltar ao trabalho dos vossos colegas. Então, quais eram as despesas que deveriam colocar no orçamento?

JA- As necessárias e as inesperadas.

Inv -E vocês sabem quais vão ser as despesas inesperadas que vão ter ao longo do mês? E as supérfluas?

JA-Sabemos.

Inv -Sabes?

RT- Só sabemos as nossas receitas e as despesas.

Inv -Que despesas?

RT- As despesas necessárias. Porque as supérfluas e as inesperadas não sabemos quais vão existir.

Inv -Então meninos, que despesas é que deviam estar aí (no orçamento)?

JA- As necessárias, só!

Inv -Muito bem! Mas ainda falta uma coisa no vosso orçamento. O que é?

JA- As receitas.

Inv - Muito bem!

Com este diálogo, o grupo ficou a entender quais as partes que devem estar num orçamento, bem como aquelas que devem ficar de fora dele.

Na Figura 17 é apresentado o orçamento realizado por este grupo.

É importante referir que como estratégia de apresentação, os alunos deste grupo escolheram a apresentação em PowerPoint.

Figura 17

Orçamento realizado pelo grupo 1

Orçamento		
necessidades	supérfluas	Sobra dos rendimentos
O que precisamos para sobreviver.	40 € se tirem	Sobra 650€ para despesas inesperadas.
	40 € isto às	
	60 € suas	
	+50 € despesas	
	190 € ficam	
	com 650€	
	de sobra.	

Depois do grupo terminar a apresentação, um dos alunos da turma iniciou o seguinte diálogo:

RT-Professora, eu não quero estar a reclamar, mas quando falaram nas despesas necessárias colocaram as telecomunicações e os livros, mas a justificação era: “são necessários para sobreviver”. O livro é necessário para sobreviver?

JA-Sim, para estudar!

RT-Então tinha de estar melhor explicado, porque o livro não é preciso para viver.

JF-Sim. vocês juntaram tudo na mesma justificação e não podiam.

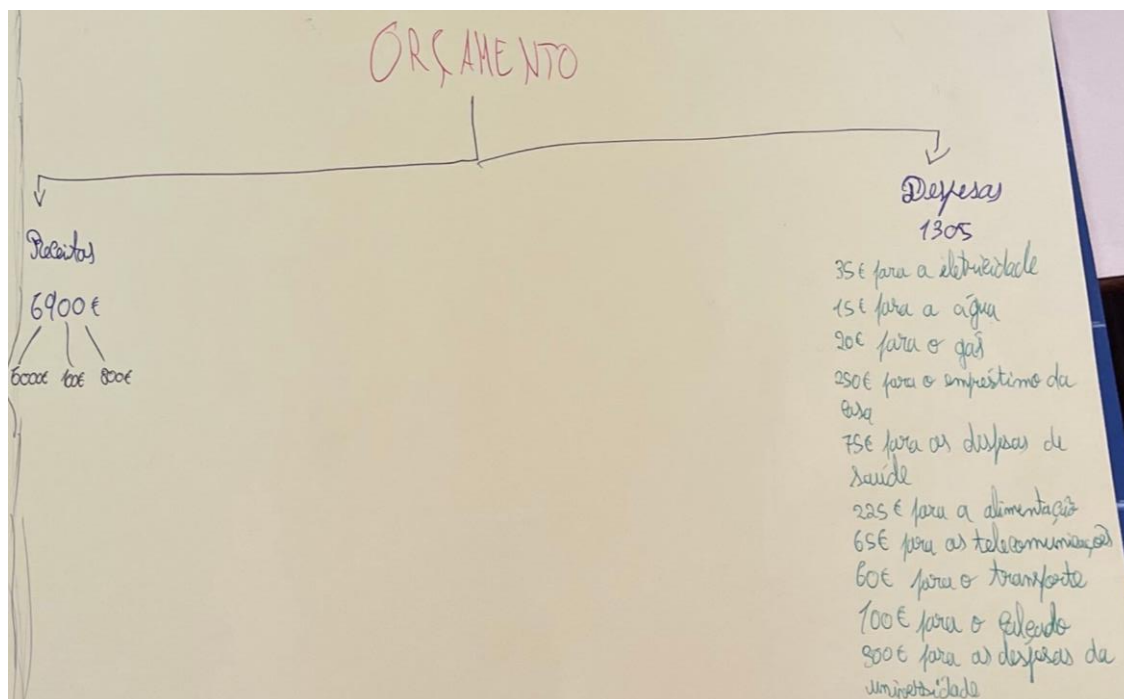
Com estes diálogos foi possível perceber que os alunos estiveram atentos ao que foi sendo apresentado e revelaram sentido crítico. Constatou-se também que as dificuldades que tinham em compreender o conceito de orçamento foram superadas.

No que diz respeito ao segundo problema (anexo 6- problema 2) o grupo a quem este foi entregue conseguiu identificar corretamente os rendimentos da família (6000€ da indemnização do pai, 800€ do salário da mãe e 100€ da bolsa de estudo). Em relação às despesas, o grupo concluiu que no mês anterior a família tinha gasto 1305€. De seguida, estas despesas foram divididas em duas categorias: despesas necessárias e despesas supérfluas. Como despesas necessárias, o grupo selecionou as seguintes: eletricidade, água, gás, despesas de saúde, alimentação, transporte, telecomunicações, empréstimo da casa, roupas e calçado. Para a água, a eletricidade, o gás e as despesas de saúde, o grupo identificou-as como sendo necessárias, pois é algo essencial para o nosso bem-estar. No caso do empréstimo da casa, esta é uma despesa necessária, pois todos precisamos de um teto. Os transportes são necessários pois precisamos de nos deslocar para os diferentes locais e a roupa e o calçado porque “não podemos andar nus nas ruas” (aluno JF). Por fim, as telecomunicações são uma despesa necessária, pois precisamos de comunicar em casos de emergência. Em relação às despesas supérfluas, os alunos identificaram as seguintes: roupas de luxo e jantares fora, pois apesar de precisarmos de roupa, não precisa de ser de luxo e os jantares podem ser feitos em casa. Na questão seguinte, os alunos tinham de calcular o montante que teriam de pagar ao banco para retirar uma quantia de dinheiro de uma conta poupança, para poderem pagar umas férias de 2000€. Os alunos calcularam corretamente este montante. Contudo, não referiram o facto de um dos elementos desta família estar desempregado

e que o dinheiro que iriam gastar nas férias lhes poderia ser útil no futuro, ou seja, puseram de parte a poupança, o que é algo negativo, pois esse dinheiro poderia fazer falta à família num futuro próximo. Em relação ao orçamento, o grupo demonstrou entender completamente o conceito e elaborou-o corretamente (Figura 18).

Figura 18

Orçamento realizado pelo grupo 2



Em relação ao terceiro problema (anexo 6- problema 3), o grupo que ficou encarregue de o solucionar identificou corretamente os rendimentos da família, no caso eram 1950€ (salário do marido e licença de maternidade da esposa). É importante referir que o grupo para além de ter identificado corretamente os rendimentos, também explicitou este conceito aos seus colegas dizendo que os “rendimentos ou receitas são o dinheiro que recebemos” (GM).

Depois de analisados os rendimentos, o grupo focou-se nas despesas da família e chegou à conclusão de que no mês anterior tinha gastado 1610€. Tal como aconteceu com o conceito de “rendimentos”, os alunos deste grupo também explicaram este conceito aos seus colegas dizendo que as despesas “são o que gastamos” (LS). Após esta explicação, os alunos categorizaram as despesas da família como sendo necessárias ou supérfluas. A resposta dos alunos pode ser observada na Figura 19:

Figura 19

Despesas supérfluas e necessárias identificadas pelo grupo 3

Supérfluas	Necessárias
Idas ao cinema	eletricidade
artigos de luxo	água, gás
fins de semana fora	renda da casa
	despesas de saúde
	material escolar
	alimentação
	vestuário para bebé
	comunicação
	transporte
	produtos de higiene

As justificações dadas pelos alunos, oralmente durante a exposição aos colegas, acerca das suas escolhas encontram-se na tabela seguinte:

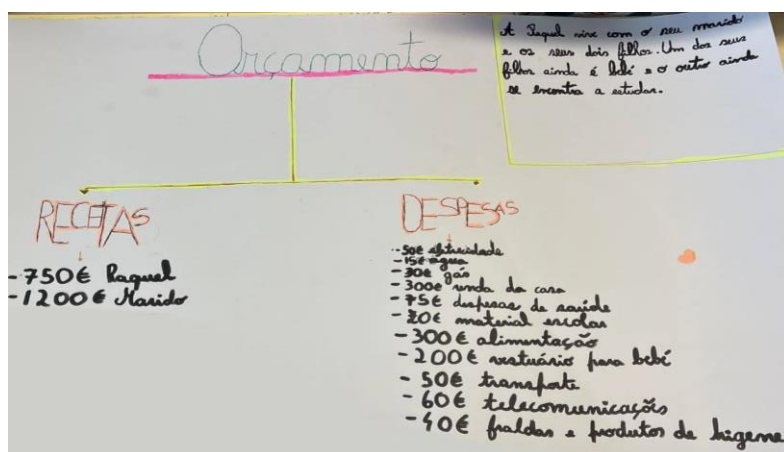
Tabela 42
Escolhas do grupo 3

Tipo de despesa	Despesa	Justificação
Despesas necessárias	Gás	Para cozinhar os alimentos
	Eletricidade	Para podermos ligar os eletrodomésticos
	Água	Para nos hidratarmos e cozinhar os alimentos
	Renda da casa	Para termos uma casa para viver
	Despesas de saúde	Para voltar a estar bem
	Telecomunicações	Para comunicar
	Transportes	Para nos deslocarmos
	Fraldas e produtos de higiene	É preciso para os bebés
	Material escolar	Para estudar
	Alimentação	Para não morrermos à fome
	Vestuário	Para podermos andar na rua
	Artigos de luxo	Não precisamos que sejam coisas de luxo (roupa)
Despesas supérfluas	Idas ao cinema	Podemos ver filmes em casa
	Fins-de-semana fora	Podemos ficar em casa

Para que a família conseguisse reduzir as suas despesas, o grupo chegou à conclusão de que não deveriam gastar dinheiro em coisas supérfluas e poupar o dinheiro que lhes sobrava, depois de pagarem todas as despesas necessárias. No que diz respeito ao orçamento, o grupo demonstrou entender este conceito e elaborou-o de forma correta, colocando apenas os rendimentos da família e as suas despesas necessárias (Figura 20).

Figura 20

Orçamento elaborado pelo grupo 3



O grupo responsável pelo quarto problema (anexo 6- problema 4), assim como os anteriores, identificou corretamente os rendimentos, no caso os 900€. Depois de terem identificado os rendimentos, o grupo focou-se nas despesas e concluiu que, no mês anterior, se tinha gastado 950€. Os alunos repararam que as despesas tinham sido superiores aos rendimentos e chegaram à conclusão de que se isto se voltasse a repetir várias vezes poderia levar a uma situação de endividamento. De seguida, os alunos categorizaram as despesas como sendo necessárias ou supérfluas. As suas respostas podem ser observadas na figura seguinte.

Figura 21

Despesas necessária e supérfluas (grupo 4)

Necessárias	Supérfluas
eletricidade	salidas a noite - poder ficar em casa
água	artigos de luxo - coisas de mais
gás	Cabeleireiro - dependendo, se for todos os dias, sim.
renda da casa	telecomunicação - dependendo pode ser pagante.
despesas de saúde	transporte - não é preciso pagar poder ir com ônibus.
alimentação	lindas - poder ter pelos telemóveis.
vestuário	idas ao café - poder comer em casa.

No que diz respeito à questão em que os alunos tinham de calcular o montante que teriam de pagar ao banco para retirar uma quantia de dinheiro de uma conta poupança, o grupo conseguiu calcular essa mesma quantia corretamente. Em relação à elaboração do orçamento, o grupo demonstrou compreender este conceito e construiu-o com todas as partes que o integram (as receitas/rendimentos e as despesas necessárias), tal como se pode verificar na Figura 22.

Figura 22

Orçamento realizado pelo grupo 4

Orçamento	
Receitas Os rendimentos da irmã e da mãe 100€.	Despesas - Eletricidade - Água - Gás - Renda da casa - Despesas de saúde - Alimentação - Vestuário

Tal como todos os grupos anteriores, o grupo responsável pelo quinto problema (anexo 6- problema 5) identificou corretamente os rendimentos da família (800€ do salário do pai, 825€ do salário da mãe e 750€ do salário da irmã mais velha). Em relação às despesas, o grupo também as identificou corretamente, chegando-se a um total de 1345€. Ainda acrescentou, oralmente aquando da apresentação à turma, que “as despesas devem ser sempre inferiores aos rendimentos, pois se tal não acontecer ficamos sem dinheiro para enfrentar as despesas inesperadas” (DM). De seguida, os

alunos categorizaram as despesas como sendo necessárias ou supérfluas. As suas escolhas podem ser observadas nas figuras seguintes (Figura 23 e 24).

Figura 23

Despesas necessárias identificadas pelo grupo 5



1.1.3. Indica quais as despesas necessárias e as despesas supérfluas da família da Matilde?

Necessárias

A eletricidade porque precisamos dela para trabalhar e para ver.	As despesas de saúde porque se tivermos um acidente temos de ir ao hospital.
A água porque sem ela não conseguimos viver.	As telecomunicações porque à pessoas que precisam delas para trabalhar.
O gás para tomar banho.	O transporte porque sem ele não conseguimos ir para sítios distantes.
O empréstimo da casa para ter onde morar.	As roupas e calçado porque não podemos andar nus na rua.
A alimentação porque sem ela morremos de fome.	

Figura 24

Despesas supérfluas identificadas pelo grupo 5



Supérfluas

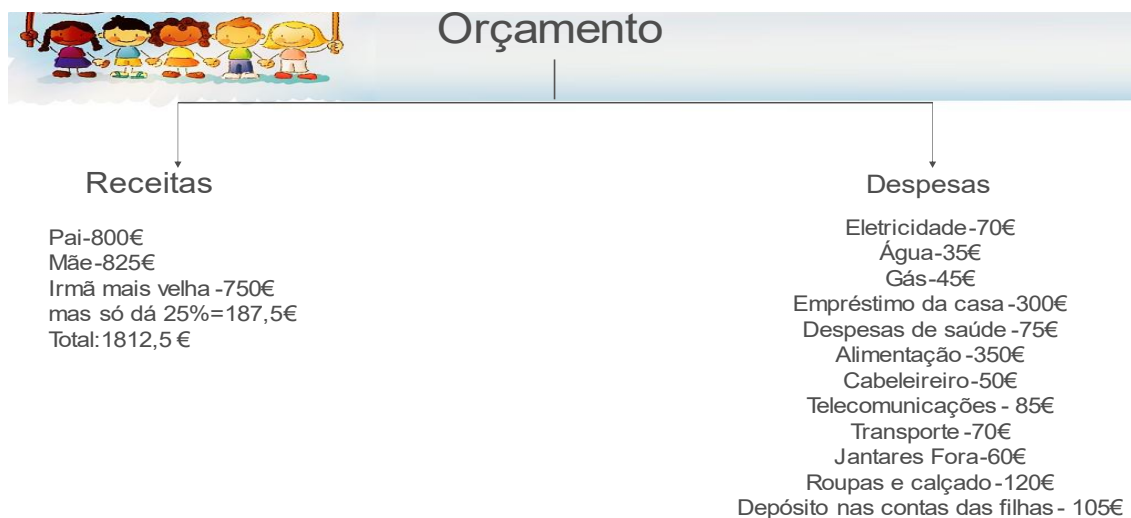
- O cabeleireiro porque podemos arranjar o cabelo em casa.
- Os jantares fora porque podemos comer em casa.
- O depósito nas contas das filhas porque se um dia eu não possa pagar ninguém vai morrer.

Em relação ao orçamento, este grupo também revelou dificuldades em entender o conceito, pois incluiu todas as despesas, necessárias e supérfluas, tal como é possível observar na Figura 25.

É importante referir que os alunos deste grupo realizaram a apresentação do seu trabalho através de um powerpoint

Figura 25

Orçamento realizado pelo grupo 5



No sexto problema (anexo 6- problema 6), os alunos revelaram facilidade em identificar os salários como sendo rendimentos, contudo no problema era feita uma referência a 200€ que o casal tinha acordado colocar todos os meses numa conta poupança e os alunos não conseguiram perceber que esta quantia não entrava nos rendimentos da família. Apercebendo-me desta dificuldade iniciei o seguinte diálogo:

Inv- Posso fazer uma pergunta? De onde é que vêm esses 200€?

VP- Da poupança!

Inv -No problema diz que eles vão colocar na conta poupança esses 200€ e não que os recebem. Do dinheiro que recebem 200€ vão para a conta poupança. Então, quais são os rendimentos da família?

VP- Os 950€ da esposa e dos 950€ do marido.

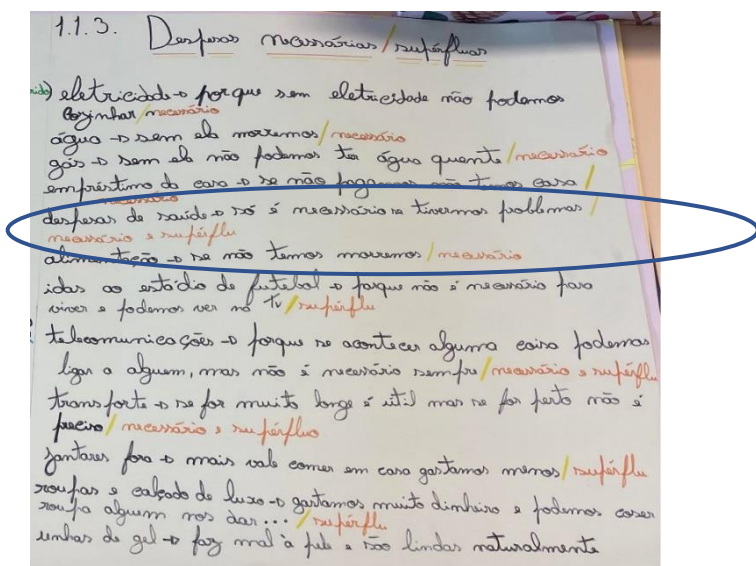
Inv- Exatamente!

Depois de os alunos entenderem que os rendimentos eram apenas o dinheiro que se recebia, passou-se à exploração das despesas. O grupo revelou facilidade em identificar as despesas e a categorizá-las como sendo supérfluas ou necessárias. É importante referir que, para além de identificarem as despesas, os alunos ainda explicaram o conceito dizendo que “as despesas são o dinheiro que gastamos” (LR). Em relação às despesas de saúde, o grupo considerou-as uma despesa necessária e supérflua ao mesmo tempo, pois “só é necessário se tivermos problemas” demonstrando não entender que algumas pessoas têm problemas de saúde

permanentes, que obrigam a gastos mensais para a vida. As justificações dadas pelos alunos podem ser observadas na Figura 26.

Figura 26

Despesas necessárias e supérfluas identificadas pelo grupo 6



Também este problema continha uma questão que pedia aos alunos para calcularem o montante que o casal iria ter na conta poupança ao final de um ano, sabendo que o banco depositava 0,10€ por cada 100€ que existissem na conta. Mais uma vez, os alunos demonstraram facilidade em resolver esta questão e responderam corretamente dizendo que ao final de um ano o casal iria ter 2402,40€. Em relação ao orçamento, o grupo executou-o corretamente (Figura 27).

Figura 27

Orçamento realizado pelo grupo 6

<u>Orçamento</u>	
Receitas	Despesas necessárias
950€ (esposa)	eletricidade (35€)
950€ (marido)	água (20€)
	empréstimo da casa (250€)
	gás (35€)
	alimentação (200€)

Com esta tarefa esperava-se que os alunos conseguissem contruir um orçamento e desenvolver os seus conhecimentos em relação aos diferentes tipos de despesas (necessárias, supérfluas e inesperadas), bem como entender a importância da poupança para se conseguir fazer face às despesas inesperadas.

No final desta tarefa todos os alunos conseguiram perceber que o orçamento nos pode ajudar muito a poupar e a organizar a nossa vida financeira. Tal como o Banco Santander (2020) e Ferreira (2013) defenderam, a turma entendeu que realizar um orçamento logo no início do mês torna a poupança mais fácil.

Para além de entenderem a finalidade do orçamento, os alunos também conseguiram reforçar a ideia de que a poupança é algo positivo que nos pode ajudar a fazer face a situações mais complicadas e inesperadas da vida.

Relativamente às dificuldades manifestadas, pode dizer-se que alguns alunos revelaram, inicialmente, dificuldades em entender a diferença entre os conceitos de “receitas” e “despesas”, contudo essas dificuldades foram sendo superadas ao longo da tarefa. Outra das dificuldades prendeu-se com o facto de nunca terem ouvido falar no termo “despesas inesperadas” e de não conseguirem enumerar nenhum exemplo. Esta dificuldade foi superada quando os alunos foram questionados acerca do significado de “inesperado”, mas numa fase inicial apenas conseguiram enumerar situações que nos podem levar a ter despesas inesperadas.

Ainda em relação às dificuldades reveladas pelos alunos, dois dos seis grupos demonstraram não entender o significado de “orçamento”, bem como as partes que o constituem, mas com diálogo estas dificuldades foram ultrapassadas.

No que diz respeito à utilização do vocabulário financeiro, inicialmente os alunos tiveram algumas dificuldades em perceber a diferença entre “receitas” e “despesas”. No final da tarefa, todos eles sabiam exatamente o que estes dois conceitos queriam dizer e utilizavam-nos corretamente.

Apesar de alguns alunos terem demonstrado dificuldades em entender quais as partes constituintes de um orçamento, todos eles sabiam qual era a sua finalidade e no final da tarefa todos eles ficaram a conhecer este conceito de forma integral.

Como já foi dito anteriormente, os alunos revelaram dificuldades em entender o que seriam as despesas inesperadas, porém por já conhecerem os conceitos de “necessário” e de “supérfluo”, mostraram entender com facilidade o que seriam

“despesas necessárias” e “despesas supérfluas”. O conceito de “poupança”, mais uma vez foi trabalhado nesta tarefa, bem como um meio que pode ajudar a atingi-la – o orçamento.

Em relação à aplicação de conhecimentos financeiros no dia a dia, os alunos revelaram algumas dificuldades em entender os conceitos de “rendimento”, “despesas”, “despesas inesperadas”, “despesas necessárias”, “despesas supérfluas” e “orçamento”. Quando confrontados com situações reais tiveram uma maior dificuldade em usar os seus conhecimentos. Por exemplo, alguns alunos revelaram dificuldades em categorizar algumas despesas.

Em relação à poupança, a maioria dos alunos reconhece a sua importância e a ajuda que esta pode dar em momentos financeiramente mais conturbados.

Tarefa 4

Esta tarefa tinha como objetivo entender a forma como os alunos reagiam ao imprevisto (anexo 10). Para iniciar esta tarefa os alunos foram confrontados com uma suposta avaria do projetor e por isso era impossível apresentar o material previsto. De seguida, cada aluno da turma, teve de apresentar pelo menos duas alternativas para contornar esta situação. Na tabela seguinte podem ser observadas as alternativas apresentadas pelos alunos.

Tabela 43

Alternativas para solucionar o problema dadas pela turma

Alternativa	Número de alunos
Escrever no quadro	16
Explicar os conceitos sem o suporte digital	6
Fazer um jogo	1
Imprimir o powerpoint	5
Mostrar apenas pelo computador	11
Chamar o técnico	2
“Dar uma pancadinha”	1
Ligar e desligar o projetor	3
Fazer outra atividade	5
Pedir outro projetor à Câmara	2
Comprar um projetor novo	1
Mudar de sala	1

Estas alternativas foram todas escritas no quadro e organizadas em três categorias: mais fáceis, “amigas do ambiente” e económicas.

Após uma troca de ideias, a turma considerou todas as alternativas menos “chamar o técnico”, “pedir outro projetor à Câmara”, “comprar um projetor novo” e “mudar de sala”, como sendo alternativas fáceis, mas alguns alunos da turma defendiam que nem todas eram exequíveis.

Em relação à alternativa “fazer um jogo”, os alunos consideraram ser uma alternativa fácil, mas talvez não fosse possível realizar, pois, segundo as suas opiniões, nem todas as matérias davam para realizar jogos.

No que diz respeito a “imprimir o powerpoint” e entregar a cada um dos alunos para que estes pudessem seguir a matéria, a maioria da turma estava contra esta alternativa, pois era de facto uma alternativa fácil que resolveria o problema, mas não era “amiga do ambiente”, pois iam gastar-se muito papel.

A alternativa “mostrar apenas pelo computador” era de facto uma alternativa fácil, mas alguns alunos não a acharam praticável, pois os alunos que estivessem mais no fundo da sala iriam ter muitas dificuldades em ver o recurso.

Em relação às alternativas “dar uma pancadinha” e “ligar e desligar o projetor”, a maioria da turma achou-a fácil, mas pensavam que não iria resolver o problema, pois poderia tratar-se de um problema muito complexo.

A alternativa “fazer outra atividade” foi a alternativa que os alunos consideraram mais fácil.

No que diz respeito às alternativas “chamar o técnico”, “pedir outro projetor à Câmara” e “comprar um projetor novo”, os alunos consideraram-nas pouco exequíveis pois não iam resolver o problema na hora. Já a hipótese de mudar de sala, apesar de ser uma das opções mais fáceis, os alunos sabiam que na escola não existiam salas com projetor disponíveis.

As alternativas “amigas do ambiente” escolhidas pelos alunos foram as seguintes: “escrever no quadro”, “explicar os conceitos sem o suporte digital”, “mostrar apenas pelo computador”.

Já as alternativas “económicas” seleccionadas foram a mudança de sala, “escrever no quadro”, “fazer outra atividade” e “explicar os conceitos sem o suporte digital”.

Com os dados recolhidos podemos concluir que a maioria da turma escolheria as hipóteses mais económicas.

Os alunos que apresentaram as alternativas que não resolviam o problema no momento, quando confrontados entenderam que as suas hipóteses não eram as melhores e acabaram concordar que as melhores alternativas se encontravam na categoria das “alternativas económicas”.

Em relação à aplicação de conhecimentos financeiros no dia a dia, a maioria da turma em situações do dia a dia já demonstra capacidade de tomar decisões financeiras acertadas quando são surpreendidos por um imprevisto.

No que diz respeito às dificuldades reveladas pelos alunos, apenas alguns alunos revelaram ter dificuldades, em situações inesperadas, em pensar em soluções económicas, pensado primeiro em soluções mais fáceis, porém quando se apercebem que as alternativas mais fáceis, por vezes não são exequíveis ou não são as melhores, rapidamente pensam em alternativas mais económicas.

Tal como foi defendido pelo Diário de Notícias (2020), as pessoas poupam cada vez menos e esta tendência foi-se verificando mais desde que Portugal entrou na União Europeia (UE), pois as pessoas tinham acesso mais facilitado ao crédito e o termo “poupança” começou a ganhar uma conotação negativa, ou seja, num mundo cada vez mais facilitado, alguns aspetos importantes das finanças são postos de lado e isso pode ser muito negativo para o nosso futuro, pois muitas das pessoas acabam por optar pelos caminhos mais fáceis, como por exemplo os empréstimos, e estes, muitas vezes, não são os mais adequados para a nossa vida financeira.

Tarefa 5

Para se abordar o tema dos meios de pagamento, os alunos ficaram a conhecer a história da moeda. Ficaram muito entusiasmados com este tema e demonstraram muita curiosidade em perceber como é que as trocas se faziam antes de existir a moeda (anexo 11).

Depois de explicar aos alunos que antes de existir a moeda as negociações eram feitas à base das trocas de bens, quiseram saber como é que as pessoas sabiam que estavam a fazer trocas justas. Quando expliquei que as trocas eram feitas com base nas

suas necessidades, ficaram muito surpreendidos, pois chegaram à conclusão que estas trocas deviam ser muito difíceis de fazer.

RT- Professora, se as trocas eram feitas de acordo com as necessidades das pessoas devia ser muito difícil de as fazer.

Inv- Sim, eram. Por exemplo, se eu fosse padreira, o que é que eu teria para negociar?

RT-Pão.

Inv-Muito bem. Agora imaginem que eu precisava de uns sapatos. Eu ia ter com um sapateiro e em troca dos sapatos oferecia-lhe pão, mas como ele não precisava não aceitava a minha proposta. Isto fazia com que eu tivesse que procurar outro sapateiro para voltar a fazer esta minha proposta.

RE- Ou então ir trocando as coisas até conseguir algo que o sapateiro precisasse.

O que também despertou muita a curiosidade nos alunos foram as primeiras moedas. Aproveitando este interesse pelas moedas perguntei-lhes se sabiam qual era a moeda que se utiliza hoje em dia. Todos responderam afirmativamente e completaram a resposta dizendo que era o euro. Também questionei a turma acerca da moeda anterior ao euro e alguns alunos sabiam que tinha sido o escudo e acrescentaram ainda que os seus pais e avós ainda tinham algumas notas e moedas em escudos.

Depois de conhecerem a história da moeda, perguntei aos alunos quais os meios de pagamento que conheciam e as respostas foram: as notas e as moedas, os cartões de crédito e o MBWay. Os alunos conhecem bem as notas e as moedas, pois estas foram-lhes sendo apresentadas pelos pais e trabalhadas na escola. Tal como Stuart (2009), é importante incentivar as crianças entre os três e os quatro anos a olharem para as diferentes moedas e organizá-las por tamanhos ou cores para assim irem ficando a conhecê-las. Ferreira (2013) também defende que nestas idades se introduzam as notas para que aos cinco anos as crianças estejam prontas para as associar à compra de bens e aos seis entenderem que cada uma delas tem valores diferentes.

Como nenhum dos alunos referiu as transferências bancárias, as cadernetas, nem os cheques, comecei a explorar cada um destes termos.

Começando pelos cheques, a maioria dos alunos sabia daquilo que se tratava.

Em relação à caderneta, este era um termo novo para os alunos, pois nunca tinham visto uma, nem ouvido falar nelas. Expliquei que não eram bem um meio de pagamento, pois não era possível realizar compras com elas, mas sim levantar o dinheiro de que necessitávamos.

No caso das transferências bancárias, os alunos sabiam do que se tratava, todavia nenhum se tinha lembrado delas.

Como foi dito anteriormente, o MBWay foi referido por alguns alunos que explicaram o que sabiam sobre esta aplicação aos seus colegas. Um dos alunos ainda referiu que esta aplicação era algo benéfico e seguro, mas não a 100%. Explicou que era necessário termos cuidado e não partilhar os nossos dados com ninguém, pois a partir do momento em que o fazíamos, essas pessoas passavam a ter acesso à nossa conta.

A tarefa terminou com a associação do melhor meio de pagamento para se pagar diferentes produtos. Na Figura 28 é possível observar o exercício que a turma executou.

Figura 28

Exercício acerca dos meios de pagamento



Observa a seguinte tabela de produtos e indica qual o meio de pagamento que usarias para o pagar.

Telemóvel
Garrafa de água
Compras para o jantar
Compras online
Uma camisola
Um sofá

MOEDAS

NOTAS

CARTÃO DE CRÉDITO

Depois de todos terem analisado o exercício e partilhado as suas ideias, chegou-se à seguinte resposta:

Figura 29

Resposta dos alunos (meios de pagamento)



Observa a seguinte tabela de produtos e indica qual o meio de pagamento que usarias para o pagar.

Telemóvel
Garrafa de água
Compras para o jantar
Compras online
Uma camisola
Um sofá

MOEDAS

NOTAS

CARTÃO DE CRÉDITO

Diagrama de associação:

- Telemóvel → MOEDAS (linha azul)
- Garrafa de água → NOTAS (linha verde)
- Compras para o jantar → NOTAS (linha verde)
- Compras online → CARTÃO DE CRÉDITO (linha preta)
- Uma camisola → CARTÃO DE CRÉDITO (linha vermelha)
- Um sofá → CARTÃO DE CRÉDITO (linha roxa)

Apesar de terem selecionado apenas um meio de pagamento para cada item, a turma acrescentou, no final, que qualquer um dos meios de pagamento poderia ser utilizado para os pagar, mas os que selecionaram eram “os mais fáceis”. É importante referir que todos demonstraram grande facilidade em associar o meio de pagamento mais adequado a determinada compra.

Em relação à utilização do vocabulário financeiro, demonstrando entender qual o significado dos termos que utiliza, todos os alunos demonstraram facilidade em entender e utilizar os termos de moeda, nota e cartão de crédito. Já em relação aos termos “caderneta” e “MBWay” apenas alguns alunos sabiam o que estes significavam, no entanto no final da tarefa todos os alunos conseguiram entender o significado destes termos.

No que diz respeito à aplicação de conhecimentos financeiros no dia a dia, todos os alunos demonstraram facilidade em pôr em prática os seus conhecimentos em relação aos diferentes meios de pagamento.

Relativamente às dificuldades reveladas pelos alunos, estas residiam em entender a maneira como, antes de existir a moeda, se realizavam as trocas.

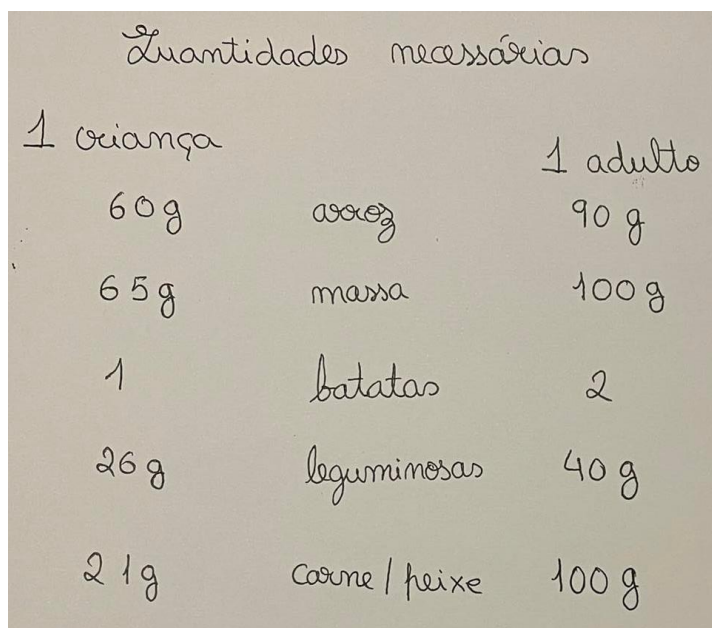
Tarefa 6

Para que os alunos ficassem a entender que com pequenas quantias de dinheiro é possível comprar-se muitas coisas, informei-os de que teriam de elaborar uma ementa (prato principal e sobremesa) para quatro pessoas (dois adultos e duas crianças) com apenas 5€ (anexo 12). Inicialmente a turma ficou um pouco apreensiva com proposta, pois achavam que era impossível, mas ainda assim aceitaram o desafio e iniciaram o seu trabalho.

É importante referir que antes de se iniciar a tarefa, foram pesquisadas na internet as quantidades recomendadas de cada alimento, tanto para as crianças como para adultos. Depois foi sintetizada toda essa informação como se pode observar na Figura 30.

Figura 30

Quantidades recomendadas de cada alimento para crianças e adultos



Quantidades necessárias		
1 criança		1 adulto
60 g	arroz	90 g
65 g	massa	100 g
1	batatas	2
26 g	leguminosas	40 g
21 g	carne / peixe	100 g

Para perceber se os alunos guardavam algum dinheiro para algum imprevisto, quando todos os grupos já tinham escolhido os produtos que iriam utilizar, informei-os de que também teriam de pagar o gás e a água que iriam utilizar. Os alunos ficaram preocupados com esta informação, mas a maioria conseguiu incluir estas despesas sem ultrapassar o orçamento.

De seguida são apresentadas as ementas realizadas por cada um dos grupos. É importante referir que um dos alunos, por ter gostado tanto deste desafio, elaborou duas ementas sozinho. É também necessário mencionar que o grupo 3 elaborou duas ementas porque era um grupo constituído por cinco alunos.

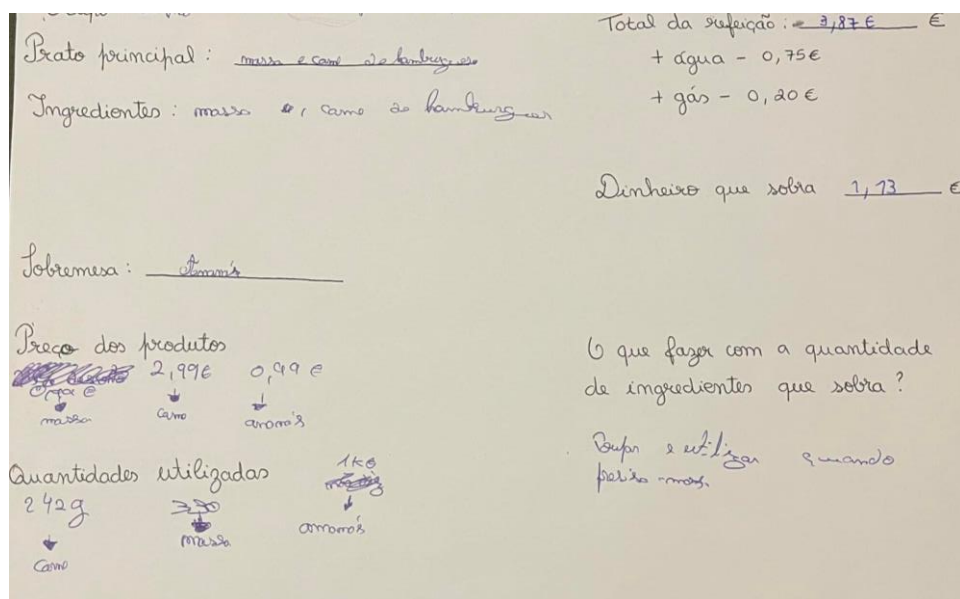
O grupo 1 como prato principal escolheu massa com carne picada (“carne de hambúrguer”) e como sobremesa ananás.

Com as quantidades dos alimentos que sobravam os alunos diziam que se deveriam utilizar noutro momento.

A ementa dos alunos pode ser observada na Figura 31.

Figura 31

Ementa criada pelo grupo 1



É necessário referir que grupo calculou de forma errada o total da sua refeição, pois o total correto seria: 0,99€ da massa+ 2,99€ da carne+ 0,99€ do ananás+ 0,75€ da água+ 0,20€ do gás= 5,92€, ou seja, o grupo conseguiu “comprar” os alimentos necessários para a refeição, contudo com as despesas da água e do gás ultrapassam os 5€.

O grupo 2 escolheu como prato principal batatas com frango e como sobremesa melancia.

Com as quantidades dos alimentos que sobravam os alunos diziam que se deveriam guardar para outra refeição.

Tal como o grupo 1, este grupo também não calculou corretamente o total da refeição, que seria 3,28€ e não 3,38€. A sua resposta pode-se observar na figura seguinte:

Figura 32

Ementa criada pelo grupo 2

Prato principal: Batatas com frango
 Ingredientes: frango, batatas

Sobremesa: Melancia

Preço dos produtos

0,90 € - frango	20,90
0,44 € - melancia	0,44
0,99 € - batatas	0,99
	<u>23,33</u>

Quantidades utilizadas
 frango - 500 g
 melancia - 500 g
 batatas - 1 kg

Total da refeição: 3,38 €
 + água - 0,75 € 2,33
 + gás - 0,20 € 10,75
10,70
3,38

Dinheiro que sobra 1,62 €
 $3 € - 3,38 € = 1,62 €$

O que fazer com a quantidade de ingredientes que sobra?
 guardar para a refeição seguinte.

O grupo 3 como prato principal optou por massa com frango e como sobremesa bananas. Com as quantidades dos alimentos que sobravam os alunos diziam que se deveriam guardar para outra refeição (Figura 33).

Figura 33

Ementa criada pelo grupo 3

Prato principal: massa com frango
 Ingredientes: massa e peito de frango

Sobremesa: banana

Preço dos produtos

peito de frango - 1,49 € (meio kg 0,75 €)
massa - 0,99 €
banana - $4 \times 0,18 = 0,76 €$

Quantidades utilizadas
 massa: $65 + 65 + 100 + 100 = 330g$
 peito de frango: $21 + 21 + 100 + 100 = 242g$

Total da refeição: 2,50 €
 + água - 0,75 €
 + gás - 0,20 € 3,45

Dinheiro que sobra 1,55 €
 $5,00 - 3,45 = 1,55$

O que fazer com a quantidade de ingredientes que sobra?
 $1000 - 330 = 670$ (massa)
 guardar para uma próxima refeição
 $500 - 242 = 258$
 guardar no congelador

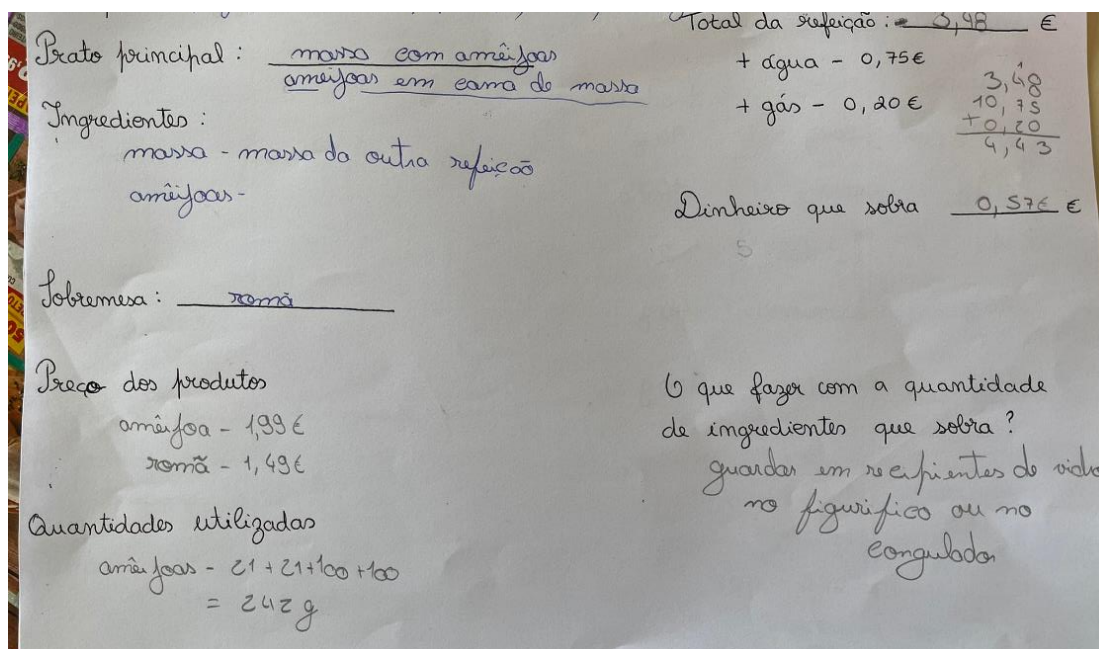
Este grupo, por ser constituído por mais elementos, criou outra ementa (Figura 34). Para esta segunda ementa, o grupo optou por utilizar a massa que havia sobrado

da ementa anterior e como prato principal optaram por massa com ameijoas e como sobremesa optaram pela romã.

Com as quantidades dos alimentos que sobravam os alunos diziam que se deveriam guardar para outra refeição.

Figura 34

Ementa criada pelo grupo 4



O grupo 4 como prato principal escolheu arroz com frango e como sobremesa melancia (Figura 35). Com as quantidades dos alimentos que sobravam os alunos diziam que se deveriam guardar para outra refeição. Tal como outros dois grupos, este não conseguiu calcular o total da refeição de forma correta. Segundo eles, o total seria 4,61€, todavia se realizarmos novamente chegamos à conclusão que o total é de 4,56€ (1,79€ do frango+ 0,84€ do arroz+ 0,98€ da melancia+ 0,75€ da água+ 0,20€ do gás).

Figura 35

Ementa criada pelo grupo 4

Prato principal : <u>arroz com frango</u>	Total da refeição : <u>4,61</u> €
Ingredientes :	+ água - 0,75€
- arroz	+ gás - 0,20€
- frango	
Sobremesa : <u>melancia</u>	Dinheiro que sobra <u>0,39</u> €
Preço dos produtos	
- frango 1,79€	
- arroz 0,84€	
- melancia 0,98€	
Quantidades utilizadas	
frango = 242 g	
arroz = 300 g	
melancia = 600 g	

O que fazer com a quantidade de ingredientes que sobra?
Congelamos o que resta para comer noutro dia.

Já o grupo 5 como prato principal optou por massa com couves e frango e bolachas para a sobremesa. Com as quantidades dos alimentos que sobravam os alunos diziam que se deveriam guardar para outra refeição.

A ementa criada pelo grupo pode ser observada na Figura 36.

Figura 36

Ementa criada pelo grupo 5

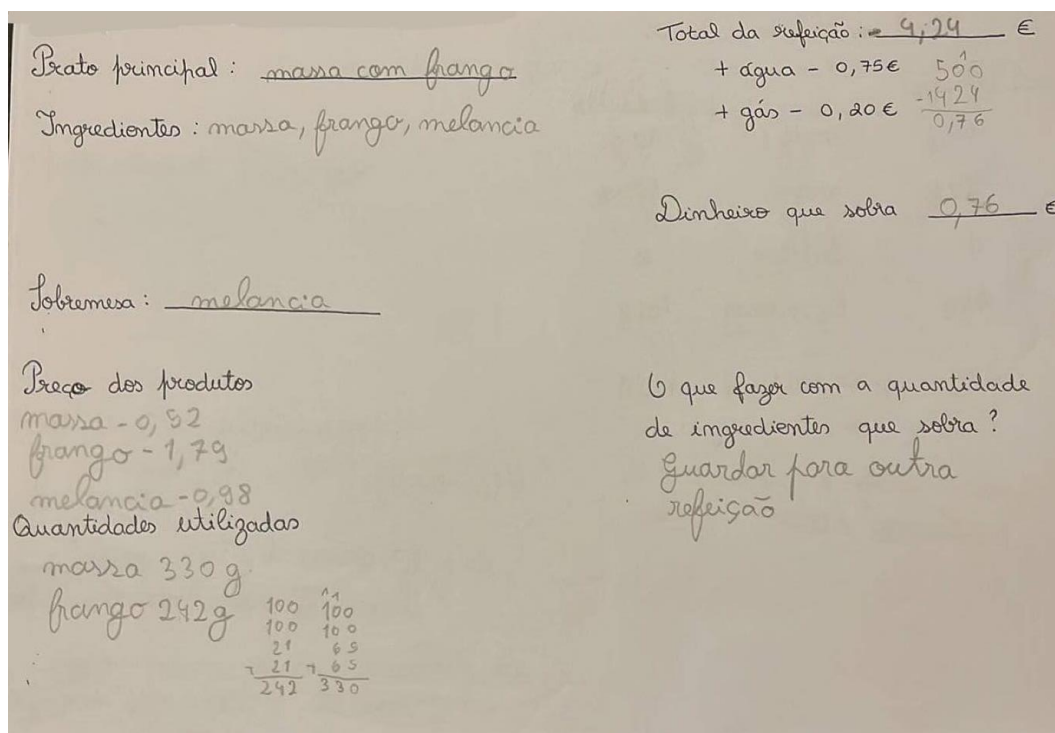
Prato principal : <u>massa com couves e frango</u>	Total da refeição : <u>4,82</u> €
Ingredientes :	+ água - 0,75€
massa, couves e frango	+ gás - 0,20€
Sobremesa : <u>bolachas</u>	Dinheiro que sobra <u>0,13</u> €
Preço dos produtos	
bolachas 0,55€, massa 0,79€,	
água 0,75€, gás 0,20€, frango 1,79€	
couves 0,97€	
Quantidades utilizadas	
2 crianças - 130 g de massa, 52 g de leguminosas e 42 g de couve.	
2 adultos - 200 g de massa, 80 g de leguminosas e 200 g de couve	

O que fazer com a quantidade de ingredientes que sobra?
O que sobra, é para usar em outras refeições

Por fim, o grupo 6 como prato principal escolheu massa com frango e como sobremesa melancia. Com as quantidades dos alimentos que sobravam os alunos diziam que se deveriam guardar para outra refeição (Figura 37).

Figura 37

Ementa criada pelo grupo 6



Como já foi referido, um dos alunos gostou tanto de realizar esta tarefa que criou outras duas ementas. A primeira tinha como prato principal arroz com frango e donuts para a sobremesa, já a segunda tinha massa com asas de frango e pudim para a sobremesa.

Este aluno fazia parte do grupo que teve de realizar duas ementas, porém não utilizou a mesma estratégia (usar a quantidade que havia sobrado de uma das ementas).

Quando perguntei ao aluno a razão pela qual ter escolhido doces como sobremesa nas duas ementas, o mesmo respondeu dizendo que por vezes também precisamos de comer coisas que nos deixem felizes.

Com as quantidades dos alimentos que sobravam o aluno dizia que se deveriam guardar para outra refeição.

As suas ementas encontram-se nas Figuras 38 e 39.

Figura 38

Primeira ementa criada pelo aluno RE

Prato principal: frango com arroz

Ingredientes:
frango e arroz

Lobremesa: Donuts

Preço dos produtos
frango - 0,85 €
arroz - 0,99 €
donuts - 1,59 €

quantidades utilizadas
frango - 292 g = 27 + 21 + 100 + 100
arroz - 360 g = 90 + 90 + 60 + 60

Total da refeição 3,43 €
+ água - 0,75 €
+ gás - 0,20 €

13,43
0,75
0,20
4,38

Dinheiro que sobra 0,62

O que fazer com a quantidade que sobra? congelar para outra refeição.

Figura 39

Segunda ementa criada pelo aluno RE

Prato Principal: massa com asas de frango

Ingredientes: asas de frango e massa

Lobremesa: Dudim

Preço dos produtos
dudim e leite - 0,82 €
frango - 0,80 €

Quantidades utilizadas
asas de frango - 292 g
massa - 330 g

Total da refeição: 2,02 €
+ água - 0,75 €
+ gás - 0,20 €

Dinheiro que sobra: 3,63 €

igual às outras

Na tabela que se segue encontra-se a síntese das ementas produzidas pelos alunos.

Tabela 44*Síntese das ementas criadas pelos alunos*

Grupo	Prato principal	Sobremesa	Total	Água + gás	Dinheiro que sobrou	O que fazer com a quantidade de ingredientes que sobra
1	Massa (1 kg- 0,99€) Carne picada (1 kg- 2,99€)	Ananás (0,99€)	3,87€	0,75€ + 0,20€	0,07€	Guardar para uma próxima refeição.
2	Frango (500g- 1,80€) Batatas (1kg- 0,99€)	Melancia (1 kg- 0,44€)	3,23€	0,75€ + 0,20€	0,82€	Guardar para uma próxima refeição.
3	Massa (1 kg- 0,99€) Perna de frango (500g- 0,75€)	4 bananas (0,76€)	2,50€	0,75€ + 0,20€	1,55€	Guardar para uma próxima refeição.
3	Massa (que sobrou da ementa anterior) Amêijoas (1kg- 1,99€)	Romã (1,49€)	3,48€	0,75€ + 0,20€	0,57€	Guardar para uma próxima refeição.
4	Arroz (1 kg- 0,84€) Frango (1 kg-1,79€)	Melancia (0,98€)	3,61€	0,75€ + 0,20€	0,44€	Guardar para uma próxima refeição.
5	Massa (1kg- 0,79€) Couves (1 kg- 0,79€) Frango (1kg- 1,79€)	Bolachas (0,55€)	3,92€	0,75€ + 0,20€	0,13€	Guardar para uma próxima refeição.
6	Massa (1 kg- 0,52€) Frango (1kg- 1,79€)	Melancia (0,98€)	3,29€	0,75€ + 0,20€	0,76€	Guardar para uma próxima refeição.
Aluno que quis repetir a tarefa	Arroz (1kg- 0,84€) Frango (500g- 0,85€)	Donuts (1,59€)	3,92€	0,75€ + 0,20€	0,13€	Guardar para uma próxima refeição.
	Massa (1kg- 0,52) Asas de frango (500g- 0,80€)	Pudim (saquetas+ leite- 0,82€)	2,94€	0,75€ + 0,20€	1,11€	Guardar para uma próxima refeição.

Observando as ementas elaboradas pelos alunos conseguimos perceber que apenas um grupo não conseguiu cumprir o objetivo de criarem refeições com 5€, porém

como solução para a quantidade de ingredientes que iria sobrar todos referiram que deveria ser guardada para uma próxima refeição.

O grupo que elaborou duas ementas aproveitou a massa que havia sobrado da sua primeira ementa para assim conseguirem comprar alimentos que gostam mais, ou seja deixaram-se levar pelos seus “desejos” e deixaram um pouco de parte a poupança.

No geral, a turma focou-se apenas em tentar cumprir o desafio e não em gastar o mínimo de dinheiro.

Alguns alimentos que os alunos queriam utilizar que não se encontravam nos folhetos promocionais e os alunos não estavam a conseguir pesquisar nas lojas online (devido a problemas de rede) e por isso aproveitei esta oportunidade para entender se tinham a noção dos preços de alguns produtos e comprovou-se que tinham algumas dificuldades em “adivinhar” os preços dos produtos.

Observando as ementas criadas pelos alunos podemos concluir que a maioria dos alunos apenas pensou na carne, batatas, arroz e massa. Apenas um dos grupos se lembrou das leguminosas. Será que esta tendência vem de casa ou da cantina da escola? Tendo eu frequentado a cantina da escola, é do meu conhecimento que a acompanhar todas as refeições existiam legumes e salada e cada um dos alunos teria de escolher um legume ou um ingrediente da salada.

O facto de os alunos terem posto de parte a poupança nesta tarefa vem confirmar um ponto trabalhado na Revisão de Literatura deste trabalho: antigamente, as pessoas eram mais cuidadosas ao gastar o seu dinheiro e preocupavam-se mais com a poupança e atualmente poupam três vezes menos que nos anos 70 e 80 (Diário De Notícias, 2020). Apesar de todos os alunos saberem que a poupança é algo importante, deixaram-se levar pelos seus “desejos” e também só se focaram em cumprir o orçamento para a ementa.

No que diz respeito à dificuldade revelada por alguns alunos em “adivinhar” o preço de alguns produtos, vem reforçar a ideia defendida por Ferreira (2013) de que aos sete anos as crianças devem começar a frequentar os supermercados com os pais e a procurar os itens que necessitam comprar, para assim irem ganhando algumas noções dos preços dos produtos.

CONCLUSÕES

Nesta secção serão apresentadas as conclusões do estudo, respondendo às questões de investigação. Também serão apresentadas as limitações do estudo e as recomendações para intervenções futuras. A secção termina com as considerações finais.

O principal objetivo deste estudo era o de identificar conhecimentos e fragilidades que os alunos apresentam relacionadas com o tema, EF. Pretendemos ainda perceber se os alunos conseguem transferir os seus conhecimentos de EF para o seu dia a dia e desenvolver os conceitos de poupança, de bem necessário e de bem supérfluo. Para orientar este estudo foram definidas três questões, que se respondem de seguida.

Respostas às questões orientadoras do estudo

Questão 1- Que conhecimentos manifestam os alunos em relação à Educação Financeira?

Quer no período de observação da turma, quer no início da intervenção, foi notório que a turma revelava poucos conhecimentos em relação à temática da EF.

Os conhecimentos que manifestavam era o reconhecimento das diferentes moedas e das notas e tinham algumas noções do conceito de “poupar”. Alguns dos alunos já tinham contacto com o dinheiro, pois os seus familiares davam-lhes uma pequena semanada/ mesada e estes guardavam-na no seu mealheiro. É importante referir que poucos sabiam qual o significado dos termos “mesada” e “semanada”, mesmo aqueles que as recebiam.

Muitos demonstraram ainda ter dificuldade em entender o que a palavra “mealheiro” queria dizer e, por isto, a mesma teve de ser substituída pelo termo “peteiro”.

No que diz respeito aos termos “necessário” e “supérfluo”, poucos revelavam conhecimento sobre eles. Relativamente ao termo “desejo”, todos sabiam o que este queria dizer, contudo não entendiam a diferença entre o que é necessário e o que é um desejo. Em relação ao conceito de “poupança”, a maioria conhecia-o. A palavra “despesas” não era nova para a turma, mas as palavras “rendimentos”, “receitas” e “orçamentos” sim.

Os alunos tinham a noção de que para se comprar algo teria de existir uma troca de dinheiro, porém alguns deles não o usavam de forma racional, pois admitiam comprar tudo aquilo que queriam. A maioria poupava o seu dinheiro para o futuro, ou porque os seus pais lhes diziam ser importante ou por iniciativa própria.

Tal como refere Pontes (2016) no seu estudo, é fundamental que os alunos comecem a aprender a tomar decisões financeiras conscientes.

Ferreira (2013) defendeu que esta falta de conhecimentos relativos à EF faz com que haja também uma lacuna no saber ser bom consumidor e um cidadão que toma decisões responsáveis, informadas e corretas.

Nos dias em que vivemos, é cada vez mais importante sabermos aquilo de que precisamos e não precisamos de comprar e sabermos que os nossos desejos podem não ser necessidades, logo é preciso apresentar estes conceitos às crianças, quer na escola, quer em casa.

Tal como foi apresentado na Revisão de Literatura deste estudo, apesar de a OCDE ter sugerido a implementação nos currículos escolares a EF, a falta de tempo e de recursos têm vindo a dificultar esta tarefa e isto tem um impacto negativo nos nossos alunos e futuros cidadãos e consumidores. Aquilo que aparece nos programas escolares não chega para capacitar, a nível da EF, as nossas crianças. O que surge nos nossos programas são aspetos relativos à grandeza dinheiro, que ajudam os alunos a interiorizar alguns aspetos da EF, todavia dever-se-iam abordar conceitos mais ligados ao quotidiano, como os conceitos de necessário, supérfluo e poupança, entre outros.

É certo que o Estado Português, ciente da importância deste tema, criou o REF em 2013, contudo a maioria dos professores não o utiliza, por falta de tempo.

Apesar de todos estes entraves é preciso apresentar estes assuntos às crianças, adequando as atividades/ tarefas à sua maturidade.

Para este estudo foram criadas seis tarefas. A primeira tarefa serviu para se tentar perceber quais as maiores dificuldades dos alunos, para assim adequar a intervenção educativa. Na segunda tarefa foram abordados os conceitos de “necessário”, “supérfluo” e “desejo”. Nesta tarefa foram categorizados vários itens, de modo a ser mais fácil para todos, compreender estes conceitos. Na terceira tarefa foram abordados os conceitos de “rendimento”, “despesa”, “poupança” e de “orçamento”, bem como os diferentes tipos de despesas. Para que entendessem que nem todas as

famílias têm as mesmas despesas e os mesmos rendimentos, foram feitos seis grupos e a cada um deles foi entregue um problema acerca de uma família diferente e os resultados foram apresentados à turma. Com a quarta tarefa foi trabalhado o imprevisto, para se tentar compreender se os alunos optavam pelo caminho financeiramente mais adequado ou pelo caminho mais fácil. Na quinta tarefa foram abordados os meios de pagamento. Já na sexta tarefa pretendeu-se mostrar aos alunos que com uma pequena quantia de dinheiro se pode comprar inúmeros produtos necessário e por isso, em grupos, os alunos tiveram de criar uma ementa para quatro pessoas, com prato principal e sobremesa.

Com estas tarefas, os alunos tiveram a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e valores referentes à EF e no final delas foram notadas diferenças positivas nos seus conhecimentos.

Questão 2- Como é que os alunos resolvem problemas matemáticos que envolvem dinheiro? Quais as suas dificuldades?

Estamos constantemente a resolver problemas, ainda que não intencionalmente, mas a verdade é que eles fazem parte da nossa vida. Somos surpreendidos com situações em que temos de resolver diferentes problemas e na sua maioria estes estão ligados à nossa vida financeira. O facto de os problemas estarem tão presentes no nosso quotidiano, no ensino da matemática, a resolução de problemas é considerada um dos objetivos principais, privilegiando-se a aproximação à realidade.

Neste estudo foram realizadas, ao longo da intervenção educativa, diversas tarefas em que os alunos tinham de resolver alguns problemas que envolviam dinheiro.

No caso da turma onde se realizou o estudo, esta sempre demonstrou algumas dificuldades em compreender os enunciados, por isso, tentei criar tarefas que fossem de fácil compreensão. No geral, os alunos conseguiram resolver os problemas que envolviam dinheiro autonomamente e sem grandes dificuldades. Todos conheciam as diferentes notas e moedas, sabiam que 1€ correspondia a 100 cêntimos e a maioria realizava adições e subtrações com facilidade. Contudo na última tarefa alguns alunos não conseguiram calcular o valor total da sua ementa corretamente.

A maioria dos alunos apresentava facilidade em resolver problemas pelo facto de esta temática (resolução de problemas) ser abordada nas aulas da matemática

constantemente e nas rotinas da turma (um dia por semana), pois os alunos tinham de criar problemas e resolvê-los, partilhando diferentes estratégias de resolução. Deste modo, os alunos foram conhecendo novas estratégias e desenvolvendo a capacidade de resolver problemas.

Tal como foi defendido por Ferreira (2013), é importante que as moedas e as notas sejam apresentadas às crianças por volta dos três/ quatro anos, para que estas as fiquem a conhecer e desenvolver interesse por elas. O facto de a turma demonstrar conhecer bem as notas e moedas confirma que estas crianças foram expostas desde cedo a estes objetos, quer na escola, quer em casa.

Ferreira (2013) afirma que os temas financeiros estão presentes no nosso dia a dia, por isso os adultos devem aproveitar todas essas situações para desenvolver nas crianças alguns conceitos financeiros. Defende ainda que é importante envolver as crianças nas decisões financeiras da família, quer seja a elaborar uma lista de compras, quer seja a definir o orçamento para um jantar de família e a fazer as compras para esse evento familiar, obrigando-a a ir fazendo algumas operações para perceber se está a cumprir ou não o orçamento estipulado.

Questão 3- Como é que os alunos transferem os seus conhecimentos sobre Educação Financeira para o seu dia a dia? Que dificuldades revelam?

A EF é um processo de aprendizagem ao longo da vida, mas essencial nos primeiros anos de vida de uma criança, pois dotam-na de conhecimentos e atitudes que lhes permitem ser futuros cidadãos que tomam decisões acertadas e informadas (Fonseca, 2017).

Todas as tarefas realizadas neste estudo tinham como objetivo aumentar os conhecimentos dos alunos em relação à EF, mas também dotá-los de uma capacidade de transferir os seus conhecimentos financeiros para o seu dia a dia.

Apesar de se considerar todas as tarefas adequadas à faixa etária da turma, foram sentidas algumas dificuldades. Essas dificuldades foram mais evidentes quando os alunos tentavam transferir os seus conhecimentos para o seu dia a dia.

Todas as tarefas estavam pensadas para entender a maneira como os alunos, no seu dia a dia, utilizavam os seus conhecimentos financeiros, contudo eram as tarefas três, quatro, cinco e seis que se focavam mais neste objetivo.

No que diz respeito à tarefa três, os alunos foram confrontados com diferentes realidades. A maioria da turma conseguiu identificar os rendimentos e as despesas das diferentes situações, contudo alguns ainda revelaram dificuldades em categorizar as despesas como necessárias e supérfluas. Alguns, também revelaram dificuldades em realizar orçamentos, pois não entendiam quais as partes que o integravam. Algumas destas realidades contavam com situações de desemprego, situações em que apenas se recebia o salário mínimo e situações onde existia apenas uma fonte de rendimento e onde se colocava a hipótese de se realizarem férias ou comprar artigos de luxo e, a maioria não transferiu os seus conhecimentos e não chegou à conclusão de que tudo isto eram despesas supérfluas e que o dinheiro que se iria gastar poderia ser útil num futuro próximo, para fazer face a períodos, financeiramente, mais conturbados.

Com a quarta tarefa, pretendia-se entender o modo como os alunos faziam frente ao imprevisto. As conclusões que se tiraram desta tarefa foram que a maioria, quando apanhados desprevenidos, optavam por caminhos mais fáceis e não por caminhos financeiramente acertados (poupança).

No que diz respeito à quinta tarefa, a turma conseguiu associar o método de pagamento mais adequado à compra de um item e ainda identificou as vantagens e desvantagens de um método de pagamento recente (MB Way).

Em relação à última tarefa, esta pretendia mostrar que com pequenas quantidades de dinheiro se podiam comprar diversos produtos que nos são necessários para viver. Aquando da realização desta tarefa, a maioria dos grupos pôs de parte os seus conhecimentos relativos à EF, ou seja, apenas se preocuparam em cumprir o objetivo da tarefa (criar uma ementa, com prato principal e sobremesa, para dois adultos e duas crianças, com apenas cinco euros) e não com o termo “poupança”. Apesar de a maioria ter posto de parte os seus conhecimentos relativos à EF, é importante referir que os alunos demonstram um cuidado em analisar cada etiqueta com o preço de cada produto, para assim conseguirem perceber a quantidade de produto que iriam “comprar”. Quando encontravam dois itens parecidos, mas com preços diferentes, tinham o cuidado de perceber as quantidades de cada um dos produtos.

Resumindo, apesar de se terem desenvolvido conhecimentos relativos à EF, foi registada grande dificuldade em transpô-los para o seu dia a dia. Por exemplo, apesar

de todos saberem qual a importância da poupança, quando confrontados com situações reais, puseram este conceito de lado.

Limitações do estudo e recomendações para intervenções futuras

Terminado o estudo é importante salientar algumas limitações que o mesmo teve.

A primeira limitação tem a ver com o trabalho em grupo. Apesar de a turma já estar habituada a trabalhar em pequenos grupos, ainda existiam algumas quezílias de grupo. Alguns alunos queriam “liderar” o seu grupo e isso causava algumas discussões. Uma vez que algumas tarefas pensadas neste estudo requeriam trabalho em grupo, as discussões entre os alunos, não sobre a tarefa, mas sobre quem liderava, atrasavam um pouco a resolução das tarefas.

No caso da turma em que o estudo foi feito, esta era pouco autónoma no que diz respeito a realizar tarefas, pois precisavam sempre de ajuda para entender os enunciados, sendo que muitas vezes nem os liam (colocavam logo o braço no ar, pedindo ajuda). Por vezes era complicado gerir todos os pedidos de ajuda, por isso, antes de se iniciar qualquer tarefa, procurei ler sempre as perguntas em conjunto, para que as dúvidas fossem tiradas no momento e depois me fosse mais fácil ajudar quem precisava.

Apesar de se realizarem atividades sobre EF todas as semanas em que estava responsável pelas aulas, eram apenas efetuadas uma vez por semana, pelo facto de ser necessário abordar outras temáticas. A alternância semanal da intervenção com o meu par pedagógico, também quebrava um pouco o ritmo de trabalho dos alunos.

Para futuras investigações recomenda-se aumentar o tempo de intervenção, para assim se implementarem mais atividades e consolidar melhor todos os conceitos trabalhados.

Outra recomendação, reconhecendo a importância da temática da EF, é necessário que seja apresentada aos alunos o mais cedo possível, para que se tornem cidadãos informados e conscientes, que gerem o seu dinheiro de forma consciente e por isso sugere-se a realização de estudos, dentro desta temática, com alunos de anos de escolaridade inferiores.

Também se sugere que em futuras investigações se faça um trabalho que envolva os encarregados de educação, pois é necessário mostrar-lhes que os seus educandos precisam destas informações, bem como de ter um papel ativo nas questões financeiras domésticas, pois só assim conseguem desenvolver habilidades para, no futuro, conseguirem gerir o seu dinheiro de forma correta.

Considerações finais

Durante todo o meu percurso escolar, a matemática foi sempre algo que me fascinou. Nos três anos de Licenciatura em Educação Básica e no primeiro ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, este fascínio e interesse cresceu ainda mais, principalmente quando a EF foi abordada. Este foi o principal motivo pelo qual escolhi este tema para o estudo. Após ter escolhido o tema da minha investigação, comecei por escolher qual a metodologia que iria adotar e os objetivos que gostava de trabalhar junto dos alunos. Optei por criar tarefas que se aproximassem o mais possível da vida real, adaptando-as à turma. Depois de implementadas foi feita uma análise dos resultados.

É importante referir, que apesar do curto intervalo de tempo que estive a implementar as tarefas, a turma demonstrou aumentar os seus conhecimentos em relação à EF. Durante as observações, um dos alunos demonstrou ter uma grande falta de conhecimentos em relação a esta temática, pois não reconhecia a importância do dinheiro e não entendia os benefícios que a poupança poderia trazer para as nossas vidas. No final, depois de todas as tarefas terem sido implementadas, este aluno foi o que demonstrou ter adquirido mais conhecimentos e ter mudado mais a sua forma de pensar no dinheiro e na poupança.

Para concluir, é necessário mencionar que a turma gostou muito de todas as atividades pelo facto de serem sobre um tema diferente dos que costumam abordar e também por estarem relacionadas com o seu quotidiano.

CAPÍTULO III – REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Reflexão final da PES

Desde muito cedo sonhamos com a profissão que queremos ter no futuro e desde muito cedo que decidi que o meu objetivo seria tornar-me numa educadora/professora. Como todas as crianças passei pelas fases de querer ser cabeleireira e médica, porém o ramo da educação destacava-se sempre.

Lembro-me de que um dia me ofereceram uma coleção enorme da revista “Terra do Nunca” e que cuidei delas desde o primeiro dia. Pedi aos meus pais que me dessem uma capa arquivadora e que me ensinassem a utilizar da forma correta o furador, para que pudesse guardar as revistas na capa e assim protegê-las. Recordo-me de brincar todos os dias com as revistas e de fazer de conta que era professora, avaliando cada página da revista como se de uma ficha de avaliação se tratasse. Cada revista pertencia a um aluno da minha turma imaginária e cada um tinha uma nota associada.

Recordo-me também de a minha brincadeira favorita ser “brincar aos professores e alunos” desde que me deixassem ser a professora! Sempre demonstrei muito interesse em ajudar os meus primos mais novos nas tarefas escolares e até em criar fichas para os conseguir ajudar a melhorar o seu desempenho.

Com a entrada na universidade e na licenciatura de Educação Básica, os desejos e brincadeiras de uma menina que ansiava ser professora, começaram a ganhar vida. Contudo, foi no último ano do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico que o sonho se realizou. Neste último ano de mestrado pude estar em contacto com o contexto de Pré-Escolar e 1.º Ciclo durante um longo período de tempo e assim aprender muito sobre eles.

Este último ano, foi sem dúvidas, um ano de desafios, novas aprendizagens e de muitas alegrias. Nesta reflexão irei falar sobre dois contextos que frequentei e que foi um gosto enorme ter a oportunidade de lá ter estado.

Apesar de na Licenciatura já ter frequentado outros contextos de estágio, estes dois últimos foram os mais importantes para mim, pois foi onde eu passei mais tempo e intervim durante mais horas e por consequência onde ganhei mais ligação com as crianças e toda a comunidade escolar.

Os grupos de estágio eram bastante distintos. No Pré-Escolar o grupo era composto por 22 crianças entre os três e os seis anos. Já no 1.º Ciclo, a turma era

composta por 22 alunos do 4.º ano de escolaridade, com idades entre os nove e os dez anos.

No contexto de Pré-Escolar, tive a oportunidade de poder trabalhar com uma educadora cooperante que aplicava o Modelo *High Scope*, em que as crianças tinham uma voz ativa na sala e que me fez perceber que quando os interesses das crianças são ouvidos tudo corre pelo melhor e conseguimos obter a atenção delas muito mais facilmente. Para terminar, é importante referir que gostei muito de estagiar neste contexto.

No que diz respeito ao contexto de 1.º Ciclo foi uma experiência desafiante, pois apesar de já ter estagiado em turma do 4.º ano de escolaridade, nunca tinha estado em contacto com uma turma tão curiosa e exigente. A turma demonstrava interesse em tudo o que lhes era apresentado e queria sempre saber mais do que o que era abordado. Como em todas as turmas, existiam alunos que demonstravam ter mais dificuldades, por isso tive sempre a preocupação de criar tarefas que se adequassem aos conhecimentos de todos os alunos. Durante este estágio aprendi que o importante não era cumprir a planificação à risca, mas sim dar o tempo que os alunos precisam para adquirir novas aprendizagens. Não foram só os alunos que aumentaram os seus conhecimentos, eu própria também aprendi a gerir melhor uma turma.

Para além dos desafios referidos anteriormente, o maior desafio do estágio em Pré-Escolar e no 1.º Ciclo foi elaborar as planificações, pois muitas vezes faltava imaginação para tornar as planificações mais apelativas para as crianças/alunos. Enquanto no Pré-Escolar ouvia as ideias das crianças e planificava de acordo com os seus interesses, no 1.º Ciclo planeava de acordo com as indicações da professora cooperante que sempre nos ajudou, tanto a mim como ao meu par de estágio. No final desta caminhada, percebi que a elaboração das planificações, por muito que seja desafiante, é algo muito positivo, pois orienta-nos durante toda a implementação.

No final de cada semana de implementação, fazíamos uma reflexão recordando aquilo que correu bem e o que correu menos bem, que nos ajudava a melhorar a nossa prática futura.

Para tudo correr pelo melhor é essencial criar uma boa relação com toda a comunidade escolar e, em ambos os contextos aconteceu. O facto de convivermos com diferentes pessoas nos diferentes contextos fez com que aprendêssemos muito mais.

Considero que depois desta experiência me sinto muito mais preparada para a minha vida profissional, pois ajudou-me a superar algumas das minhas dificuldades.

Para além das dificuldades que fui referindo, sem dúvida que a maior delas todas foi despedir-me das turmas e da comunidade escolar. Em ambos os contextos, todos mostraram aquilo que havia significado para eles.

Para concluir, apesar de ter crescido imenso com este estágio, tenho perfeita noção de que tenho muito mais para crescer e aprender para me tornar uma boa profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alcarva, P. (n.d.). *A importância da literacia financeira na educação das crianças e jovens*. Porto Editora.
<https://www.portoeditora.pt/paisealunos/pais-and-alunos/noticia/ver/?id=38604&langid=1>
- Almeida, L., & Freire, T. (2000). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Psiquilíbrios.
- Alves, J. (2012). *A (I)Literacia Financeira da População. Estudo de caso para uma população do Norte de Portugal*. Porto. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Disponível em: https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/1179/1/DM_JoseAlves_2012.pdf
- Amado, J. (2017). *Manual de Investigação Qualitativa Em Educação*. Universidade de Coimbra.
- Araújo, A. (2016). *Educação Financeira desde a infância: proposta didática para o 1.º ano de escolaridade*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
<http://hdl.handle.net/20.500.11960/1625>
- Banco de Portugal. (2011). *Relatório do Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa*. Departamento de Supervisão Comportamental.
https://www.bportugal.pt/sites/default/files/relatorio_do_inquerito_a_literacia_financeira_da_populacao_portuguesa_2010.pdf
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Gradiva.
- Benavente, A., Rosa, A., Costa, A., & Ávila, P. (1996). *A Literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Fundação Calouste Gulbenkian.
http://www.apcep.pt/docs/livro_benavente.pdf
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto Editora.
- Cadernos de Educação Financeira*. (n.d.). Todos Contam. <https://www.todoscontam.pt/pt-pt/cadernos-de-educacao-financeira>
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. R. B. (2007). *Research Methods in Education* (6th ed.). Routledge.
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Edições Almedina.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M., & Vieira, S. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, XIII (2). <http://hdl.handle.net/1822/10148>
- Cunha, I. (2015). *Educação Financeira no 1.º ciclo do Ensino Básico*. Instituto Superior Politécnico Gaya. <http://hdl.handle.net/10400.26/19729>

- DGE (2014). *Caderno de Educação Financeira para o 1º ciclo*. Direção Geral Da Educação. <https://www.dge.mec.pt/noticias/educacao-para-cidadania/caderno-de-educacao-financeira-para-o-1o-ciclo>
- Diário de Notícias (2020). *Portugueses poupam hoje três vezes menos do que nos anos 70 e 80*. <https://www.dn.pt/dinheiro/portugueses-poupam-hoje-tres-vezes-menos-do-que-nos-anos-70-e-80-12984278.html>
- Dias, A., Oliveira, A., Pereira, C., Abreu, M., Alves, P., Basto, R., Silva, R., & Narciso, S. (2013). *Referencial de Educação Financeira para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico, o Ensino Secundário e a Educação e Formação de Adultos*. Ministério da Educação e Ciência.
- Dias, A., Santos, F., Figueiredo, I., Santos, J., Carreto, N., Silva, R., & Passos, S. (2019). *Referencial de Educação do Consumidor*. Ministério da Educação
- Ferreira, A. (2015). *Educação Financeira e Matemática*. Instituto Politécnico de Leiria. <http://hdl.handle.net/10400.8/1585>
- Ferreira, R. (2013). *Educação Financeira das Crianças e Adolescentes*. Escolar Editora.
- Fonseca, L. (2017). Literacia financeira de futuros professores: contributos da didática da matemática. Em Pires, M. V., Mesquita, C., Lopes, R. P., Santos, G., Cardoso, M., Sousa, J., Silva E., Teixeira, C. (Eds.). (2017). *Livro de atas do II Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE)*, pp. 720-728. Instituto Politécnico de Bragança. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/4960>
- Fonseca, L., & Bettencour, M. (2019). Interligando Educação Financeira e Matemática no Ensino Básica: Proposta didática para o 4.º ano. *Revista De Investigação E Divulgação Em Educação Matemática*, 3 (2), 59-71.
- Fonseca, L., & Santiago, A. (2019). *Matemática e Educação financeira: possíveis conexões*. *Educação e Matemática*, 154, 77-80.
- Gomes, T. (2017). Educação financeira: prioridade nacional. *Observador*. <https://observador.pt/opiniao/educacao-financeira-prioridade-nacional/>
- Gonçalves, M. (2019). Educação financeira e matemática: um caminho para a poupança. Estudo com alunos do 4.o ano de escolaridade. Instituto Politécnico de Viana do Castelo. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/2233>
- INEP. (2007, dezembro). *O que é o Pisa*. http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/o-que-e-o-pisa/21206
- INFE & OECD. (2012). *Guidelines on Financial Education at school and guidance on learning framework (final draft for public consultation)*.
- Leal, S. (2017). *Educação Financeira no 1.º CEB: Importância da poupança e do planeamento*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/1991>

- Lopes Da Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Lusa. (2021). Em ano de pandemia, taxa de poupança das famílias aumenta para 12,8%. *Notícias ao Minuto*. <https://www.noticiasao minuto.com/economia/1718823/em-ano-de-pandemia-taxa-de-poupanca-das-familias-aumenta-para-12-8>
- Martins, I. (2016). *Um trilho pela Educação Financeira: implementação de uma proposta didática baseada no REF*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/1762>
- Martins, I., & Fonseca, L. (2017). Uma abordagem à Educação Financeira com alunos do 3.º ano de escolaridade. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología Y Educación*, 4, 31-35. <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.04>
- Martins, G., Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J., Carrillo, J., Silva, L., Encarnação, M., Horta, M., Calçada, M., Nery, R., & Rodrigues, S. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Editorial do Ministério da Educação e Ciência. https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Meireles, C. (2020). *Dia Mundial da Poupança: entenda a importância das finanças pessoais na nossa vida*. ACTIVA. <https://activa.sapo.pt/lifestyle/2020-10-31-dia-mundial-da-poupanca-entenda-a-importancia-das-financas-pessoas-na-nossa-vida/>
- Moreira, C. D. (2007). *Teorias e práticas de investigação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Nunes, T. (1990). Construtivismo e alfabetização: um balanço crítico. *Educação em Revista*, (12), 21-32. Recuperado em 07 de julho de 2021, de http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46981990000200004&lng=pt&tlng=pt
- OECD. (2005). *Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness: Recommendation of the council*. <https://www.oecd.org/finance/financial-education/35108560.pdf>.
- OECD. (2006). *The Importance of Financial Education*. <https://www.oecd.org/finance/financial-education/37087833.pdf>
- OECD (2020). *PISA 2018 Results (Volume IV): Are Students Smart about Money?* PISA, OCDE Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/48ebd1ba-en>.
- OECD & INFE. (2012). *Financial Education in Schools* [brochura]. OECD. https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/FinEdSchool_web.pdf

- OECD Financial Education Project: Background and Implementation - OECD. (n.d.). OECD.
<http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/oecdfinancialeducationprojectbackgroundandimplementation.htm>
- Pontes, N. F. (2016). *Educação Financeira: uma abordagem da poupança com alunos do 4.º ano de escolaridade*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
<http://hdl.handle.net/20.500.11960/1792>
- Real, H. (2010). *Dia Mundial da Poupança*. Caixa Geral de Depósitos.
<https://www.cgd.pt/Institucional/Patrimonio-Historico-CGD/Estudos/Pages/Dia-Mundial-Poupanca.aspx>
- Santiago, A. (2015). *A Educação Financeira Escolar em Portugal*.
<http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/gepem.2015.025>.
- Saraiva, K. (2017). Os sujeitos endividados e a Educação Financeira. *Educar Em Revista*, 66.
<http://www.scielo.br/pdf/er/n66/0104-4060-er-66-157.pdf>
- Stuart, S. (2009). *Ensine Seu Filho a Cuidar do Dinheiro*. Gente.
- Taylor, S. J., & Bogdan, R. (1987). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. Paidós.
- Vale, I. (2004). Algumas notas sobre a investigação qualitativa em educação matemática: O Estudo de caso. *Revista da Escola Superior de Educação*, 5, 171–202.
- Vicente, M. C. (2015). “Um casaco para o cão.” In *Caderno de Educação Financeira – 1* (pp. 6–7). MEC.
<https://www.todoscontam.pt/sites/default/files/SiteCollectionDocuments/CadernoEducacaoFinanceira1.pdf>
- Vicente, M. C. (2015). “De mãos a abanar.” In *Caderno de Educação Financeira – 1* (pp. 14–15). MEC.
<https://www.todoscontam.pt/sites/default/files/SiteCollectionDocuments/CadernoEducacaoFinanceira1.pdf>
- Vicente, M. C., Ribeiro, J. M., Santos, F., & Pinheiro, C. (2015). *Caderno de Educação Financeira-1*. Editora Trinta Por Uma Linha.
<https://www.todoscontam.pt/sites/default/files/SiteCollectionDocuments/CadernoEducacaoFinanceira1.pdf>
- XXI Governo Constitucional. (2017). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Aprendizagens_Essenciais/estrategia_cidadania_original.pdf

ANEXOS

Anexo 1- Inquérito

Nome: _____ Data: __/__/____

As respostas a este questionário serão apenas analisadas no âmbito ao meu trabalho de investigação. Não existem respostas certas nem respostas erradas, por isso peço que respondas às questões com a máxima sinceridade.

Muito obrigada!

1. Tens mealheiro?

☐

Sim

☐

Não

2. Podes gastar o teu dinheiro sempre que queres?

☐

Sim

☐

Não

Justifica.

3. Em que é que costumas gastar o teu dinheiro? Podes apresentar vários exemplos.

4. Recebes semanada?

☐

Sim

☐

Não

5. Quem te dá a tua semanada?

☐

Pai

☐

Mãe

☐

Avó

☐

Avô

☐

Outra pessoa

6. Recebes mesada?

☐

Sim

☐

Não

7. Quem te dá a tua mesada/?

☐

Pai

☐

Mãe

☐

Avó

☐

Avô

☐

Outra pessoa

8. Sempre que vês alguma coisa de que gostas e tens dinheiro para a comprar, compras?

☐

Sim

☐

Não

Justifica a tua resposta.

9. O que é poupar? Explica por palavras tuas e se precisares dá exemplos.

10. É importante poupar? Por que dizes isso?

11. Sabes utilizar o teu dinheiro da forma correta, ou que precisas de mais informação para o fazer? Justifica a tua resposta.

12. Imagina que tens 100 €! Em que é que os gastavas?

13. Imagina que tens a oportunidade de participar num concurso. O prémio final são 30€. Gostavas de participar? Porquê?

14. Para cada opção, assiná-la com um X na coluna “Necessário” ou “Supérfluo”.

	Jogo para a consola	Arroz	Gomas	Brinquedos	Carne	20 camisolas
Necessário						
Supérfluo						

	Jantar fora	Ir ao cinema	Livros	Fruta	Bicicleta	Ir de férias	Telemóvel 5G
Necessário							
Supérfluo							

Anexo 2- “Que artigos comprarias?”

Pinta os objetos que comprarias e justifica as tuas respostas.



Justifica as tuas escolhas.

Anexo 3- “Um casaco para o cão”



NECESSIDADES E DESEJOS

Um casaco para o cão

Texto de Maria da Conceição Vicente



O Sol já se tinha escondido quando o Tomás entrou esbaforido pela porta da cozinha, seguido pelo Patacas, aos saltos, e pela Clara, muito séria. Tão séria que levou a mãe a perguntar:

– Aconteceu alguma coisa, Clarinha? Demoraram tanto a passear o Patacas!...

– *Ai, mãe, havias de ver! Havias de ver, mãe, um cão vestido!* – gritava o Tomás, agarrado ao pescoço da mãe com toda a força, coisa que só fazia quando queria alguma coisa em troca.

– Parvoíces do meu irmão, mãe – esclareceu a Clara. – *Este miúdo inventa maneiras de gastar dinheiro!*

O Tomás estava cada vez mais excitado, contagiando o Patacas que, de tanto saltar e dar ao rabo, derrubou a cesta da fruta.

– Mas o que vem a ser isto? – perguntou o pai, atraído pelo barulho na cozinha.



– Ó pai, eu quero comprar um casaco para o Patacas como o do cão da D. Aninhas, o Preguiças, sabes, pai?

– TU QUERES O QUÊ?!

– perguntaram pai e mãe, incrédulos e em coro.

– Sabiam que há fatos para cães... e bonés?...

– ... e ração, e coleiras contra os parasitas... É disso que eles precisam!



O Tomás insistia, completamente alheio ao que se dizia à sua volta, obcecado pela ideia de vestir o Patacas:

– A D. Aninhas disse que até há roupas e bonés iguais para os donos e para os cães. Já imaginaram eu e o Patacas de bonés iguais? Que fixe!

– Era o que faltava! Um rafeiro de casaca e cartola! Olha, compras no pronto a vestir ou leva-lo ao alfaiate? – perguntou a mãe, gracejando.

– Tu devias era pedir ao pai um caderno de exercícios para ver se melhoras a Matemática e uns ténis novos que esses já estão a rir-se de tanto jogares à bola – sugeriu a Clara.

– Pronto! Falou a menina bonita... a fingir que é responsável!

– Tu estás a pedir uma coisa completamente supérflua... para ti e para o coitado do Patacas, que havia de dar pinotes para se desfazer do embrulho! – continuou, calma e ponderada, a Clara.

– Que é isso, pai? Que é isso, mãe?... Esta miúda fala caro para fingir que é crescida!

– Supérfluo quer dizer desnecessário – explicou o pai. – Há coisas de que precisamos, mesmo, e que geram despesas indispensáveis: a alimentação, o vestuário, o material escolar...

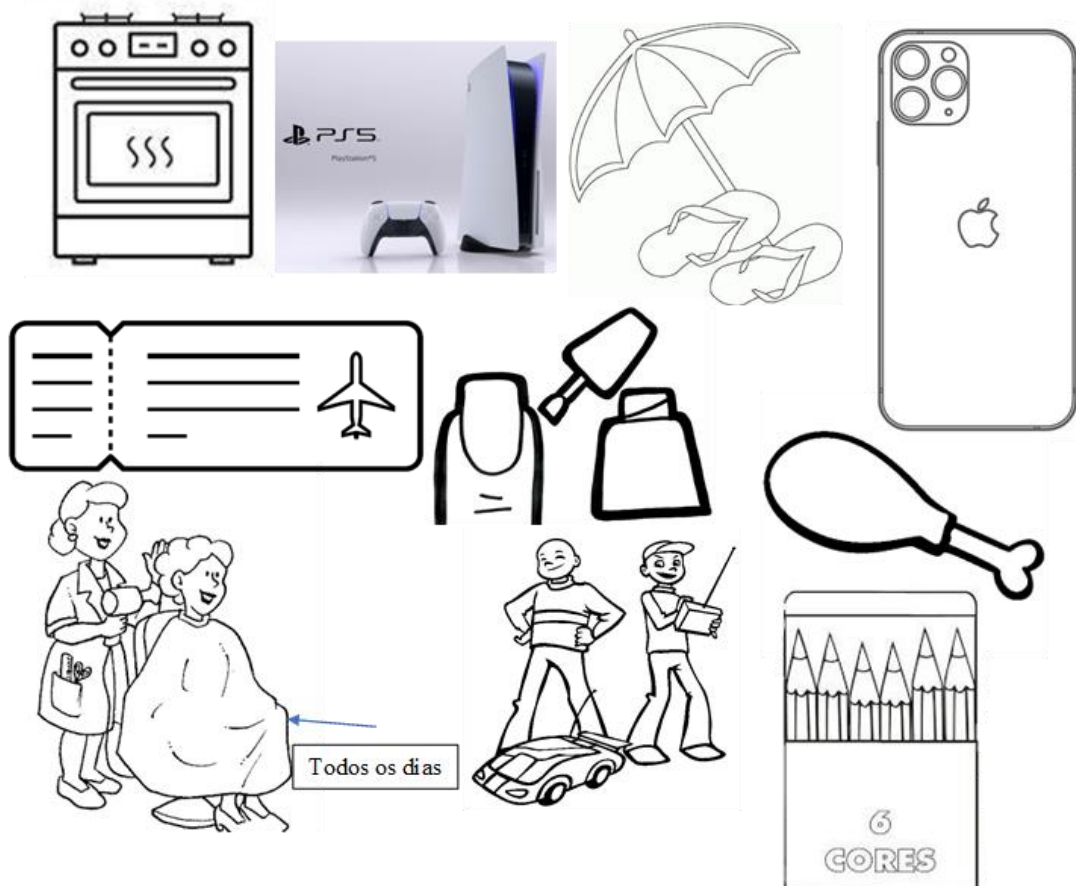
– ... outras são meros desejos, e às vezes fruto de um impulso de momento e das quais nos cansamos rapidamente – continuou a mãe. – Era o que te aconteceria se comprasses o casaco para o cão: no princípio achavas graça, depois...

– Mas tu tens um anel de brilhantes! Não é supérfluo, mãe?

– É e não é... É o meu anel de noivado. É claro que não é absolutamente necessário, mas marca uma data importante. Além do valor, que nunca perde, tem um significado muito especial. E para comprá-lo o pai fez muitas contas e muitos sacrifícios. Mas isso é outra conversa! **Por agora, o Patacas veste o pelo que tem e ponto final!**

Anexo 4- Itens necessários e supérfluos

Pinta com a mesma cor os elementos necessários e os elementos supérfluos com outra. Justifica as tuas respostas.



Justifica as tuas escolhas.

Anexo 5- “Os irmãos Poupas”

O Miguel e a Matilde são irmãos gêmeos e pertencem à família Poupas. Certo dia, os irmãos Poupas chegaram a casa muito agitados e a gritar pelo nome da mãe:

- Mãe, mãe! Onde andas? Precisamos de ti!

A mãe preocupada gritou da sala:

- Estou na sala meninos! O que se passa?

- Nada de especial mãe! - disse o Miguel- só precisamos que nos dê mais dinheiro. A nossa semanada já acabou. E já fiquei sem almoçar hoje.

- E eu preciso que me dê dinheiro para comprar uns sapatos novos. Chegaram esta semana à loja. -exclamou a Matilde.

- Mais dinheiro? -perguntou a mãe confusa- Ainda hoje é terça feira e já me estão a pedir dinheiro? Ainda vos dei a semanada ontem!

- Ó mãe anda lá. Não quero abrir o meu mealheiro. – explicou a Matilde.

- Desculpa Matilde, mas não te vou dar dinheiro para uns novos, tens imensos no teu quarto! – explicou a mãe um pouco aborrecida. – E quanto a ti Miguel, ficaste sem almoçar porque não gastaste o teu dinheiro com consciência.

- Mas, mas... Ó mãe eu vi umas gomas novas no bar da escola e quis experimentar. Ah, e também vi um brinquedo novo e quis comprar. – desculpou-se o Miguel.

Mal o Miguel acabou de falar entrou o pai e perguntou:

- Então, o que se passa aqui? Há reunião de família?

- Não há, mas se calhar devia haver! – disse a mãe um pouco aborrecida.

- Devia? – perguntou o pai confuso.

- Sim, sabias que ainda hoje é terça-feira e os teus filhos já gastaram a semanada toda? Ah, e mais, já vieram pedir mais dinheiro! – respondeu a mãe chateada.

- Sabem meninos, quando eu tinha a vossa idade, nem semanada tinha. Os meus pais não me podiam dar o dinheiro que eu e a vossa mãe vos damos. Muitas vezes nem comida tínhamos na mesa e então tínhamos de nos desenrascar com o que tínhamos. – explicou o pai.

- É verdade meninos. Nem todos os pais conseguem dar aos filhos uma semanada. E por isso, vocês deviam estar muito gratos e utilizar o vosso dinheiro com consciência. – completou a mãe.

- Então como é que faziam para comprar o que queriam? Pediam dinheiro aos avós? – perguntou a Matilde.

- Não filha. Eu sabia que os avós passavam algumas dificuldades e por isso percebia que não podia ter aquilo de desejava. De vez em quando, os avós faziam-me uma surpresa e com o dinheiro que lhes sobrava compravam-me um maminho e isso já me deixava feliz. – respondeu o pai.

- Mas mãe, tu e o pai trabalham, por isso têm dinheiro. Podiam dar-nos algum a mais! – pediu a Matilde.

- E nós damos. Todas as semanas damos-vos algum dinheiro. Mas vocês não o souberam gastar da forma correta e, por isso ficaram sem ele.

- E então? Como é que nós devemos gastar o nosso dinheiro? – perguntou o Miguel.

- Vão buscar um papel e uma caneta! – disse o pai.

Mal ouviram o pai a dizer isto, o Miguel e a Matilde começaram a correr para o escritório em busca de um papel e de uma caneta. Quando encontraram tudo o que precisavam voltaram para junto dos pais e disseram em conjunto:

- Pronto! Já temos papel e caneta. E agora? Em que é que isto nos ajuda a entender como gastar o nosso dinheiro?

- Vamos-vos ensinar a criar um orçamento. -disse a mãe.

- Um orçamento é algo que nos ajuda a gerir melhor o nosso dinheiro. Nesse orçamento temos de colocar as nossas receitas e as nossas despesas? – explicou o pai.

- Receitas? Mas quem guarda as nossas receitas médicas é a mãe. – disse confuso o Miguel – Ó mãe, podes-nos dar as nossas últimas receitas?

A mãe rindo-se respondeu:

- Não são as receitas médicas. Nos orçamentos, receitas ou rendimentos é o nome que se dá ao dinheiro que recebemos.

- Ah, já entendi. Então no nosso caso, as nossas receitas ou rendimentos é a semana que tu e o pai nos dão? – perguntou a Matilde.

- Sim filha, é isso. – respondeu o pai. – E as despesas são o dinheiro que gastamos.

- Mas não se esqueçam! – avisou a mãe. – As vossas despesas nunca podem ser superiores aos vossos rendimentos.

- Mas podem ser inferiores! – disse a Matilde animada.

- Claro, filha e é assim que se consegue poupar! – disse o pai.

- Por exemplo, eu e o vosso pai fazemos sempre um orçamento no início de cada mês e o dinheiro que nos sobra depois de pagar todas as despesas guardamos para uma situação inesperada. – explicou a mãe.

- Pois, se eu tivesse feito um orçamento no início da semana não tinha ficado hoje sem almoçar. Gastei o meu dinheiro em coisas supérfluas e depois não consegui assegurar as minhas necessidades. – constatou o Miguel.

- E eu ia gastar a minha semanada toda nuns sapatos quando tenho imensos lá em cima no quarto. Sabes mãe, acho que já não vou comprar os sapatos. Vou guardar esse dinheiro para outra altura, porque posso encontrar outra coisas que goste mais ou que me faça mais falta. - disse a Matilde.

- Muito bem meninos! Acho que já aprenderam a lição. – disse o pai.

- Mas agora não se esqueçam! É sempre bom ter algum dinheiro de parte para um imprevisto.

Anexo 6- Problemas

• Problema 1

O Ricardo vive com os seus pais e um irmão. Tanto ele como o seu irmão ainda frequentam a escola. O seu pai trabalha na fábrica da cidade e a sua mãe ficou sem emprego recentemente. Neste momento o salário do pai do Ricardo é de 750€ e a sua mãe recebe um subsídio de desemprego de 450€.

A família teve as seguintes despesas no mês anterior:

- | | |
|----------------------------|-----------------------------------|
| ▪ Eletricidade- 60€ | ▪ Idas ao estádio de futebol- 40€ |
| ▪ Água- 20€ | ▪ Telecomunicações- 70€ |
| ▪ Gás- 40€ | ▪ Transporte- 50€ |
| ▪ Empréstimo da casa- 250€ | ▪ Jantares fora- 60€ |
| ▪ Despesas de saúde- 30€ | ▪ Sapatilhas- 100€ |
| ▪ Alimentação- 250€ | ▪ Brinquedos- 50€ |
| ▪ Unhas de gel- 40 € | ▪ Livros- 30€ |

1.1. Atendendo a todas as informações acima, indica:

1.1.1. Quais os rendimentos da família do Ricardo?

1.1.2. Quais as despesas da família do Ricardo?

1.1.3. Indica quais as despesas necessárias e as despesas supérfluas da família no último mês. Justifica.

1.1.4. Como é que a família do Ricardo pode reduzir as suas despesas?

1.1.5. Elabora um orçamento mensal para a família do Ricardo.

(Tem em atenção as necessidades da família e os gastos supérfluos, bem como ter em atenção a quantia que sobra à família e o que deve fazer com ela).

1.2. Organiza as respostas às perguntas anteriores de modo a que possas apresentá-las à turma. Podes criar um cartaz, criar um powerpoint, desenhos, entre outras opções).

- **Problema 2**

O Eduardo já frequenta a universidade, numa cidade diferente daquela onde morava e não consegue conciliar os estudos com um trabalho. Recentemente o pai do Eduardo ficou sem emprego, pois a empresa onde trabalhava fechou, devido ao COVID-19. É importante referir que a empresa pagou uma indemnização ao pai do Eduardo de 6000€. No que diz respeito à mãe do Eduardo, sabemos que recebe por mês 800€. Sabemos também que o Eduardo recebe uma bolsa de estudo com o valor mensal de 100€.

Para além destes rendimentos, sabe-se que esta família tem uma conta poupança com 10000€. A família pode depositar dinheiro nessa conta, contudo só podem retirar dinheiro dela a partir do próximo mês. Se quiserem mexer nesta conta antes do tempo previsto têm de pagar uma taxa de 0,50 por cada 100€ que precisarem de retirar.

A família teve as seguintes despesas no mês anterior:

- | | |
|----------------------------|----------------------------------|
| ▪ Eletricidade- 35€ | ▪ Roupas de luxo- 100€ |
| ▪ Água- 15€ | ▪ Telecomunicações- 65€ |
| ▪ Gás- 20€ | ▪ Transporte- 60€ |
| ▪ Empréstimo da casa- 250€ | ▪ Jantares fora- 60€ |
| ▪ Despesas de saúde- 75€ | ▪ Roupas e calçado- 100€ |
| ▪ Alimentação- 225€ | ▪ Despesas da universidade- 300€ |

1.1. Atendendo a todas as informações acima, indica:

1.1.1. Quais os rendimentos da família do Eduardo?

1.1.2. Quais as despesas da família do Eduardo?

1.1.3. Indica quais as despesas necessárias e as despesas supérfluas da família no último mês. Justifica.

1.1.4. A família do Ricardo quer fazer uma viagem utilizando o dinheiro da sua conta poupança. Sabe-se que precisam de 2000€ para fazer essa viagem. Que valor terão de pagar ao banco para conseguirem levantar esse dinheiro?

1.1.5. Elabora um orçamento mensal para a família do Ricardo.

(Tem em atenção as necessidades da família e os gastos supérfluos, bem como ter em atenção a quantia que sobra à família e o que deve fazer com ela).

- 1.2. Organiza as respostas às perguntas anteriores de modo a que possas apresentá-las à turma. Podes criar um cartaz, criar um powerpoint, desenhos, entre outras opções).

- **Problema 3**

A Raquel vive com o seu marido e os seus dois filhos. Um dos seus filhos ainda é bebé e o outro ainda se encontra a estudar.

O seu marido é informático numa empresa e que tem um salário de 1200€. Por ter sido mãe há pouco tempo, a Raquel recebe 750€ provenientes da sua licença de maternidade.

A família teve as seguintes despesas no mês anterior:

- | | |
|--------------------------|--------------------------------------|
| ▪ Eletricidade- 50€ | ▪ Material escolar- 20€ |
| ▪ Água- 15€ | ▪ Alimentação- 300€ |
| ▪ Idas ao cinema- 50€ | ▪ Vestuário para bebé- 200€ |
| ▪ Artigos de luxo- 150€ | ▪ Telecomunicações- 60€ |
| ▪ Gás- 30€ | ▪ Transporte- 50€ |
| ▪ Renda da casa- 300€ | ▪ Fins de semana fora- 300€ |
| ▪ Despesas de saúde- 75€ | ▪ Fraldas e produtos de higiene- 40€ |

- 1.1. Atendendo a todas as informações acima, indica:

1.1.1. Quais os rendimentos da família da Raquel?

1.1.2. Quais as despesas da família da Raquel?

1.1.3. Indica quais as despesas necessárias e as despesas supérfluas da família no último mês.

1.1.4. Como é que a família da Raquel pode reduzir as suas despesas?

1.1.5. Elabora um orçamento mensal para a família da Raquel.

(Tem em atenção as necessidades da família e os gastos supérfluos, bem como ter em atenção a quantia que sobra à família e o que deve fazer com ela).

- 1.2. Organiza as respostas às perguntas anteriores de modo a que possas apresentá-las à turma. Podes criar um cartaz, criar um powerpoint, desenhos, entre outras opções).

- **Problema 4**

A Inês decidiu sair da casa dos pais há dois meses, pois arranjou trabalho.

Ao longo dos anos foi depositando algum dinheiro na sua conta poupança, tendo agora 8500€. Apesar de existir esta conta, a Inês terá de pagar uma taxa 0,25€ por cada 50€ se quiser retirar algum dinheiro de lá.

No seu novo emprego recebe um salário de 900€, contudo agora que mudou de casa tem algumas despesas que antes não tinha:

- | | |
|--------------------------|-------------------------|
| ▪ Eletricidade- 20€ | ▪ Alimentação- 150€ |
| ▪ Água- 10€ | ▪ Cabeleireiro- 50€ |
| ▪ Saídas à noite- 35€ | ▪ Vestuário- 75€ |
| ▪ Artigos de luxo- 150€ | ▪ Telecomunicações- 30€ |
| ▪ Gás- 15€ | ▪ Transporte- 30€ |
| ▪ Renda da casa- 300€ | ▪ Livros- 30€ |
| ▪ Despesas de saúde- 25€ | ▪ Idas ao café- 20€ |

1.1. Atendendo a todas as informações acima, indica:

1.1.1. Quais os rendimentos da Inês?

1.1.2. Quais as despesas da Inês?

1.1.3. Indica quais as despesas necessárias e as despesas supérfluas da família no último mês.

1.1.4. Se a Inês quiser comprar uma mala de marca com o dinheiro da sua conta poupança que custe 500€, que quantia terá de pagar ao banco por levantar o dinheiro?

1.1.5. Elabora um orçamento mensal para a da Inês.

(Tem em atenção as necessidades e os gastos supérfluos, bem como ter em atenção a quantia que sobra e o que deve fazer com ela).

1.2. Organiza as respostas às perguntas anteriores de modo a que possas apresentá-las à turma. Podes criar um cartaz, criar um powerpoint, desenhos, entre outras opções).

- **Problema 5**

A Matilde vive com os seus pais e as suas duas irmãs. Tanto a Matilde como uma das suas irmãs ainda frequentam a escola. O seu pai trabalha numa oficina de reparação de automóveis, a sua mãe na loja de vestuário da cidade e a sua irmã mais velha num restaurante. Em relação aos salários, o pai da Matilde recebe 800€, a sua mãe 825€ e a sua irmã 750€. Sendo que a irmã mais velha ajuda os seus pais com as despesas dando-lhes 25% do seu ordenado.

Cada uma das irmãs tem uma conta no banco onde depositam o dinheiro que lhes sobra da sua mesada dada pelos avós (depositam 15€ por mês). Sabe-se também que os pais depositam em cada uma das contas das filhas 35€ por mês.

A família teve as seguintes despesas no mês anterior:

- | | |
|----------------------------|--|
| ▪ Eletricidade- 70€ | ▪ Cabeleireiro-50€ |
| ▪ Água- 35€ | ▪ Telecomunicações- 85€ |
| ▪ Gás- 45€ | ▪ Transporte- 70€ |
| ▪ Empréstimo da casa- 300€ | ▪ Jantares fora- 60€ |
| ▪ Despesas de saúde- 75€ | ▪ Roupas e calçado- 120€ |
| ▪ Alimentação- 350€ | ▪ Depósito nas contas das filhas- 105€ |

1.1. Atendendo a todas as informações acima, indica:

1.1.1. Quais os rendimentos da família da Matilde?

1.1.2. Quais as despesas da família da Matilde?

1.1.3. Indica quais as despesas necessárias e as despesas supérfluas da família no último mês.

1.1.4. Sabendo que para as irmãs retirarem dinheiro das suas contas têm de pagar ao banco 0,60€ por cada 5€, indica o valor que tinham de pagar se quisessem levantar 30€

1.1.5. Elabora um orçamento mensal para a família da Matilde.

(Tem em atenção as necessidades e os gastos supérfluos, bem como ter em atenção a quantia que sobra e o que deve fazer com ela).

1.2. Organiza as respostas às perguntas anteriores de modo a que possas apresentá-las à turma. Podes criar um cartaz, criar um powerpoint, desenhos, entre outras opções).

- **Problema 6**

O José vive com a sua esposa. Juntos querem fazer uma viagem que custa 2500€. Para isso, abriram uma conta poupança no banco e decidiram lá colocar 200€ por mês.

Tanto o José como a sua esposa têm um salário de 950€. No mês passado tiveram as seguintes despesas:

- | | |
|----------------------------|-----------------------------------|
| ▪ Eletricidade- 35€ | ▪ Idas ao estádio de futebol- 35€ |
| ▪ Água- 20€ | ▪ Telecomunicações- 45€ |
| ▪ Gás- 35€ | ▪ Transporte- 40€ |
| ▪ Empréstimo da casa- 250€ | ▪ Jantares fora- 60€ |
| ▪ Despesas de saúde- 25€ | ▪ Roupas e calçado de luxo- 125€ |
| ▪ Alimentação- 200€ | ▪ Unhas de gel- 35€ |

1.1. Atendendo a todas as informações acima, indica:

1.1.1. Quais os rendimentos da família do José?

1.1.2. Quais as despesas da família do José?

1.1.3. Indica quais as despesas necessárias e as despesas supérfluas da família no último mês. Justifica.

1.1.4. Sabendo que a cada mês o banco deposita na conta poupança 0,10€ por cada 100€ que tenham depositado na conta, ao fim de 1 ano quanto é que o casal terá na sua conta?

1.1.5. Elabora um orçamento mensal para a família do José.

(Tem em atenção as necessidades e os gastos supérfluos, bem como ter em atenção a quantia que sobra e o que deve fazer com ela).

1.2. Organiza as respostas às perguntas anteriores de modo a que possas apresentá-las à turma. Podes criar um cartaz, criar um powerpoint, desenhos, entre outras opções).

Anexo 7- Meios de pagamento

Meios de pagamento

Como se faziam pagamentos antes da moeda existir?

- Antigamente, as negociações eram feitas na base da troca, por exemplo:
 - O padeiro quando queria comprar leite, tinha de se dirigir a um leiteiro e perceber se ele estava a precisar ou não de pão, pois se o leiteiro não precisasse do pão não aceitava a troca e o padeiro ficava sem o leite.
- Isto dificultava muito as negociações.

- À medida que o comércio ia crescendo, a necessidade de facilitar as negociações também aumentava, e para isso escolheu-se um produto que tivesse o mesmo papel que a moeda: o trigo.



- No caso dos astecas, utilizavam sementes de cacau.



- O sal também era utilizado por muitos países como “moeda”, e é por causa deste produto que surgiu a palavra salário.

Apesar de tudo isto, ainda era difícil realizar as trocas comerciais, por isso foi criado o dinheiro.

As primeiras moedas

- Nem sempre eram redondas e os desenhos delas representavam situações do dia a dia dos povos.



- O dinheiro que conhecemos hoje só surgiu muito tempo depois.
- Com o crescimento do uso das moedas foi necessário criar lugares onde estas pudessem ser guardadas, os bancos.
- Com o aparecimento dos bancos surgiram outros meios de pagamento, como por exemplo:

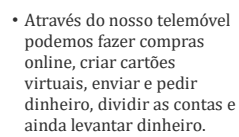
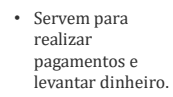
Cadernetas



- Serviam apenas para levantar dinheiro.

A vertical decorative bar on the left side of the page, featuring a repeating pattern of various currency symbols including the dollar sign (\$), pound sterling (£), euro (€), and yen (¥) in a golden-yellow color.

- São um meio de pagamento em papel.
- Já não são tão utilizados como antes



MOEDAS
NOTAS
CARTÃO DE CRÉDITO

Anexo 8- Planificação da tarefa 2

Mestrandas: Fátima Peres e Cíntia Rocha			Ano de escolaridade: 4.º N.º alunos: 22	
Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/recursos/ espaços físicos	Avaliação
<u>Educação financeira</u>	- Compreender que existem bens necessários e bens supérfluos;	Para iniciar a exploração dos conceitos de bem necessário e bem supérfluo, a PE deverá entregar uma folha com diferentes imagens aos alunos e estes terão apenas de pintar os objetos que comprariam. Após todos os alunos terem terminado de pintar os objetos escolhidos, a PE deverá fazer no quadro um levantamento das opções. De seguida deverá colocar a seguinte questão: • Imaginem que vão de férias para o Algarve. Quais dos objetos que vocês escolheram é que vos iam fazer falta? • E para irem para a escola, quais são os objetos que vos iam fazer falta? (lápis, caneta, borracha, afia, cadernos, manuais, entre outros) • Depois desta nossa conversa, existem bens/objetos que são necessários? (sim)	Anexo 1	O aluno: - Entende a diferença entre necessário e supérfluo;

	- Enunciar bens necessários para o dia a dia; - Enunciar bens necessários para uma situação em específico; - Perceber que os bens necessários se alteram;	• Quais são os bens necessários para o nosso dia a dia? (roupa, calçado, comida, máscara, álcool gel, entre outros) Sempre que os alunos partilharem a sua opinião, estes devem justificá-la, pois o que não é necessário para uma pessoa pode ser para outra. • E para um dia solarengo no campo? (mochila, comida, roupa e calçado confortável, chapéu, protetor solar, entre outros) • E para um dia de chuva? (casacos, chapéus de chuva, botas, entre outros) É importante referir que estas informações devem ser escritas no quadro pela PE. • Os bens necessários são sempre os mesmos, ou alteram-se consoante as situações? (alteram-se) Posto isto, a PE deverá informar os alunos de que irão ler um texto (“Um casaco para o cão” Texto de Maria da Conceição Vicente) que os ajudará a perceber melhor a distinção entre o conceito de bem necessário e de bem supérfluo. Depois da leitura da história, a PE deve questionar os alunos:	Anexo 2 + perguntas sobre o texto	- Identifica bens necessários; - Reconhece que os bens necessários se podem alterar consoante as situações;
--	--	---	--	---

	- Identificar bens necessários e bens supérfluos;	Para terminar a exploração destes conteúdos, a PE deverá entregar novamente a cada aluno uma folha com diferentes objetos e estes devem pintar com a mesma cor os necessários e com outra cor os supérfluos. Na mesma folha, os alunos terão um espaço para justificarem as suas escolhas.	Anexo 3	- Seleciona os bens necessários e os supérfluos.
--	---	--	---------	--

Anexo 9- Planificação da tarefa 3

Mestrandas: <u>Fátima Peres</u> e Cíntia Rocha			Ano de escolaridade: 4.º	
			N.º alunos: 22	
Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/recursos/ espaços físicos/ tempo	Avaliação
<u>Matemática</u> <u>Educação</u> <u>Financeira</u>	- Entender o conceito de poupança, bem como a sua importância; - Conhecer o conceito de rendimento e de despesa; - Retirar do texto as informações mais importantes;	Nesta aula deverá ser feita uma abordagem ao conceito de poupança, bem como a sua importância. Para que os alunos percebam que os orçamentos são essenciais à poupança, a PE deverá apresentar um texto inspirado no de Maria da Conceição Vicente. Depois de lido o texto deverá realizar alguns perguntas de interpretação. • O que é que aconteceu aos irmãos Poupas? (<i>gastaram a sua semana e queriam que os pais lhes dessem mais dinheiro</i>) • Em que é que o Miguel gastou o dinheiro? (<i>em gomas e em brinquedos</i>) • Eram necessidades ou coisas supérfluas? (<i>supérfluas</i>) • Depois de conversarem com os pais o que é que os pais lhes ensinaram a fazer? (<i>orçamento</i>) • O que é um orçamento? (<i>é algo que nos ajuda a gerir as nossas receitas e as nossas despesas</i>)	Texto	O aluno: - Reconhece a poupança como algo importante; - Distingue os conceitos de rendimento e despesa; - Utiliza as informações do texto para responder a questões;

	• O que são receitas? (é o dinheiro que recebemos) • E despesas? (o dinheiro que gastamos) • O que se deve fazer ao dinheiro que nos sobra depois de pagar todas as despesas? (poupar) • Para que é que devemos poupar? (para comprar coisas que desejamos)		
- Consolidar as aprendizagens;	Para consolidar as aprendizagens e os conceitos abordados, cada aluno terá de preencher um esquema e responder a três questões.	Esquema	- Completa o esquema;
- Entender quais as despesas necessárias e as despesas supérfluas;	Feita esta atividade, a PE terá de dividir a turma em 6 grupos e cada um deles terá de resolver um problema diferente. Na próxima semana de implementação, as respostas serão partilhadas, para que os alunos entendam que a poupança é essencial e que para a conseguir é necessário realizar orçamentos. Esta apresentação pode ser realizada de diferentes maneiras, como por exemplo utilizando cartazes, recorrendo à escrita ou até mesmo em suporte digital.	Problemas	- Entende que existem despesas necessárias e despesas supérfluas;
- Reconhecer que nem todas as famílias têm as mesmas despesas e os mesmos rendimentos;	Com esta tarefa, os alunos conseguem entender que todos nós temos despesas e rendimentos diferentes. Contudo temos de ser organizados para que consigamos fazer face aos imprevistos da nossa vida.		- Reconhece que nem todos temos as mesmas despesas e os mesmos rendimentos
- Entender a importância dos orçamentos no			

	exercício da poupança; - Sintetizar todas as aprendizagens.	Por fim deverão ser feitas algumas questões e as respostas devem ser organizadas num esquema síntese. • Para que serve um orçamento? (para nos ajudar a gerir as nossas despesas e as nossas receitas) • Pode ajudar à poupança? (sim) • Para que serve a poupança? (para conseguirmos comprar coisas que desejamos, mas também para algum imprevisto)		- Identifica o orçamento como sendo essencial à poupança; - Cria um esquema síntese;
--	---	---	--	--

Anexo 10- Planificação da tarefa 4

Mestrandas: <u>Fátima Peres</u> e Cíntia Rocha			Ano de escolaridade: 4.º	
			N.º alunos: 22	
Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/recursos/ espaços físicos/ tempo	Avaliação
<u>Educação Financeira</u>	- Saber como reagir ao imprevisto;	Para iniciar a abordagem ao tema do imprevisto, irei informar os alunos de que o projetor provisório que se encontra na sala avariou e que por isso não tenho como lhes apresentar o PowerPoint que tinha preparado. Posto isto, irei pedir aos alunos que nos seus cadernos diários escrevam algumas alternativas que resolvam o meu problema, justificando as suas escolhas. Após todos os alunos terem escrito no seu caderno as alternativas que acham mais convenientes iremos fazer o seu levantamento no quadro. É importante referir que todos os alunos terão a hipótese de justificar as suas escolhas. De seguida iremos analisar todas as alternativas e classificá-las, tendo em conta três categorias: • Alternativas mais fáceis; • Alternativas “amigas do ambiente” (sustentáveis); • Alternativas económicas.	15'	O aluno: - Tem em conta diferentes aspetos quando toma uma decisão;

Anexo 11- Planificação da tarefa 5

Mestrandas: <u>Fátima Peres</u> e Cíntia Rocha			Ano de escolaridade: 4.º N.º alunos: 22	
Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/recursos/ espaços físicos/ tempo	Avaliação
<u>Educação Financeira</u>	- Conhecer os diferentes meios de pagamentos; - Identificar qual o melhor meio de pagamento para cada produto.	A PE deverá apresentar à turma um Powerpoint onde a história do dinheiro é abordada. Com este PowerPoint, os alunos deverão ficar a conhecer os seguintes meios de pagamento: • Troca direta; • Moeda; • Cartão de crédito; • Cheques; • Transferências (bancárias, por MB Way) No final do powerpoint os alunos terão de associar um meio de pagamento a diferentes produtos.	Powerpoint	O aluno: - Identifica alguns meios de pagamento; - Associa o melhor meio de pagamento a cada produto.

Anexo 12- Planificação da tarefa 6

Mestrandas: <u>Fátima Peres</u> e Cíntia Rocha			Ano de escolaridade: 4.º	
			N.º alunos: 22	
Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/recursos/ espaços físicos/ tempo	Avaliação
<u>Educação Financeira</u>	- Perceber que uma quantia reduzida de dinheiro dá para comprar muita coisa essencial; - Contactar com diferentes promoções e tipos de produto; - Criar uma ementa para 4 pessoas; - Conhecer as doses	A PE deverá realizar a seguinte questão: - Se tivessem 5€ em que é que os gastavam? Após esta questão, a PE deverá informar o grupo que apesar de ser uma quantia pequena de dinheiro é possível comprar muitos bens necessários. Para que os alunos percebam melhor, a PE deverá dividi-los em grupos de 2 e de 4 elementos. Cada grupo, acedendo aos sites dos supermercados, bem como a folhetos das superfícies comerciais, terá a oportunidade de elaborar uma ementa para quatro pessoas (dois adultos e duas crianças de 9 e 10 anos) e terão ao seu dispor apenas 5€. A refeição deverá ter um prato principal e uma sobremesa. Antes de os alunos iniciarem a atividade, a PE deve relembrar os alunos: - Um adulto deve ingerir por refeição apenas: 90 g de arroz; 100 g de massa; 2 batatas; 40 g de leguminosas (ervilhas, favas, lentilhas, etc);	Folhetos Tablets	O aluno: - Entende que com 5€ se pode comprar muita coisa; - Analisa as promoções e escolhe a melhor; - Cumpre o orçamento e cria uma refeição equilibrada;

	recomendadas por refeição.	• 100 g de carne/peixe • Uma criança deve ingerir por refeição apenas: • 60 g de arroz; • 21 g de peixe/carne; • 26 g de leguminosas; • 1 batata • 65 g de massa		- Entende que as crianças não comem tanto como os adultos;
--	----------------------------	--	--	--